



Concurso Literário

Médicos do
Paraná 2019

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de
Munhoz Pitaki

Concurso Literário 2019

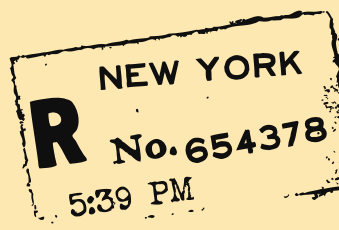
Um passaporte para
a literatura



Associação Médica do Paraná
Conselho Regional de Medicina do Paraná
Academia Paranaense de Medicina
SOBRAMES - PR

Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

1ª Edição
Curitiba 2019
CRM-PR



Pitaki, Sérgio Augusto de Munhoz
Concurso Literário Médicos do Paraná /
Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki. -
Curitiba:2019.
232 p.

978-85-92804-08-4

1. Poesia
2. Contos

Coordenação e Edição

Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Diagramação

Letícia Ferreira/Vicente Design

Capa

Letícia Ferreira/Vicente Design

Ilustrações

Freepick.com

Gráfica

Capital

Revisão

Caibar Pereira Magalhães Júnior

Realizadores



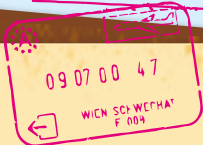
Associação
Médica do
Paraná
Universidade
Corporativa



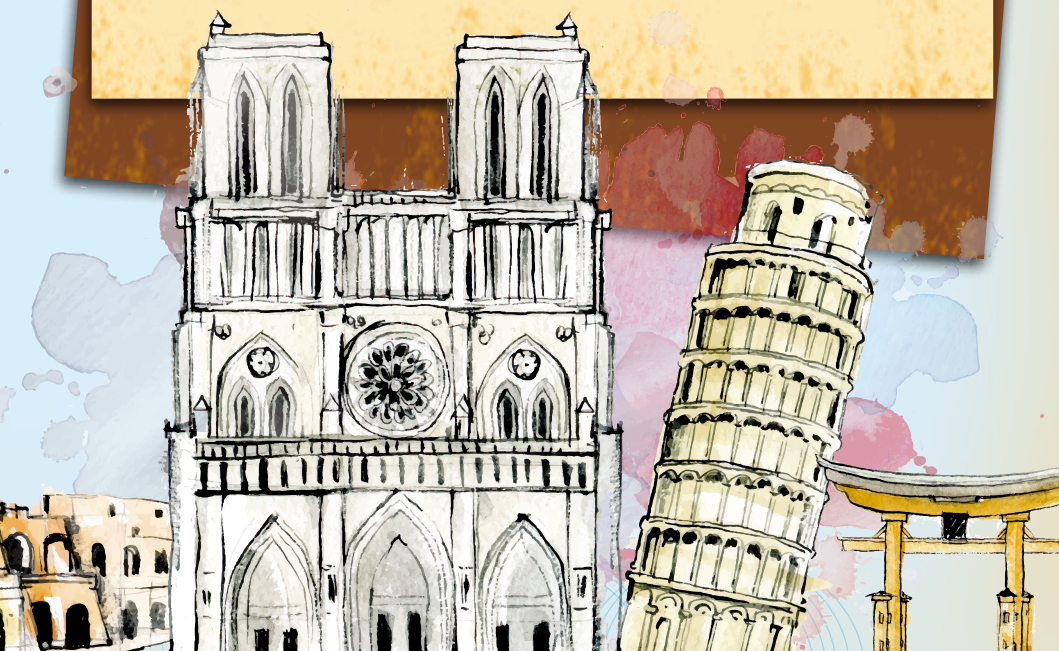
CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ



BY AIR MAIL
PAR AVION



Prefácio



Mensagem da Associação Médica do Paraná

Façam as malas, vamos viajar.

Desconheço quem não se anime ao ouvir essa frase. Remete-nos à infância, quando, às vésperas das férias, víamos a agitação em casa, em geral nas férias mais prolongadas de verão, em que o encerramento do ano culminava com as festas de Natal e o tão aguardado Ano Novo. É claro que os presentes fazem parte da comemoração.

As viagens podem ser a *trabalho* (menos interessantes, porque a agenda é limitada e exige horários rígidos), para *aprimoramento* (em que reciclamos conhecimentos e confrontamos nossa maneira de atuar em nossas profissões), ou para *lazer* — sem dúvida, as melhores, pois além de ficarmos com a família, estamos descansando para voltar de modo revigorado ao ritmo de vida a que somos submetidos diariamente, principalmente na profissão médica.

Nesta edição do Concurso Literário, e já é a 4ª, realizada em parceria com o Conselho Regional de Medicina e a Academia Paranaense de Medicina, o tema *viagem* é muito oportuno. Via de regra, os médicos, ao fazerem suas viagens, costumam planejá-las com antecedência, estudando aonde ir e o que visitar (locais históricos, peças de teatro, gastronomia). Afinal, viajar é uma arte, tanto na primeira classe quanto na classe econômica. Tudo tem seu *glamour* e público.

Aproveitem a leitura desta literatura, pois viajar é uma arte e arte é a medicina.



Dr. Nerlan T. G. de Carvalho
Presidente



“A palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são nossa única realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade”. Assim definiu a *palavra* o escritor e diplomata mexicano Octavio Paz (1914-1998), Nobel de Literatura em 1990, que interpretava a poesia como uma forma natural de convivência entre as pessoas, porta aberta para o diálogo com o mundo à sua volta. Ou seja, como tudo é linguagem, tudo significa.

O Concurso Literário Médicos do Paraná nasceu como mecanismo de crescimento, de compartilhamento de ideias, de visões, de olhar poético... A trilha sonora inerente a cada um nasceu simples, sem o rigor da régua de uma banca intelectualizada, pois não era esse o seu objetivo. Propunha o despertar do gosto pela literatura, sob inspiração de poesias, contos e crônicas erigidas do cotidiano ao imaginário de colegas e estudantes. Afinal, temos como necessidades prementes o ler, o pensar e o praticar. Só assim seremos pessoas ou profissionais melhores.

Mensagem do Conselho Regional de Medicina do Paraná

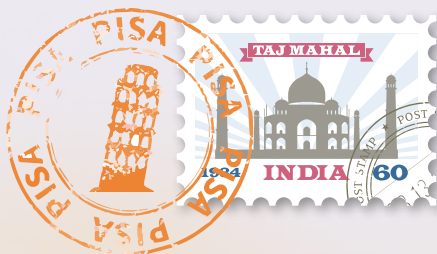




Nesse processo de amadurecimento, ao avançar para a sua quarta edição, o certame mostrou não haver necessidade de sofisticação, mas de uma mensagem amparada na arte da leitura da alma de cada um. E nesse contexto multifário, que agrupa sem necessariamente um juízo de patamares de conhecimento e intelectualidade, fica a certeza de que se trata de uma obra, escrita em sequência, de valor imensurável para aqueles que se envolvem no bom caminho trilhado entre Ciência e Arte. Ou que simplesmente se deixem levar ao passeio imaginário ou real ofertado.

O Conselho de Medicina do Paraná, em nome dos médicos e estudantes, sente-se honrado em participar deste projeto e estimulá-lo, entendendo-o como instrumento relevante para o fortalecimento dos ditames hipocráticos, do bom nome da Medicina e das relações humanas. A sensibilidade presente em cada uma das obras nos permite refletir sobre a grandiosidade da profissão, ancorada em virtudes como a compreensão, a ética, a beneficência e o respeito à pluralidade de pensamentos.

Cons. Roberto Issamu Yosida, Presidente do CRM-PR.



Mensagem da Academia Paranaense de Medicina

No ano de comemoração dos 40 anos de existência da nossa Academia Paranaense de Medicina, a Presidência, em nome da Diretoria e demais Acadêmicos Titulares, Honorários e Eméritos, mais uma vez tem a satisfação de relatar suas atividades científicas e culturais.

Assim, novamente, com satisfação de dever cumprido, a Academia, junto com a área médica, participa do Concurso Literário dos Médicos do Paraná — Edição 2019, que, mais uma vez, é conduzido brilhantemente pelo nosso Acadêmico Titular Professor Doutor Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki, Diretor de Publicações e entusiasta Presidente da SOBRAMES — Regional do Paraná.

A realização deste Concurso Literário proporciona aos médicos e estudantes de Medicina do Paraná a oportunidade de mostrarem sua capacidade e criatividade de escritores.

Portanto, este Concurso insere nossa Academia na relação das Associações de Classe que divulgam a cultura literária do nosso país.

Finalmente, parabenizamos os acadêmicos e médicos que muito contribuíram com esta edição.

Acadêmico Titular

Doutor Avelino Ricardo Hass

Presidente da Academia Paranaense de Medicina



Mensagem do Presidente da Sobrames Regional PR

PASSA PORTO

Metáforas.

O “passaporte” é uma das metáforas preferidas por muitos.

Cito a Educação, que, somada ao Trabalho e ambos somados à Cultura, são um PASSAPORTE para uma vida plena, com dignidade.

Conta a história (leia-se internet) que, pelo ano de 450 a.C., um oficial servidor do Rei Artaxerxes I, da Pérsia antiga, pediu permissão para ir a Judá. O rei concordou e lhe deu uma carta destinada “aos governantes da província do outro lado do rio”, requisitando para ele segurança, enquanto estivesse em terras estrangeiras.

A denominação desse documento é controversa. Dizem que surgiu na França durante o reinado de Luís XIV. O soberano fornecia a seus favorecidos cartas requerendo a passagem dos portadores pelos portos. Essas missivas eram intituladas *Passe Port*. Literalmente, significa “passar por um porto” no idioma francês, no qual a palavra para passaporte é *pasport*.

Outras fontes afirmam ser o termo oriundo da Idade Média quando documentos emitidos por autoridades locais pediam autorização para seus protegidos poderem passar pelos portões (*porte*) dos muros das cidades.



Independentemente da sua origem, atualmente é tido como necessário para saída e para entrada em terras estrangeiras.

O Concurso Literário dos Médicos do Paraná é, sem dúvida, uma passagem da literatura médica, à qual estamos afeitos desde as primeiras horas nos bancos da faculdade de Medicina, para a literatura, *lato sensu*.

A originalidade desse certame é a confluência de interesses de entidades médicas, que, na sua mais pura forma de existir, exaltam os médicos a refletirem sobre sua existência e sua arte.

Como coordenador, sou testemunha intrínseca de que esse passaporte é válido! É uma autorização para a entrada em um Universo de ideias, unidas pelas palavras em prosa e verso.

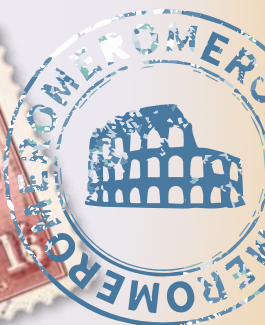
Sou muito grato pela oportunidade de conhecer esses colegas e futuros colegas, médicos escritores que reservaram um tempo para ultrapassar essa alfândega intelectual, do científico para o Multiverso, ou seja, para os múltiplos Universos em que vivemos: espaço, tempo, energia, amizade, desejo, consciência, compaixão e com toda a complexidade da poesia — a flor, a dor e o amor.

Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Coordenador do

Concurso Médico Literário do Paraná 2019

Presidente SOBRAMES Regional Paraná



Sumário

U.S. POSTAGE
EAGLE
DELIVERED



Mensagem do Presidente da AMP	04
Mensagem do Presidente do CRM	05
Mensagem do Presidente da Academia Paranaense de Medicina	07
Mensagem do Coordenador e Presidente da Sobrames PR.	08
Comissão julgadora	16
Uaaaaaaaau!	
Jeanine Berbel	17
Medicina digital	
Jacemar Cristina Rocha da Costa	18
Soneto do amor amanhecido	
Caio César Silva de Castro	19
"Espelho, espelho meu!"	
Fernanda Musse	20
Vérmina	22
Ícaro	23
Êxito letal	
Daniel de Barros Franco	24
Tempos de infância	
Leandro Ribas	25
Marcos Antonio Tosi Junior	27
Vida a dois	28
Úrsula Bueno do Prado Guirro	
O violão que falou	
Caio Murilo de Almeida	30
Um amor maior que amar	
Diego Arcanjo	32
Obra alquímica	
Raquel Lautenschlager Santana Proença	33
Arritmia	
Patrick Kobayashi Rodrigues	35
Ondas do mar	
Hélcio Giffhorn	37
Eis que achei o tempo	
César Antônio Caldart	38





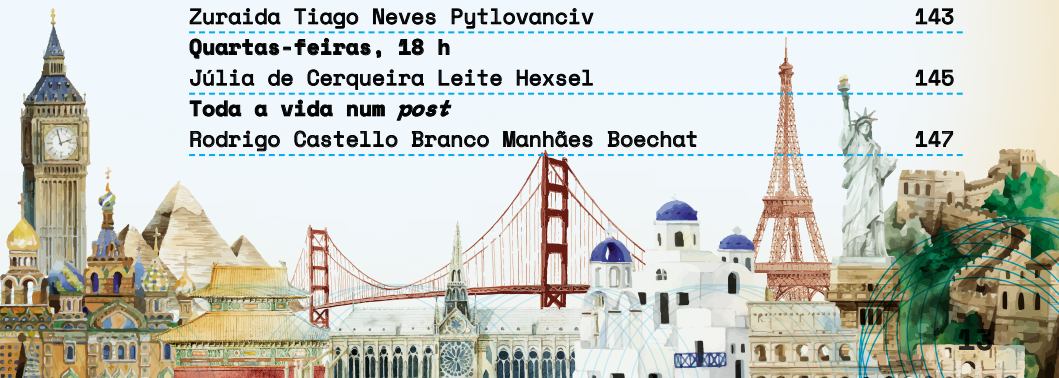
Monalisa	
Deise de Abreu e Silva Tuppan Mattos	40
Sacramento	
Daniel Pereira	42
Aqueles segundos antes da prova	
Yuki Rezende Shibata	43
Holisticando o processo...	
Isabeli Lopes Kruk	45
Soneto em honra ao doente	
Bruno Henrique Ribeiro Valério	46
Perder e ganhar	
Lorivaldo Minelli	47
Amor secreto	
Reginaldo Werneck Lopes	49
Oração dos Médicos Recém-Formados	
Thiago Magalhães de Souza	50
Personificação	
Victória Ribeiro de Medeiros	51
A antilógica ou a lógica divina	
João Bosco Strozzi	53
Sonhos	
Silvia Yumi Yamamoto Miashiro	57
O manuscrito de M	
Aurélio Marcos Ribeiro	58
Encarcerado	
Juliane Nery	62
PERS PEC TIVA	
João Victor Vecchi Ferri	64
Metamorfose	
Petr Soares	65
Tempo transformador	
Manuela de Quadros	66
A perspectiva cósmica	
André Busato da Costa	67
Carta do velho pai	
Affonso Antoniuk	69
A vida que eu não tive	
Fabírcia Daniela Martins Almeida	71
Soneto da ausência	
João Carlos Simões	73
Ele	
Felício de Freitas Netto	74





O viciado	
Sérgio Luiz Azambuja	75
Ópera trágico-irônica	
Paola Figueiredo Mylla Todeschini Alves	76
Gotas de luz	
Mariana Puppi	77
Escolho servir	
Laoane Guimarães Martins	78
Certo encontro natalino	
Gilberto Carlos Macedo	79
Raça humana	
Loyse Bhon	84
Amor magenta	
Cláudio Luciano Franck	86
Astrologia	
Ligia Renuncio	88
O médico alquimista	
Pedro Henrique Bonifácio Shiino	90
Nosso primeiro paciente...	
Jeferson Puppi Wanderley	92
Tropeço	
Lutfalla Farah	95
Missão Haiti III: tratamento do câncer sem fronteiras	
Phillipe Abreu	96
...Ex machina	
Matheus Jürgen Riepenhoff	98
Sentimento sem nome nem lugar	
Felipe Pinheiro de Figueiredo	100
Plano de cuidado	
Glendha de Sousa Kemer	101
Siriá no Pará: lembranças do Projeto Rondon	
José Luiz Pinto Pereira	103
Autorretrato	
Carlos Magno Guimarães	106
Soneto II	
Junia Smal Staehler	107
O ninho	
Heloisa de Carvalho Mota Menezes	108
O carma	
Olíndio Vaz Primo	110
Duplo soneto: pescoço	
Edgardo Fernando Estrada Araneda	112

Cuidados paliativos	
Valéria Cristina Scavazine	114
Minha menina, menina dela	
Mayara de Matos Avila	115
Quebra-cabeça	
Augusto Boshammer Piazeria	116
Você é patognomônico	
Bárbara Okabaiasse Luizeti	120
Terapia do amor	
Beatriz Reinhardt de Araujo	121
A metamorfose indigente	
Eduardo Mischiatti	122
Telemedicina. É possível?	
José Jacyr Leal Jr.	123
O adulto que sou hoje	
Gustavo Abud Friedols	125
Insônia	
Marilene Madsen	127
Pedras e homens	
Antônio Caetano de Paula	129
A compra	
Marcos Antônio da Silva Cristovam	131
Penélope Verde	
Gilmar Calixto	133
Baru	
Richard Handerson Mendes Duarte	136
Tive um sonho	
João Batista Neiva	137
Ode à Dor	
Wu Feng Chung	139
Engrenagens imóveis	
Juliana Franchetti	140
Soneto do fim	
Maria Isabel Ghilhem	142
A janela	
Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv	143
Quartas-feiras, 18 h	
Júlia de Cerqueira Leite Hexsel	145
Toda a vida num <i>post</i>	
Rodrigo Castello Branco Manhães Boechat	147



Feridas em pérolas	
Júlia Feldmann Uhry	149
Solicitude	
Alexandra Pires Grossi	151
Ânsia	
Weslley Elizandro Luciano	153
Êta mulher escandalosa	
Roberto Pirajá Moritz De Araújo	154
Sem anestesia	
Priscila Luzia Pereira Nunes	156
Enfim	
Juliano da Silva Ferreira	157
O diagnóstico improvável	
Luiz Antônio Sá	158
Verão em junho	
Ana Larissa Terujo Arimori	160
Sobre gaiolas e pássaros	
Eduardo Giacomini	161
Idas e vindas	
Edmilson Mario Fabbri	163
Jornada ao infinito	
João Gabriel Vicentini Karvat	164
Tributo a João Gilberto	
Patrícia Maria Pessoa Vinhas	165
Ingenuidade estilhaçada	
Élio Luiz Mauer	166
Qual o limite da justiça?	
Maria Ofélia Fatuch	169
Firmamento	
Andréa Vianna Carvalho	171
Salmo 37	
Aline Pagliosa	172
É hora de aprender	
Rafaela Andrade Rocha	175
Viver para contar	
Carlos Homero Giacomini	177
Presença	
Jaqueline Roberta Barbosa	179
Homenagem aos pacientes	
Nayara Bazo Ferreira	180
Asfixia	
Tania Hegler	182





A pós-graduação	
Valdir Furtado	185
O grande amor	
Gustavo Zoéga Salles Bueno	189
Azul e violeta	
Jaqueline Doring Rodrigues	193
Tu es sacerdos in aeternum	
Artur Palú Neto	195
O louco que existe em mim	
Roberto Brunow Ventura	200
O médico e seu monstro	
Ribamar Leonildo Maroneze	203
Sons e tons	
Laura Lúcia Martins Teixeira	206
Gratidão	
Jorge R. Ribas Timi	207
A janela	
Gustavo Leonel Ferreira	209
A face do poeta	
Márcio Fabiano Chaves Bastos	210
Encontros de veneta	
Valéria Mariano Rodrigues	211
Uma de amor	
Carlos Augusto Sperandio Junior	214
Escrita: remédio da alma	
César Iria Machado	215
A caverna mais escura	
Rodrigo Hiromu Kumagai	218
3x4	
Neuton Lelis	220
O chamado	
Matheus C. S. Bruce	221
Jardinagem dos encontros	
Elis Cristine Bevan Graf	224
Resistência/resiliência	
Vanessa Canossa	227
Paraná é o meu estado	
Denner Sampaio	228
Índice remissivo	229



Andréa Motta

Nasceu na cidade de São Paulo, em 1957, e reside em Curitiba – Paraná. É graduada e pós-graduada em Direito. Em sua trajetória literária, obteve várias premiações. Ministra oficinas de trovas e poesias. Autora do livro *Natureza Íntima*, poemas curtos, participou também de diversas antologias e coletâneas de prosa e poesia, sendo responsável pela organização dos livros *Trovas em homenagem ao Jubileu de Ouro da UBT – Curitiba* (1ª e 2ª edições), dentre outros. É titular da Cadeira n. 30 da Academia Paranaense da Poesia, sendo sua 1ª vice-presidente. Além de ser membro efetivo e Diretora de Relações Institucionais do Centro de Letras do Paraná e do Movimento de Poetas Aldravistas de Curitiba, é presidente da União Brasileira de Trovadores – Estadual do Paraná e da Seção de Curitiba.

Lília Souza

Com formação em Letras, é poetisa, contista, cronista, revisora de texto. Autora de alguns livros, participa de várias entidades culturais, preside a Academia Paranaense da Poesia, coordena a Oficina Permanente de Poesia.

Madalena Ferrante Pizzatto

Goiana, mãe, esposa, economista e poetisa.

Ocupa a Cadeira n.33 da Academia de Poesia do Paraná.

Ocupa a Cadeira n.34 da Academia Feminina de Letras do Paraná.

Membro do Centro de Letras do Paraná.

Membro da União Brasileira de Trovadores - Curitiba - PR.- onde ocupa o cargo de coordenadora do JUVENTROVAS. Participou de várias antologias.

Livros publicados: *Entre sonhos e poesias* e *Vida de Lara* (romance)

Maria do Rocio Vaz

É formada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela UFPR. É pós-graduada em Produção e Revisão Textual pela FAE Business School. É membro do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense de Poesia. Autora do livro de poesias *Escreva, Maria!*.

Uaaaaaaaaau !

Jeanine Berbel

Londrina, PR

E a grande aventura da vida é...

Agooooooooora!

A cada, cada di-minuto instante.

Ou ser mutante atento ou...

Empobrecer presente!

Vital perceber que tudo escorre, escapa, escoo.

Nada, nada é concreto

Que se possa parar, possuir, guardar... igual.

Essa é a magia, esse é o encanto:

O espanto seguido, renovado desse estado

De duvidar e acreditar

E não saber,

E achar e já perder... perenes.

Uaaaaaaaaau !

Não há tédio, monotonia,

Para quem se dispõe a ver

Que nada, coisa alguma se repete,

Que só sentir o instante é viver !



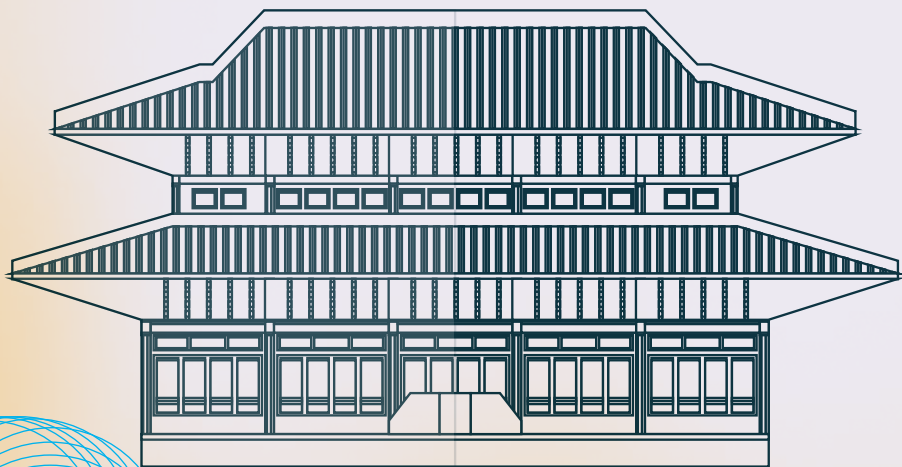
Medicina digital

Jacemar Cristina Rocha da Costa

Medicina personalizada em ação.
Evocando o eterno conhecimento.
Divulgando a terna imaginação.
Incentivando a doce observação.
Cultivando a bela criatividade.
Irradiando a honesta tecnologia.
Nada além da firme determinação.
Amando a constante informação.



Difundindo a perene digitalização.
Indo ao encontro da atualização.
Gerenciando a essência do coração.
Influenciando a mente sã a pensar.
Talento sublime que nos emociona.
Associada à fé que nos impulsiona.
Leve mister sempre a nos encantar.



Soneto do amor amanhecido

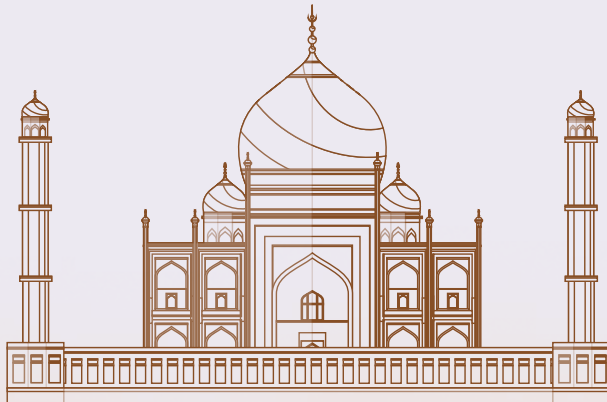
Caio César Silva de Castro

Foram tantos projetos já traçados
Foram tantos problemas dissolvidos
Depois de tantos anos malfadados
Por um alinhavado carcomido

Foram tantos os carinhos recebidos
Foram tantos os sussurros exaltados
Foram tantos caminhos percorridos
Depois de anos sendo sublimados

Hoje, tantos suspiros exalados
Hoje temos um fogo não contido
Hoje existe um chamado não calado

Hoje temos tantos laços forjados
Hoje temos tantos planos tecidos
Hoje temos um amor amanhecido





“Espelho, espelho meu!”

Fernanda Musse

As pupilas absolutamente dilatadas. Seria lascívia? Medo? Instinto? Um homem assistindo ao seu próprio delito. O flagrante pessoal. O reflexo do espelho, encaixado sabiamente no teto do viaduto abarrotado de veículos, gente e vozes; não escondia a ação às escondidas. O homem, que não entendia vida além da sua, encontrava-se epifanicamente estático diante do espelho e de sua corrupção. Com as mãos fortes e determinadas, ele calava angustiadamente sua vítima, que passaria a vida no silêncio medonho daquele crime. O espelho expunha sua corrupção moral. Seus olhos delineavam sua corrupção coletiva. Corromper e ver. A vergonha passou a consumi-lo como raios de luz a atravessarem seu coração.

Esse espelho, real e concreto, existe particularmente em um canto de Curitiba. Mas deveria ser o instrumento básico e essencial de todo o ser humano. Obviamente, andar por aí instalando aparelhos refletores a fim de esclarecer às obscuras mentes, que corrompem, sobre os seus “desvios” sociais, não seria viável, materialmente falando. Por outro lado, refiro-me a espelhos da era tecnológica mais avançada: virtuais e que podem funcionar em dias de chuva, sem que precisemos cobri-los devido aos raios assustadores das precipitações de verão. Espelhos internamente instalados no consciente humano e bem polidos, que devem ser lavrados a partir de ensinamentos sociais correspondentes às posturas morais corretas da sociedade.

Somando-se à moderna existência de um espelho acusador das más atitudes particulares — pois anomalias sociais, como a corrupção, por exemplo, são fruto de uma série de atitudes particulares que

resultam em danos coletivos dos mais variados — devemos lembrar que a construção dessa metáfora permeia a sociedade ideal platônica, em que, mais que platonismo, mostra uma forma eficaz de erguer espelhos nos cidadãos: a educação.

Com isso, estende-se à escola, aos pais, aos tios, aos avós, aos amigos, à Igreja, aos consultórios médicos, entre outros, a responsabilidade em solidificar um espelho no “teto” de cada cidadão que compõe a sociedade, com o objetivo de que desculpas tão corruptas quanto os próprios atos ilícitos (lascívia, medo, instinto...) se transformem em vergonha para o corrompedor e livre as vítimas da mudez sórdida — um dos traumas da corrupção. Cabe aqui dizer que, ao contrário do que os noticiários expõem, não é a Câmara dos Deputados que deve ensinar a construir refletores, e sim os eleitores, educados, que devem votar em quem já construiu seus espelhos. Aliás, alguém já reparou que não há espelhos no Plenário?

Para concluir, é preciso remeter novamente ao viaduto, a fim de que não nos esqueçamos de olhar nossos olhos quando desculpas parecerem verdadeiras o bastante para respaldarem a nossa falta de moralidade, nossa falta de ação social, e a não construção de nossos reflexos — os nossos espelhos. Agora, se achar que tudo isso é utopia, pense nos locais onde se encontram, em tese, as escabrosas denúncias de desvio público de dinheiro, agrupamentos partidários nepóticos e predatórios, andanças de malas, mochilas, laranjas e outras frutas; no Senado, por exemplo: alguém viu um espelho? — nem real, nem virtual! Há espelhos na sala do delegado? Existem espelhos nas salas de prova da quinta série? Acaso, ou não?



Vérmina

Daniel de Barros Franco



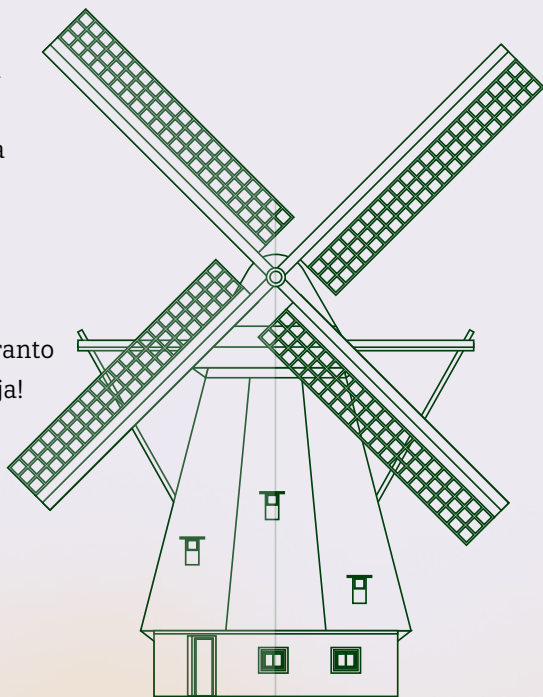
1) Karnofsky 100-71
(Arrogância epistemológica)

Não sou sombra, minha Era é esta
sou feitor, o limador da aresta
a potência que a razão me empresta
mitiga aquele breu que resta

miseros percalços: faço troça,
tolo mensageiro de Esculápio!
insosso e frágil o teu cardápio
como pés descalços numa roça

febre, astenia, artralgia e asma
vejo o abraço vil do miasma?

incauto tal que me custa, veja!
maldito sejas tu, anão branco!
afogar-te-ás no mar do meu pranto
ou no pus dessa minha brotoeja!



Ícaro

Daniel de Barros Franco



2) Karnofsky 70-41

Cosmo de alvenaria
dez mil panaceias vãs
à total mercê de irmãs
conjurando suposta Maria

contemplo um fio de esperança
e vislumbro seu nó cervical
um atalho a uma etérea bonança
ou a um assombroso Umbral?

imobilidade. a bravura se foi
mãos dadas com a ilusão
do Eu que um dia fui
que um dia fui?

pretérito imiscui-se a delírios
memórias que não são memórias
apenas curtos-circuitos
de uma mente à beira
da não-existência...



Êxito letal

Daniel de Barros Franco



3) Karnofsky 40-0

Pupilas que dilatam
vasos que colabam
pele que enturgesce
corpo que emagrece

brônquios que se inundam
secreções que transbordam
conjuram sonoras obras
regem a Sinfonia de Tânsito

um alarme que soa
uma equipe que corre
um miocárdio que fibrila
e para para sempre

um lamento coletivo
palavras de conforto
e um planeta ermo
que segue rodando, indiferente...



Tempos de infância

Leandro Ribas

Acabei de subir os últimos degraus da escadaria, chegando a um corredor escuro, iluminado apenas por um feixe de luz que entrava por uma fresta no telhado. Não sabia onde estava, mas o ar funesto do lugar me era familiar.

As paredes eram mofadas, com musgos verdes e fungos brancos desenhando-se pelas paredes, escondendo a cor original.

Cheguei à porta de madeira de aspecto frágil, apodrecida pela umidade e invadida pelos cupins. Pingos de água caíam do teto sobre a minha cabeça e no chão, produzindo um som perturbador.

Adentrei o apartamento escuro guiado por uma luz fraca que vinha de um dos quartos, mas o medo e um certo desespero tomavam conta de mim.

Mesmo assim segui adiante em pequenos passos e não demorei para perceber que o chão estava molhado.

Alguns sons não humanos vinham das paredes e do teto. Quando me aproximei da luz, vi ratos e baratas por todo lugar. E na porta do quarto, uma pasta vermelha, coagulada, me guiou até a cama. Sobre a cama, uma mulher nua, alva, bonita, bastante maquiada e com parte do intestino delgado exteriorizado por uma abertura abdominal.

O sangue começava na porta e vinha até a cama, sugerindo que a mulher rastejara até a cama com as vísceras expostas.

O corpo estava fresco, mas o odor nauseabundo era intenso não só no quarto, mas em todo apartamento. Sentia-se, além do cheiro da putrefação, o fedor de fezes.

Ratos e baratas estavam por todo o quarto e pareciam respeitar a mulher nua.

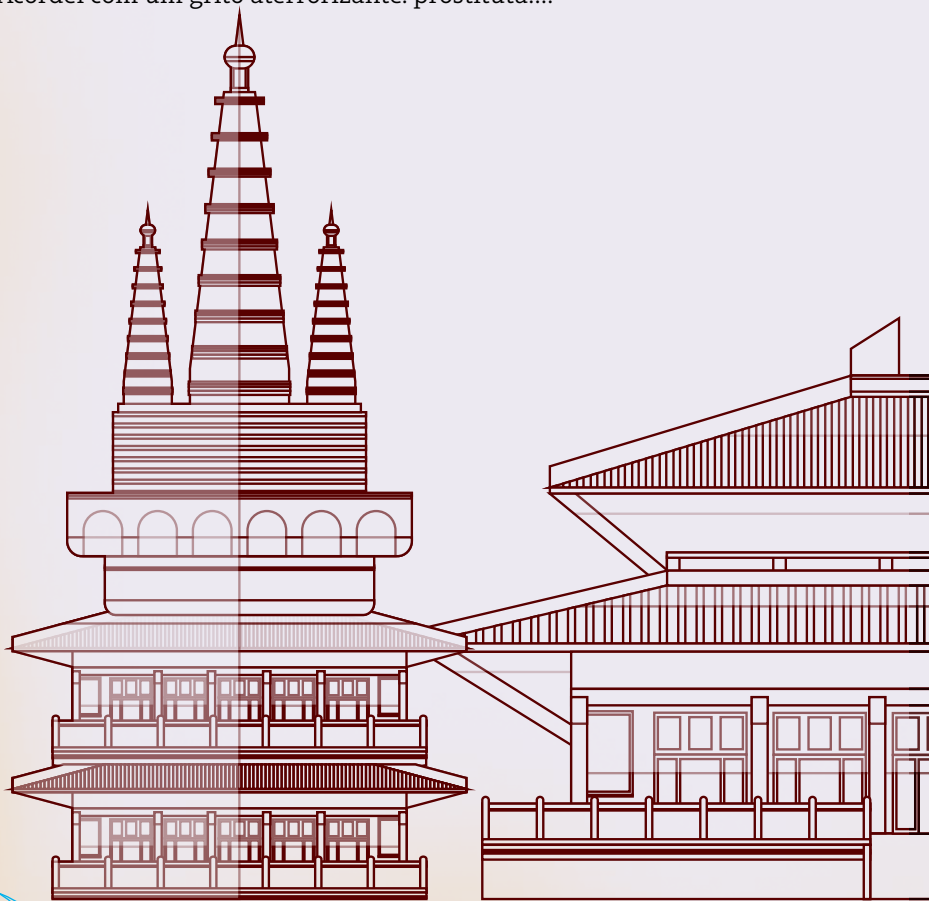
Pelo chão havia sangue coberto por um pó branco, seringas e muitas notas de dinheiro.

A mulher estava em decúbito dorsal, com as pernas entreabertas. Em sua vagina, um tufo de notas enroladas, e em sua boca, um maço delas eram mordidas com força. Uma dessas notas devia ser do meu pai.

Quando olhei fixamente em seu semblante, logo reconheci o rosto do pretérito, e a dor invadiu meu corpo. Senti como se estivessem chicoteando as minhas costas, a minha mão latejava e as minhas nádegas ardiam como se queimadas com ferro em brasa.

A condição daquele corpo me trazia alegria, êxtase, sensação de vingança. A tristeza e a agonia eram advindas da sua existência.

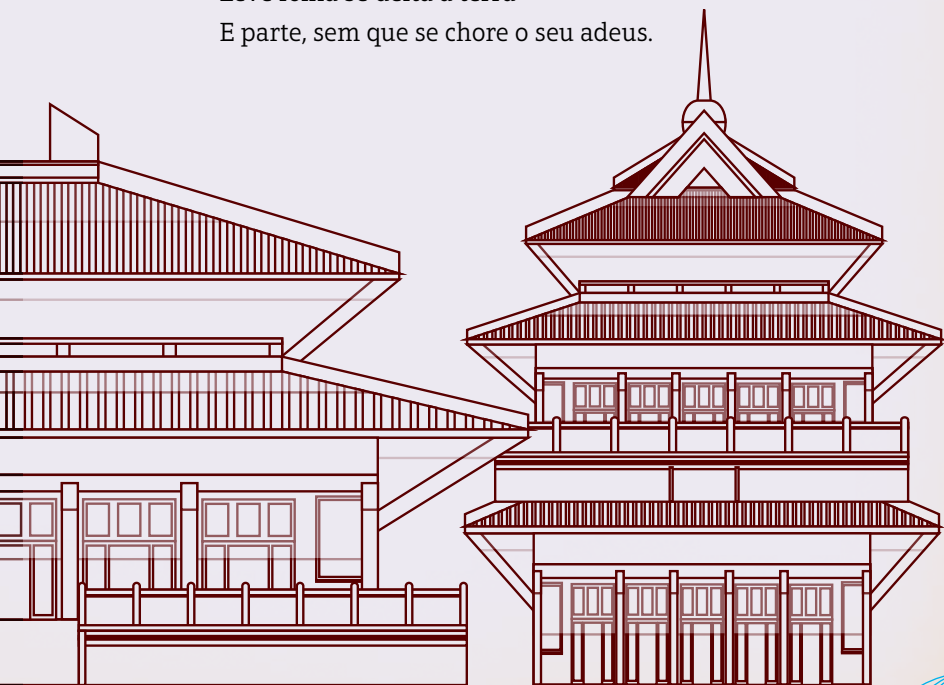
Acordei com um grito aterrorizante: prostituta!!!!



Marcos Antonio Tosi Junior

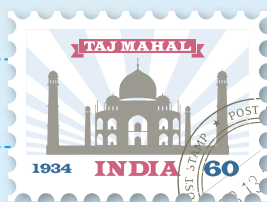


Folha leve paira na calmaia, dançando.
Fina folha em seu trajeto elegante. Vai flutuando.
Vai calmamente ao chão.
Singela, frágil estrutura sedosa,
Vibrante em seus raios de seiva.
Escorrendo, esvai assim sua vida,
Enquanto voa ao encontro do fim.
O vento canta seus últimos instantes,
Como sabendo, chorando canta
E a sustenta, para que retarde a sua partida.
O chão a abraça, enfim, nada mais pode ser feito.
Leve folha se deita à terra
E parte, sem que se chore o seu adeus.



Vida a dois

Úrsula Bueno do Prado Guirro



Ela sempre fazia vistas breves.

Sorradeira, sempre ia embora da vida dele.

Ela deixava a saudade dos bons tempos.

Melancolia, falta de energia e noites insones.

Ele deixava a alegria.

Troca injusta...

Nem ele a viu entrar. Quando percebeu, ela estava confortavelmente sentada na sala de estar.

Achava que era parte do viver, das muitas atividades, do dia cheio de trabalho.

Álcool era bom.

Desinfetava a alma e embriagava os sentimentos.

Um dia ela comunicou, cheia de si, que estava decidida a ficar e arrancou uma lágrima dele.

Ele, acostumado com a dureza à vida masculina, a enxugou mais que rápido.

O que irão pensar de mim? Homem não chora. Homem não sofre...

Engano de todos.

Ninguém percebeu que ele padecia.

Ninguém percebeu que ela veio para ficar.

Alguns dias se passaram, talvez semanas ou meses.

Ela pisoteou a autoestima dele.

Ele questionou se era bom o suficiente. Ela respondeu que ele não era digno de reconhecimento.

Ela era impiedosa.

Desta vez ela não foi embora. Ele se acostumou com a presença dela.

Ficou ali com aquele tom desafiador, agora ele não iria sentir apêtitos nem o colorido da vida.

Nem o amor.

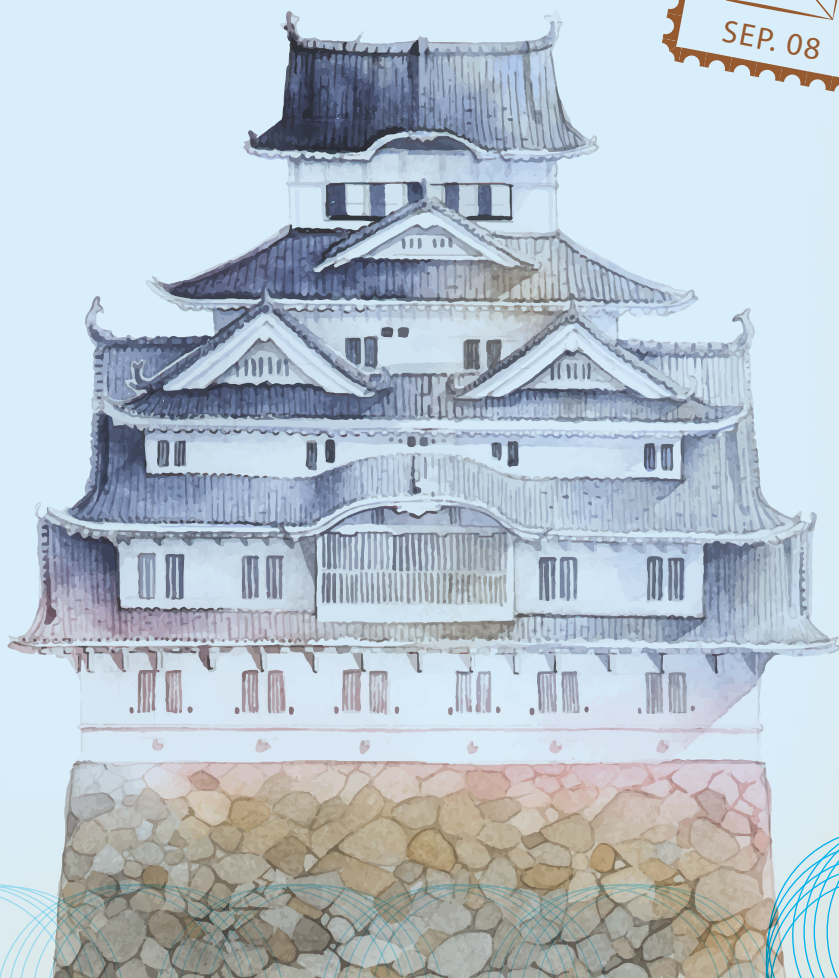
Nem o amor próprio.

Nem a vida.

Dessa vez, ele é que foi embora. Da vida.

Ela, a depressão.

Ele, a vida.



O violão que falou

Caio Murilo de Almeida



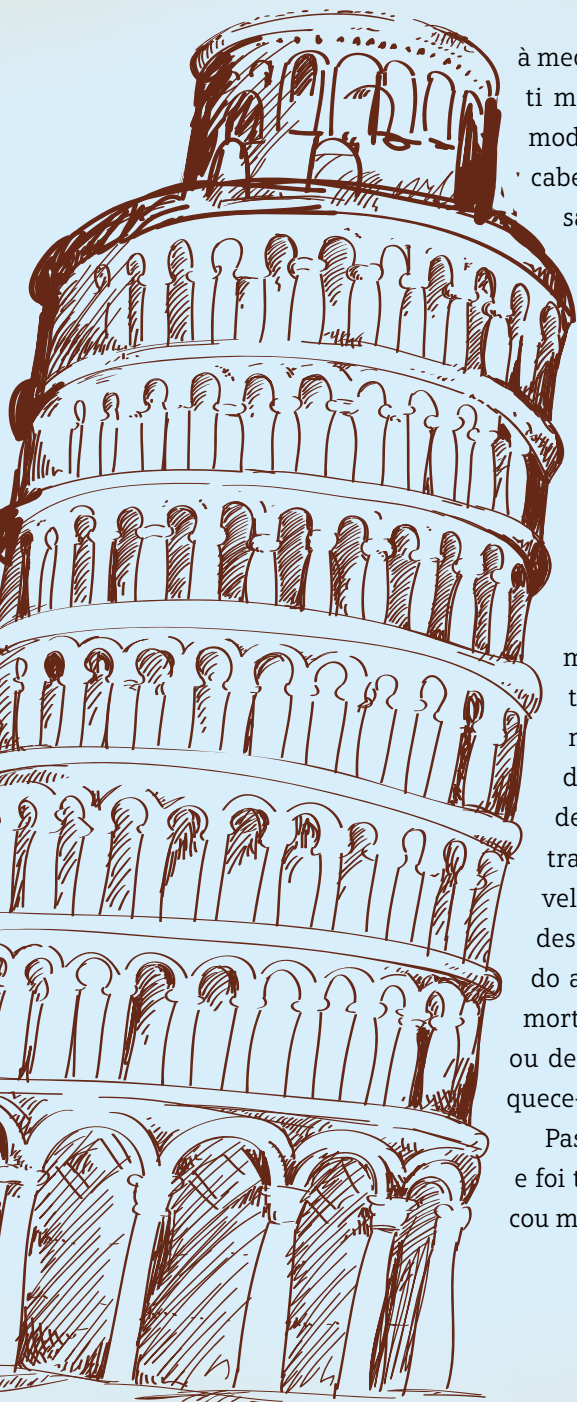
EXPRESS MAIL

FIRST DAY ISSUE



Às 6 da manhã, no jejum da aurora, como de costume, acordou, sentou-se em sua cama, pegou seu violão e pôs-se a tocar. Pela primeira vez, em todos os seus dias de sonolenta rotina, seus dedos não obtiveram a habitual melodia taciturna, mas exasperadas palavras por resposta.

"Limpa-me a poeira do corpo! Acaricia-me a ferrugem das cordas! Todos os dias, senhor, todos os dias! E com que fim? Acaso sou eu escape de tua amargura? É minha madeira instrumento de tua miséria? Eu, que outrora fui cedro, mogno, jacarandá e marfim, imponente e jovial, perene e vistoso, padeço agora refém de teus pusilânimes propósitos! O mundo está velho e cansado, mas tu não soubeste envelhecer com ele. Ouve: lá fora os carros rosnam, as engrenagens latem, as fiações emitem ganidos — os estertores da agonia de tua era. E aqui tu me fazes cantar notas de Tárrega, Barrios, Dilermando e Baden Powell... quem as ouve, senão as multidões de teus cabelos grisalhos? Antes me defenestrasses com urros de terror, e serias chamado de artista. Oh!, tempos vis, em que o horrendo é louvado, o grotesco é bendito e o ruído é adorado! Raça perdida, que abandonou faunos e nereidas para alimentar as mais pérfidias víboras. Senhor, tu te escondes em escalas diatônicas, mas o mundo está irremediavelmente dodecafônico. Tu me arrancas composições eruditas, mas o que ressoa no cinza dos concretos é gritaria lasciva e primitiva. Uma ode à barbárie! Com que facilidade se jogam na latrina séculos de estética sublime, e em troca se erguem templos



à mediocridade. Senhor, foge! Foge de ti mesmo, embrenha-te na selva da modernidade, que teu espírito não cabe neste milênio. Tu és tolo se pensas que os sinos também dobram por ti. Tua melancolia não me comove, porém me castigam tuas mãos. Estou rouco de cantar ao vazio. Solipsista! Não tendes piedade de meus lânguidos trastes, de minhas pálidas tarraxas e de meu desbotado tampo? Vai e gasta tuas unhas em outras pobres guitarras! O silêncio é tudo que mereço por meus anos de servidão. Deverias tu também saber que tua voz é muda e já não te cabe reparo. Perdeste tua juventude entre mortos de páginas amarelas, roídas pelas traças. Vive ao menos tua precoce velhice, por mais que te julguem os desalmados. O jugo mais pesado é o do arrependimento. A ti te resta na morte a eternidade — de tormento ou de paz; a mim, resta o oblívio. Esquece-me, senhor, e foge!”

Pasmo, levantou-se, engoliu seu café e foi trabalhar. E aquele violão não tocou mais.

Um amor maior que amar

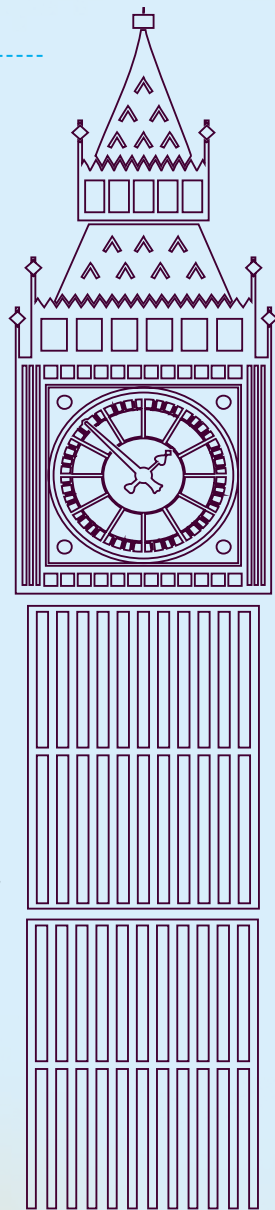
Diego Arcanjo

Às vezes questiono-me por que a amo assim
desse jeito carente, humilde e ardente,
que me tira não somente a razão,
simplesmente me tira a vida.

Vida que não tem sentido sem teu sorriso,
vida que não tem valor sem teu amor,
vida que não tem destino sem você.

Mesmo com uma vida de ilusões,
com casos efêmeros e paixões passageiras,
sempre soube que algo especial aconteceria.

E se me perguntarem por que a amo,
amo-te porque o amor existe
e dele fez-se tua vida a minha, sem protestar,
te amando assim, mais do que posso amar.



Obra alquímica



Raquel Lautenschlager Santana Proença

Desde o dia em que você se foi, tenho me esforçado para sobreviver. No primeiro dia, chorei desesperadamente lágrimas demasiadamente salgadas. No deserto do meu sofrimento não havia água potável para beber, apenas um líquido salobro percorria os sulcos da minha face. Nessa fase, ainda podia sentir a dor, fonte do choro incessante. Com um beijo casto em sua fronte me despedi de você. Ainda sentia seu cheiro em minhas vestes, e inebriada com tal sensação, adormeci.

No dia seguinte, acordei sem você. Sim, era verdade, você não estava mais lá. Para que acordar em um dia cinzento como este, sem a luz do seu sorriso? Faltei ao trabalho. Não me levantei para comer. O vazio da fome se misturava com o vazio em meu interior. A dor ia sumindo e eu já começava a sentir falta dela. Agora estava sozinha no vácuo desta existência desde o dia em que você se foi. Ingeri um calmante e adormeci novamente na esperança de acordar desse pesadelo.

Despertei com os raios do sol em meu rosto, mais tranquila devido ao efeito do ansiolítico. Não iria pensar em você. Como poderia sofrer com sua partida se você nunca existiu? Haveria de pensar em todas as justificativas que explicassem as fatalidades da vida. Já dizia Vinícius de Moraes: "A vida tem sempre razão." E dessa maneira amanheci, mas ao entardecer surgiria uma nova companheira. Ela surgiu vestida de vermelho, voluptuosa e sanguínea. Consegui sentir meu coração pulsar, ainda estava viva! A Raiva era sorrateira e sedutora. Refleti sobre todos que poderiam ser culpabilizados de alguma forma pela sua partida.

Sua ausência só poderia ser compensada com sacrifício de sangue. Pensamentos de vingança ocupavam minha mente. Distribuiria velas pretas nas portas das casas dos culpados. Enviaria cartas anônimas. Difamaria seus nomes. Amaldiçoaria até sua terceira geração. O álcool me levava a lugares até então desconhecidos por mim mesma. Minhas sombras eram desveladas e isso me dava prazer. A Raiva me despiu, mas não me satisfez como havia prometido. Você ainda não estava aqui.

A Melancolia chegou de forma sutil, como aquelas visitas que dizem que vão ficar apenas alguns dias, mas o tempo passa e não vão embora. Primeiro comem da sua comida, depois dormem na sua cama e depois o expulsam de casa. Fui invadida pela bília negra, fria e seca. A escuridão não deixou espaço para luz. Havia me perdido em mim mesma. Não havia saída no labirinto de Creta. Quem poderia me resgatar se você não estava mais aqui?

Vislumbrei o Olimpo. Participei de rituais para os deuses. Barganhei seu retorno com Hades. Mas eu já deveria saber: Caronte nunca retorna com as almas que partem em seu barco no rio do infortúnio. Lancei gratuitamente todos os sonhos e desejos nas águas. Banhei-me em seus afluentes. Estava purificada. Poderia seguir meu caminho de volta para casa, apesar de sua partida

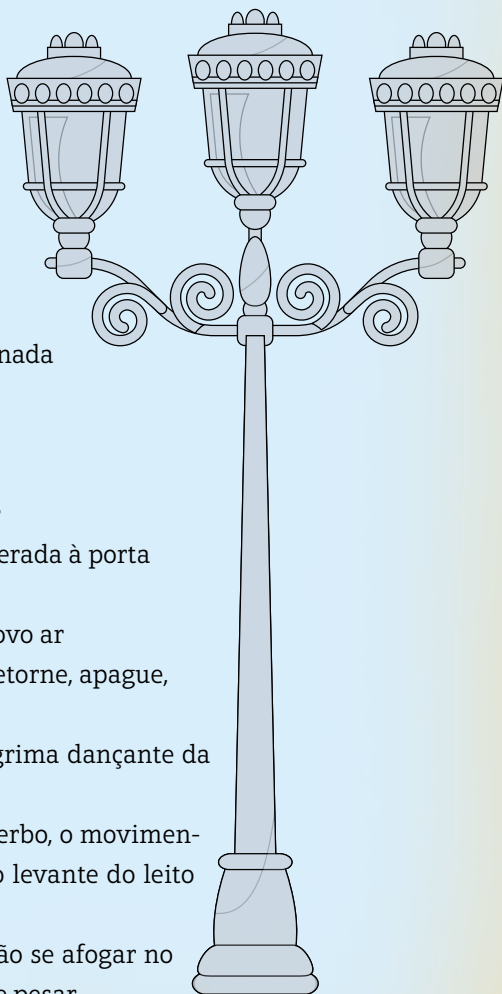
Ao chegar em casa, fui recepcionada por uma senhora gentil, com longos cabelos brancos e feições maternas. Tudo estava limpo. O cheiro de alecrim penetrava em cada aresta do ambiente. A Aceitação me envolveu em seus braços com delicadeza, presenteou-me com roupas novas e adornou meus cabelos com flores brancas. Pela primeira vez algo não era retirado de mim, mas me era incorporado. Lembrei-me dos textos sagrados: "... e tudo o mais vos será dado por acréscimo." A alquimia havia se realizado, a obra estava completa. A luz do luar iluminava o que antes era *Nigredo*.

Arritmia

Patrick Kobayashi Rodrigues



Ar!
Silêncio!
O silêncio
Do poeta
Não é o seu luto
Mas apenas
Um inspirar
Tal qual um eremita
Que se recolhe
Para em mais uma nova jornada
Caminhar
Respiro
Transpiro
Palavras começam a chegar
Como uma visita muito esperada à porta
Não importa,
Deixe-se invadir por esse novo ar
Que se perde, incompleto, retorne, apague,
Volte, prenda, expire, grite!
É a dor que não cessa, a lágrima dançante da
poesia, o aperto no seio
Onde a opressão se torna verbo, o movimen-
to do ventre a dispneia, então levante do leito
e grite!!
Liberte-se, deixe esse coração se afogar no
baile de sentimentos, amores e pesar



Não importa o quão bela essa luta seja, se você está em mar re-
volto a navegar

Viva cada onda de sentimento, não permita que as palavras coa-
gulem em seus pensamentos

Que se faça vida, a cada ritmo, a cada sorriso e respiro, em seu
frenesi por expressar, por ser, por viver!

Que se acelera, faz sentir, viver, morrer, gozar, e que no último
orvalho, quando o último tambor rufar

Que haja o ritmo

Em seu peito

Apenas

Do vai

Do vem

Do fluir

De um

Vento

Vem Tu

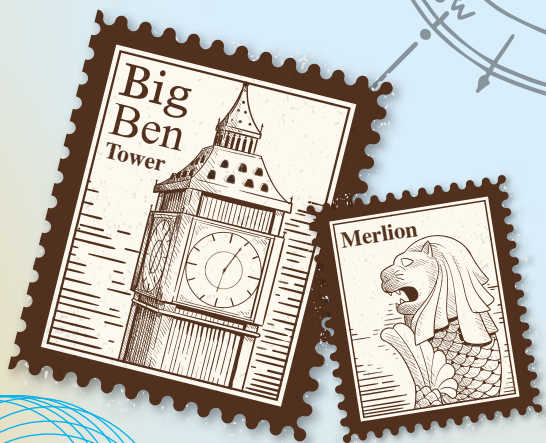
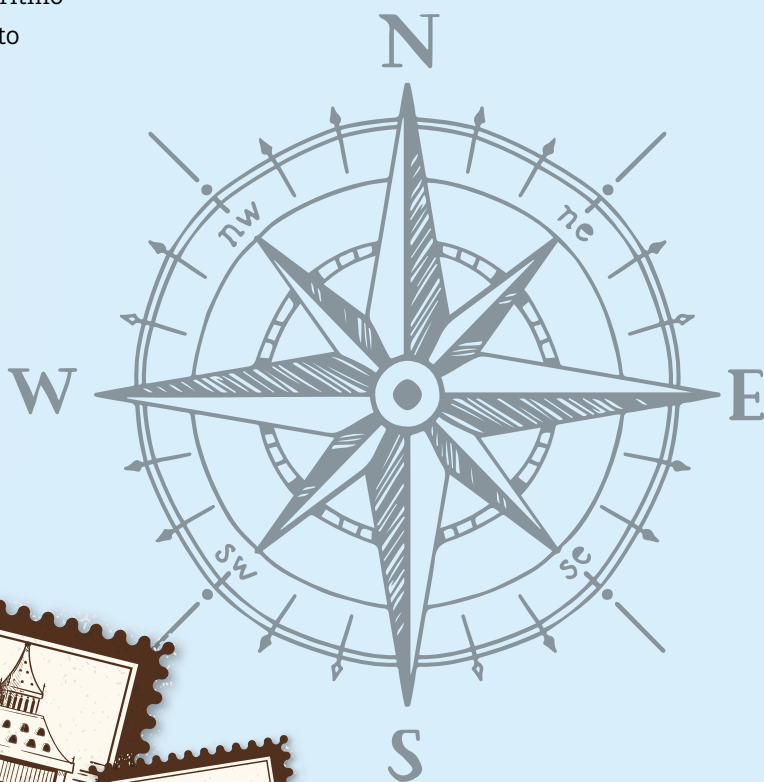
Venha tá

Ventum

Ventar

Então...

Tá.



Ondas do mar

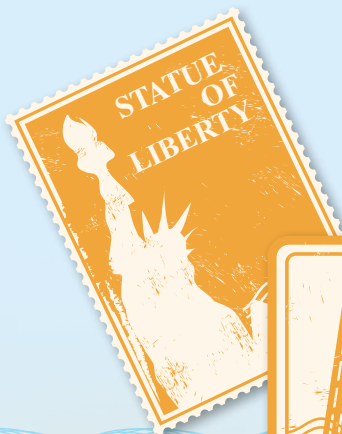
Hélcio Giffhorn

São as ondas do mar reflexos de nossos pensamentos?
Seriam ondas de nossos conflitos?
Ondas que se perdem na costa sem fim
Ondas que pequeninas ficam ao abrigo da praia

Ondas do mar furiosas em tempestades
Ondas do mar calmas em sua própria torpes

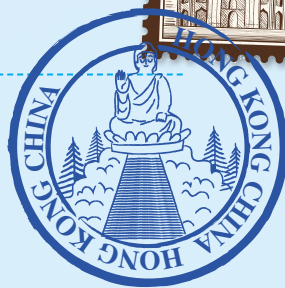
A praia assiste às ondas que balouçam ao vento
A praia inveja sua força e sua calmaria
A praia curva-se em seu respeito

Ondas do mar
Ondas que vão e se esvaziam
Ondas que deslizam o oceano, na praia,
Ondas que se vão...



Eis que achei o tempo

César Antônio Caldart



Eis que achei o culpado pelas minhas rugas
Pela ausência das pessoas queridas
Algumas das quais ele tomou para outro bairro
E outras que ele tomou para outra vida

Eis que achei o benfeitor que dá confirmação ao velho dito popular:

A mentira tem perna curta

O professor que traz vivências ao imaturo

O doutor que diminui a dor daquele que sofre de uma paixão mal resolvida

E ao mesmo tempo o sádico que tira a esperança do doente ao receber a má notícia

Eis que achei o tempo

Aquele que encontramos todos os dias ao olharmos as horas

E que às vezes passa bem rápido, mas às vezes devagarinho

Minutos que se tornam anos para aquele que sofre a tortura da espera

E anos que se tornam minutos para aquele que trabalha sem sentido

Eis que achei o tempo

O senhor que registra nosso nascimento, nossa idade quando aprendemos a andar de bicicleta, nosso primeiro dia de escola e também o nosso primeiro castigo

Por vezes ele parece tão nosso amigo e por vezes o pior inimigo

Eis que achei o tempo

Aquele com o poder de germinar fios de cabelo na cabeça do pequeno ser que cresce

E que é o mesmo aquele que tira o cabelo do homem que envelhece e da mulher que padece

Às vezes tão bom, às vezes tão ruim

E tudo vindo de um mesmo

E já que hoje nos encontramos e vejo que reinas soberano, hei de te perguntar:

— Onde estava o homem nascido em 1980 em 1975?

— Onde estará o homem nascido em 1990 em 2085?

Tu não respondes, afinal, a ti pouco importas, afinal, tu sempre esteves e sempre estarás.

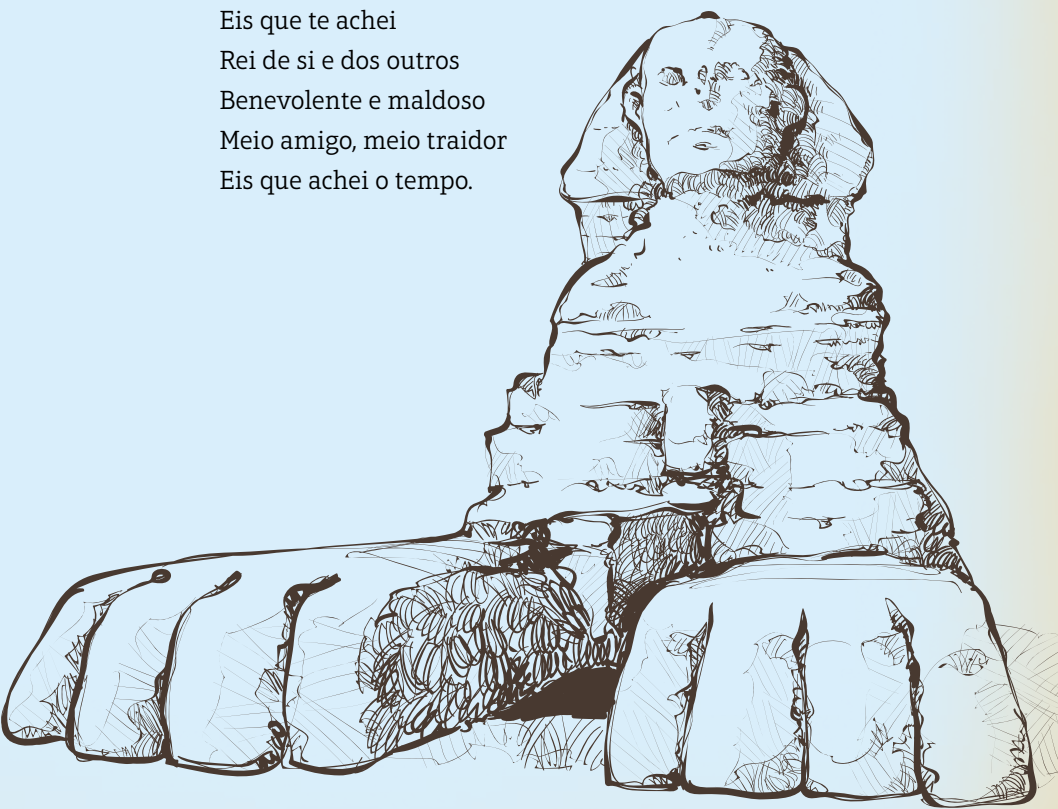
Eis que te achei

Rei de si e dos outros

Benevolente e maldoso

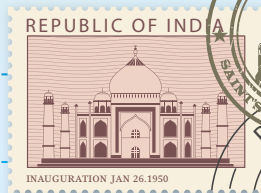
Meio amigo, meio traidor

Eis que achei o tempo.



Monalisa

Deise de Abreu e Silva Tuppan Mattos



Por algum motivo, hoje eu não a vi. Perdi aqueles passos rápidos, mil pensamentos na cabeça (que eu nunca sabia quais eram), lábios cerrados e expressão firme. Aquele ar de quem acredita que pode resolver o mundo me contagiava. E, vejam só, era uma desconhecida! Eu não sabia seu nome, o que fazia, com quem vivia, se tinha filhos... Sabia apenas o seu horário de passar, rápido demais, por aquela rua estreita para onde minha janela se abria. Não era da cidade, mas eu também não sabia há quanto tempo ela morava por aqui.

No outro dia me adiantei 10 minutinhos e pude perceber que ela, agora, tinha um novo horário: 10 minutos mais cedo. Sem saber de onde vinha, nem para onde ia, eu sabia que ela, agora, passava pela minha rua estreita, 10 minutos mais cedo. Era tudo meu. A minha janela, que abria para a minha rua, para ver a minha desconhecida passar. Por certo a minha desconhecida não sabia que era minha, nem tampouco a rua, mas talvez algumas pessoas concordassem que aquela janela era minha, afinal, era a janela do meu quarto, que só se tornou meu depois que minhas duas irmãs casaram e foram embora de casa. A casa não era minha, o quarto era meu (até certo ponto, pois era um cômodo da casa, e a casa não era minha), mas a janela era minha. Sim, eu a reivindico para mim, pois essa janela tem um sentido inenarrável para mim.

Não a janela, essa coisa malfeita de madeira, pintada num amarelo pálido, presa à parede da forma mais esdrúxula possível, quase caindo, ou de vergonha, ou de falta de habilidade de quem a pendurou ali. Mas aquele buraco que me apresenta uma parte do mundo, justamente a parte que mais me encanta: o mundo real. Não cha-

maria de janela, chamaria de quadro vivo. A última personagem do meu quadro vivo é essa jovem mulher misteriosa, quase linda, quase serena, quase mística, quase poética, definitivamente inefável.

Quem tem pressa aqui nesta cidade, além dela? E de onde vem? Trabalha? Não sei! É como se eu olhasse para Monalisa e não soubesse decifrar o quadro, exatamente como tantos estudiosos e críticos de arte fazem com o quadro de Leonardo da Vinci. Mas essa mulher não está exposta no Louvre, em Paris. Trata-se do meu quadro particular, que anda, que tem uma história e que, certamente, nunca foi a musa inspiradora de artista algum. Não por lhe faltar qualquer atributo, mas porque alguém que anda com tanta pressa não parece ser capaz de conseguir ficar parada para que alguém lhe tome um retrato com pincéis.

Hoje, descobri que vou encontrar minha Monalisa. Logo cedo ouvi meu pai resmungar sobre a morte de uma médica recém-chegada na cidade. Boatos davam conta de que tinha se matado, injetando qualquer coisa letal nos próprios vasos, durante um plantão. Antes de voltar para o meu quarto, peguei o jornal do meu pai e dei-me conta de que a médica era, justamente, a minha Monalisa. Hoje ela se atrasaria para sempre. Eu jamais saberia quem era, mas ali está seu nome completo, profissão, estado civil; sem filhos.

Eu que já estava cansada de ter apenas uma janela (que não era bem minha, pois o quarto não era bem meu, uma vez que a casa não é minha), descobri que a desconhecida encontrou motivos para não querer mais aparecer no meu quadro.

Também já não me faltavam motivos para querer encontrá-la do outro lado daquela janela azul, com nuvens, que Deus pintou, não sei para quê, em um mundo tão sem graça, com pessoas vivendo tão sem motivos. A última coisa que peguei do meu pai sem pedir foi uma corda que ele usava para puxar um caminhão velho. Hoje ela teve mais serventia. Quem diria que a artista, que não pinta, iria encontrar a Monalisa, que não fica no quadro.



Sacramento

Daniel Pereira

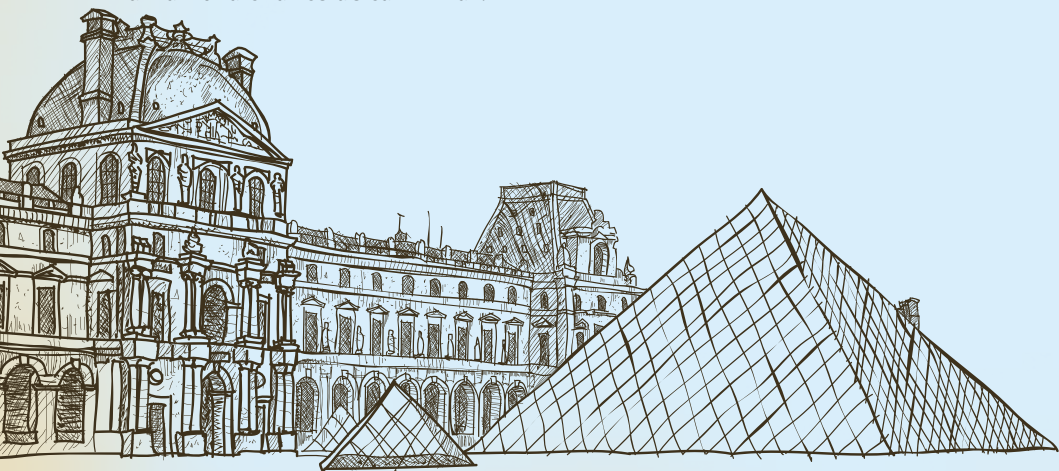
O enfermo coloca a mão no peito
E a dor do caixão grita aos meus ouvidos

Eu o enxergo, coloco a mão no peito
E o ardor da compaixão grita aos seus ouvidos:

Lutaremos em prol da vida
até que nossas estrelas se apaguem

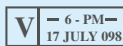
Que a nossa luz ilumine o nosso caminho
até o nosso último fôlego de vida

E que o dom da vida seja para todos
uma nova chance de caminhar!



Aqueles segundos antes da prova

Yuki Rezende Shibata



Quando terminei os três anos de residência médica, considerei seriamente me mudar de cidade. Sair deste palco onde a maior parte da minha vida vem acontecendo.

Pensei, e ainda penso às vezes, se valeria a pena sair deste lugar, ir para outra cidade.

Viajar pelo espaço, já que pelo tempo não posso (e se eu comprasse um DeLorean?).

E ao mudar de cidade, deixar-me levar por uma sutil sensação de que mudei de mundo.

Estar em outro mundo. E já que estaria em outro mundo, quem sabe estaria liberto desse tempo que sempre correu na velocidade que quis, sem pedir minha opinião. Nesse outro mundo, quem sabe o tempo não me olharia e diria “quer com emoção ou sem emoção?”. E eu diria que quero com emoção, e ele me diria que lá, nesse novo mundo, com emoção não é ir mais rápido, e sim engatar a ré de vez em quando e voltar.

Será que essa sensação, essa liberdade excessiva, essa independência em relação ao tempo que busco nada mais é que a morte?

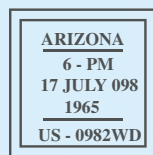
Será que lá no fundo quero mudar de cidade para saber como é morrer?

Mas por que quero morrer?

Por que quero viajar para lá?

Quero (re)encontrar alguém?

Quero saber como será meu último futuro?



Ou apenas estou entediado, com uma certeza secreta de que já sei como tudo é aqui, já sei como é inclusive o que não conheço?

Ou quero ir de uma vez para lá para terminar de vez com aquela ansiedade?

Sim, uma ansiedade antiga, que sempre estive lá.

Estava lá quando eu tinha nove anos, sentado numa carteira no fundo da sala, caneta e lápis em mãos vendo a professora entregando a prova para as primeiras carteiras, prova que em alguns segundos chegaria a mim, indiscutivelmente chegaria, não tinha como eu me livrar, e apenas alguns segundos me separavam dela. E esses segundos não eram meus. Eram dela, dessa ansiedade. Nesses poucos segundos essa ansiedade conversava comigo numa conversa muda.

E a prova, enfim, chegava. Fácil ou difícil, paraíso ou inferno, mas a ansiedade então se calava.

Quero então me mudar de cidade para ter essa leve sensação (sem ter que morrer de fato) de que a prova enfim chegou.

Os segundos antes da prova chegar à minha carteira foram da ansiedade. Os segundos que passam hoje na minha casa, na minha cidade, na minha cara, são também de ansiedade. Ansiedade que, em uma conversa muda, me diz em silêncio que algo absoluto e definitivo como aquela prova está para chegar e não há o que se fazer.

E para fugir dessa conversa, mato de vez o seu conteúdo fazendo essa coisa absoluta e definitiva chegar de uma vez. E como morrer

de fato me parece arriscado, mudo-me de cidade. Em outra cidade, com uma pequena sensação de outro mundo, de um outro tempo, de morte, quem sabe essa conversa acabe por um tempo e eu possa ter paz e aproveitar a vida em silêncio, sem conversas mudas, num mundo com cara de definitivo.



Holisticando o processo...

Isabeli Lopes Kruk

De cardiologista a nefrologista
eu aprendi que ninguém compreendia a minha dor
Aquele que nenhum especialista
decidia investigar com rigor

Entendo que a minha agonia
não era diagnosticada em anamnese
O que lhes faltavam era a empatia
... e isso me causava um espanto

A nova medicina trata de uma visão holística
centrada na pessoa,
mas quanta hipocrisia...

Toda vez que ia ao médico
eu me sentia diminuída
o que lhes faltava era a contrapartida

Dessa forma, decidi mudar
e observar o paciente.
Colocar-me no local de o amar
e confortar seus entes

Percival deixou o legado da ética
Hipócrates foi fiel à honestidade
e eu cada vez mais percebia
que deveria focar na sensibilidade



Soneto em honra ao doente

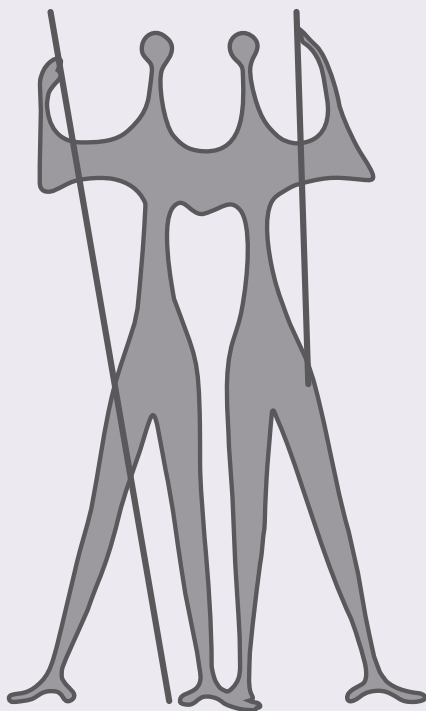
Bruno Henrique Ribeiro Valério

Nem só por dois segundos
Quis você assim estar
Esse seu tormento a fundo
Nunca quis você passar

Pense então o moribundo:
É desejo dele aqui amargar?
Não! Ele nada mais quer no mundo,
Que para a vida lá voltar!

Você, que tanto sofre nesta vida,
Há de seu vigor rever
E sua graça será recebida.

Moléstia tua o tempo vai inverter,
Não haverá qualquer ferida,
E sua cura iremos ver!



NUM. 0293-GH
DAY 23.07.1923
FLIGHT AIR 778

Perder e ganhar

Lorivaldo Minelli



Disputa-se tudo nesta vida.
É um “perder-ganhar” contínuo!
Como se diz: “saber ganhar é fácil; difícil é saber perder”.
É! Não é fácil perder;
Alguns aceitam a derrota mais facilmente;
Mas outros, com maior dificuldade;
Raros se acostumam a ela;
E esses, a ela se acostumam, por perderem sempre!

Conheço alguém
Que está acostumado a não ganhar;
Sempre perde e a isso se adaptou.
Adaptou-se tanto que, quando pensou ter vencido,
Em sua derradeira disputa, algum erro ocorreu, e
Novamente ele perdeu.
Perdeu o que imaginou ter obtido e, com toda a certeza,
Acreditou, inicialmente, ter vencido;
E dessa vez, também perdeu.

Mas não se adaptou a essa perda inesperada,
Que contava como grande vitória conquistada.

O que pensou ter vencido
Era, para ele, tão importante
Quanto tão desejado e necessário,
Que não aceitou, como sempre, mais essa perda.

Não se adaptou à nova e inesperada derrota
E esta está lhe produzindo
O fim de suas disputas, de suas lutas,
De sua energia, de seu motivo de vida.
Não esquece seu passado perdedor,
Que a ele se soma este igual presente, e
Projeta um futuro similar para si.

Não quer mais perder; nem ganhar...

Ignora disputas.

Ignora as lutas perdidas.

Ignora os esforços pelas vitórias não vindas.

Ignora tudo.

Vive num canto a sonhar;

Sonha com o sonho-vitória e

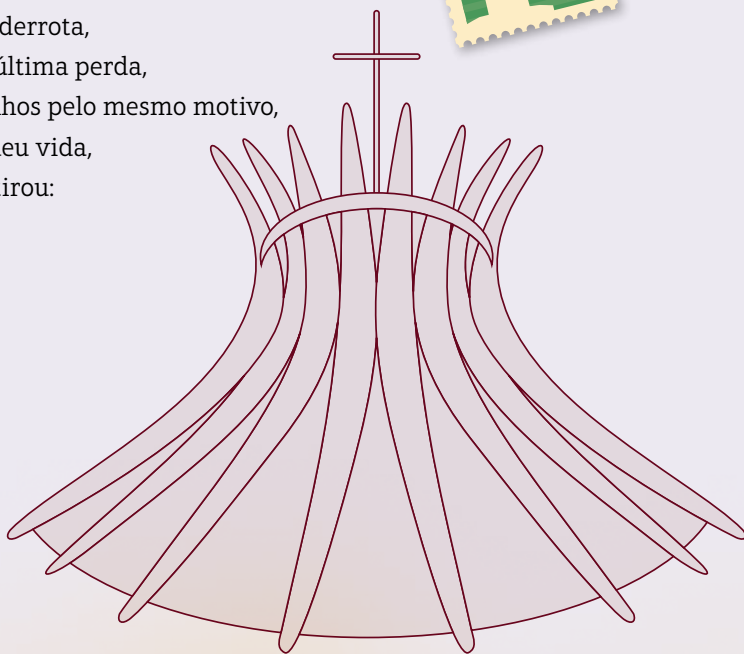
Com o pesadelo-derrota,

Surgidos com a última perda,

Ambos estes sonhos pelo mesmo motivo,

Motivo que lhe deu vida,

O mesmo que a tirou:



Amor secreto

Reginaldo Werneck Lopes



Por que tão difícil se torna dizer
decoradas palavras de um amor tão intenso,
confessar a ousadia que abrigo em meu peito,
de um dia poder tê-la em meus braços;
meus lábios colados aos teus aplacando
o receio de ainda perder-te?
Teu corpo fragrante, de rosas o perfume,
tão próximo ao meu peito permite que eu sinta
o latejo apressado do coração conquistado
(gloriosa vitória), agora só meu!
Momentos de enlevo docemente sensuais
Quimeras de um poeta sonhando de amor
transferem no tempo confissão tão sonhada.
Desperta do sonho o poeta frustrado
para tecer nova trama ardilosa de amor,
reiterando o segredo inconfesso
que espera algum dia poder revelar!
Por que tão difícil se torna dizer?



Oração dos Médicos Recém-Formados

Thiago Magalhães de Souza



Mesmo para aqueles que das crenças se abstiverem
No desespero dos corredores abarrotados,
Entre gentes e sofrimentos, angustiados,
Uma breve prece ofereço, para que considerem:

“A todos os deuses que a vida protegem:
Deus, Apolo, Esculápio — e todos os não listados,
Não vos peço por mim, mesmo desesperado,
Mas por aqueles que meus cuidados recebem:

Não permitais que a exaustão turve meu discernimento
Ou que torne meu atendimento desleixado.
Dai-me forças para agir com o melhor do meu conhecimento.

Que, ao tratar o corpo, possa aliviar o espírito, se atormentado,
E que ao menos seja capaz de combater o sofrimento,
Quando manter a vida não for o destino por Vós determinado.”



Personificação

Victória Ribeiro de Medeiros



Ele manca enquanto caminha com uma preguiça que só a idade avançada poderia impor: batimentos fracos sobre o chão gasto. O instante em que o observei foi breve e pesado. Permaneci suspenso enquanto aquele senhor andava coxo e distraído com as sutilezas do redor, parando a cada matinho besta ou para admirar ou para descansar com discrição, fingindo não se importar com a dor que sentia enquanto andava anônimo entre todos aqueles rostos familiares. Lembrei de Camila mais uma vez, e quase senti o peso de sua mão em meus ombros. Eram três da tarde, numa sexta ensolarada e quente demais para o outono. E eu ali sentado naquele banco de praça, esperando.

“Boa tarde, seu Joaquim”, alguns passantes o cumprimentavam e ele acenava com a cabeça em resposta com o sorriso falso mais gentil que jamais se vira antes. Porém a tensão que carregava nos olhos era gritante, um olhar sério e temeroso, muito temeroso, de quê? Mais ninguém via aquilo? Aquele andar compassado e lento, quase arrastado e melancólico... que agonia! Irritava-me aquela paciência, aquela sutileza, tamanha dor contida num manquejar aflito e resignado. Camila com certeza teria gostado desse pobre homem. Ah, como ela gostava de gente machucada. Não interprete isso do jeito errado, pelo amor de Deus... Camila... era curiosa, uma criança adulta cheia dos “por quês?”. Queria saber tudo de tudo e, quando via alguém assim mancando, não se aguentava e se moía de interesse e vontade de cuidar.

Olhei o relógio mais uma vez, e o tempo, pelo visto, havia parado junto daquele senhor. Haja paciência. Voltei a encarar o velho, e suas roupas tão surradas quanto ele, embora de um vermelho vibrante.

Mas a elegância que buscava ao caminhar era realmente admirável. A elegância que somente uma dor e uma esperança muito fortes e antigas poderiam conceber. Quantos anos ele deve ter? Aquele senhor parecia velho como o tempo e com certeza carregava em si o peso deste. Um peso que agora começa e se despejar sobre mim. É por isso que ele está aqui? Veio para me entregar o peso do mundo, do tempo, das verdades. Começo a sentir as tais verdades me apertando o pescoço e engulo seco. Ah, Camila... é minha a vez de carregar esse peso.

O senhorzinho parou mais uma vez para descansar e se apoiou em sua velha bengala, olhou em volta enquanto isso. E eu o encarava com tanta força, com tanta raiva, com tanto medo que, quando nossos olhares se encontraram, soltei um grito abafado. Ele sabe. Ele sabe de Camila. Eu sei que ele sabe. Essa é a verdade que mereço carregar. Quantos anos envelheci enquanto nos encarávamos. Minha pele enrugou e perdeu seu tom vivo. Que aperto! "Papai, vem brincar comigo", a voz de Camila me esmagava junto do olhar daquele senhor perverso. Perverso! O baque do carro no corpinho frágil de Camila, ah, Camila! ... não consigo respirar e engulo seco mais uma vez. Meu peito dói como dói e rasga o ferimento na perna daquele senhor a cada passo.

O momento passou. Ele desviou o olhar e finalmente posso respirar novamente ainda com muito pesar. Olho para o chão e respiro ofegante. "Está tudo bem, Papai? ". Não, Camila, Papai não está bem. Olho para o relógio: são três da tarde numa sexta ensolarada quente demais para o outono. O velhinho desapareceu. Mas que diabos? Ponto a mão no peito e percebo, enfim. Ele manca enquanto caminha: Tum ta, Tum ta, Tum ta e espirra ao redor mais vermelho e mais tristeza.



A antilógica ou a lógica divina

João Bosco Strozzi



Quando a pessoa se alimenta muito bem no jantar, amanhece com fome. Quando a pessoa não janta, amanhece sem fome. Para um leigo, não há lógica, uma vez que, se a pessoa esteve bem alimentada na véspera e depois apenas dormiu gastando o mínimo de energia, deveria sentir-se ainda alimentada e sem fome pela manhã. E vice-versa. Porém, o homem foi além e estudou o motivo de tal controvérsia. O estômago, percebe-se, é movido por um mecanismo de ação mecânica de abertura e fechamento, que resulta na sua capacidade de saciar-se e o envio desta informação para o cérebro. Em resumo, um estômago colabado é um estômago saciado.

O médico é um indivíduo que tem duas funções: a primeira e mais óbvia é a de resolver os problemas resultantes do desequilíbrio entre saúde-doença, vida-morte, bem e mal-estar. A segunda função é mais nobre do que isso. Trata-se da descoberta da lógica divina. O médico não apenas tenta entender a máquina humana mas também escrever o seu manual de funcionamento. E, ao fazê-lo, defronta-se muitas vezes com a antilógica.

Logos, em grego, quer dizer *conhecimento*, ou melhor, o poder de convencimento através da argumentação. Portanto, ao defrontar-se com algo que não faz sentido, que não tem lógica ou argumento, é porque há falta de conhecimento.

É neste momento que a ciência se curva aos desígnios da filosofia espiritual. Nesse momento, note que não faz muita diferença se a origem do homem ou mesmo do universo é criacionista ou evolucionista.

nista. Estamos falando, por exemplo, do instinto de sobrevivência. Estamos falando, por exemplo, do sentido da existência da dor. Estamos falando da existência e do aproveitamento das notas musicais. Estamos falando, por exemplo, da existência do ponto de interrogação. Não importa se esses instintos foram desenvolvidos de forma aguda ou crônica. O que importa é o seu significado. A sua lógica.

Seria a matemática, hoje extremamente bem auxiliada pela computação, o idioma para conversar com Deus? A matemática é por onde nós conseguimos ter alguma noção de grandeza, de infinito. Duas retas paralelas se encontram no infinito — é uma explicação mais argumentativa do que dizer que o infinito é algo sem fim.

Aleatoriedade. Álea é um epíteto da deusa Atena, chamada de *Álea*, o que quer dizer que ela é protetora. Portanto, o significado de *álea* como sorte significa proteção. Todos nós já fomos protegidos por essa deusa. Quem pratica algum esporte de alta adrenalina sabe do que estou falando. Depois de um dia inteiro de prática, o esportista encosta a cabeça no travesseiro e fica relembando de todas as vezes em que foi salvo de um acidente por um mero detalhe.

Uma pesquisa feita entre alunos universitários americanos apon-
tou que 80% deles afirmavam ter mais sorte do que as outras pes-
soas. Talvez daí venha a explicação para a existência dos cassinos,
dos jogos em geral. Todos nós acreditamos que a Álea é justa e se
somos mais sortudos, teremos mais chance que os demais. Ledo en-
gano. Em partidas de futebol, por exemplo, a moeda (cara ou coroa)
é utilizada para dar início às partidas. E ninguém nunca contestou
essa atitude. Duas crianças decidem quem ficará com o sorvete
maior através do *par ou ímpar*, sem discutir o resultado.

Há pessoas que têm mais sorte do que outras. Essas pessoas di-
ficilmente saem de um bingo sem algum prêmio. Mas, por falta de
conhecimento, não se sabe realmente se a sorte material não estaria
sendo compensada por alguma deficiência de outra ordem.

Em estatística há um aforismo que indica a “tendência central”, ou

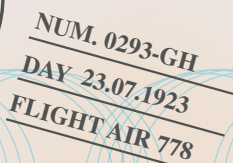
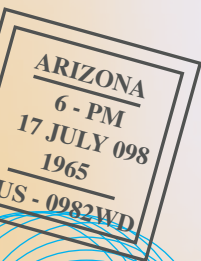
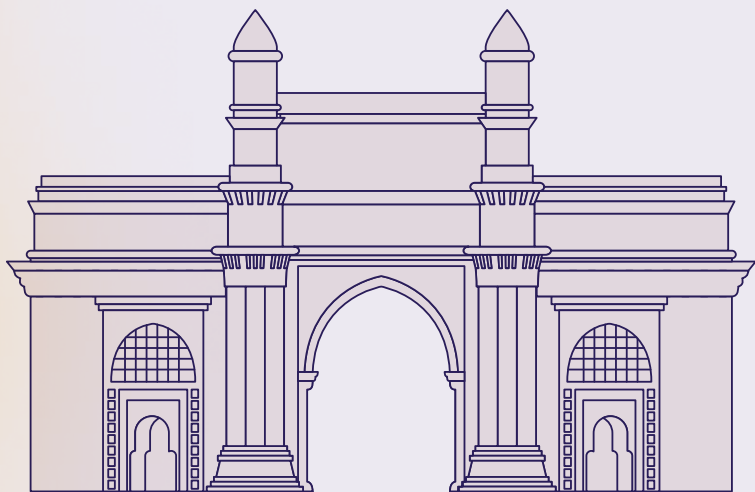
seja, nas distribuições atribuídas à natureza, os eventos se comportam em torno de um centro, de uma média, do ponto mais comum. O mais clássico exemplo disso é a curva normal onde os elementos mais comuns sempre se aglomeram no centro, deixando nas extremidades os eventos mais raros e também inversos entre si. Aliás, o termo “normal” refere-se a “mais comum”. Uma pessoa de 1,70m é bem mais fácil de ser encontrada do que um anão ou um gigante. Note que a cara não é mais ou menos comum do que a coroa e daí a probabilidade de uma ou outra ser a mesma.

Duas pessoas com destinos diferentes. Uma é ganhadora da loteria e fica milionária da noite para o dia. A segunda é a única sobrevivente de um acidente aéreo onde houve dezenas de mortes. Ambas têm a mesma pergunta: por que eu? Ambas devem, reconditadamente, procurar a lógica por trás. Como compensar? Se todos morreram e eu sobrevivi, então é porque se espera de mim algo que terei que realizar. Talvez nenhuma das duas pessoas pense assim, e se isso acontecer, é porque falta a elas o conhecimento mínimo indispensável para entender o verdadeiro significado do acaso.

Imagine que em um saco de pano haja cinco bolinhas de pingue-pongue, sendo três delas pintadas de vermelho e as outras duas pintadas de preto. O saco está com a boca fechada. Alguém chacoalha as bolinhas e pede para você meter a mão lá dentro e tirar uma delas. A chance de sair uma bolinha vermelha é de 3 em 5, ou seja, 60 por cento. Mas, se as bolinhas forem tiradas do saco e estendidas em um prato qualquer, qual é a chance de você pegar uma bolinha vermelha? Não dá nem para falar em chance, pois esta se acabou. E a diferença entre a primeira situação (do saco) e a segunda (do prato) é o conhecimento.

Em resumo, a lógica do sentido da vida é o conhecimento. Conhecimento em todos os sentidos. Não necessariamente por uma pessoa, mas pelo conjunto. Malthus falhou, por exemplo, porque não

colocou o aumento do conhecimento na equação de sua teoria. Hoje, quando vemos nossos filhos vidrados no computador, talvez não vejamos que ali eles descobrirão como dar empregos às pessoas em um futuro mecanizado. Ou como fazer robôs contribuírem para a nossa previdência.



Sonhos

Silvia Yumi Yamamoto Miashiro



Sempre o mesmo dia.
Sempre a mesma noite.
Sonhar com você e sentir a emoção.
Protegendo-me e amando.
Sempre o mesmo céu.
Sempre o mesmo lugar.
Acordar e ver você dormindo.
E tocar sua face de anjo.
Anjo...
Anjo de olhos verdes.
Anjo de cabelos prateados.
Anjo com a maturidade eterna.
Com você perto de mim.
Amor...
Amo amar.
Amar-te muito.
Amar um anjo.
Amo amar o meu anjo.
Sonhar...
Amo sonhar.
Amo amar e sonhar com um anjo.

O manuscrito de M

Aurélio Marcos Ribeiro



A Profª Mirna naquela manhã sabia que tinha um problema a resolver. Durante anos enfrentara o desafio de ensinar e estava perto da epifania. Por isso, focou na estratégia e ficou absorta. Na sala de professores do Instituto de Educação, ouviu uma professora de outro colégio dizer: “É um menino mágico!” Ao chegar a casa, começou a preparação didática da aula. Foi quando tomou ciência de como seria difícil a parte audiovisual. Havia uma célula completa no livro, mas era muito pequena para o que pretendia... e na sua cidade não havia tais recursos. Escutou lá fora a voz de sua filha Sussu, brincando com uma amiguinha... “Mas ele é estranho!” “Talvez, mas é um menino mágico!”

...

Estava atrasado, havia saído do Hospital tipo Carville, viajado 40km até a capital para onde se mudara e, ao adentrar o consultório, pôde perceber que a sala de espera estava fervilhando... Notou à direita alguém familiar, tipo *déjà vu*. Perguntou à secretária quantos pacientes tinha (eram quatro médicos), se havia prioridades... Quase num pressentimento, perguntou pelo *déjà vu*... Era uma jovem senhora que tinha vindo do interior consultar outro colega e chamava-se Suesjane.

...

Numa lampejo intuitivo, a professora ligou os fatos e perguntou à sua filha sobre o que falavam. Mas não obteve mais informações... Crianças são leves e casuais no seu diálogo, esquecem. Terminou o núcleo de seu plano de aula, mas queria um arremate de ouro, um fechamento digno. Ministrou suas duas aulas e foi para a sala dos

professores, no recreio, muito introspectiva e pensativa. Quieta. Foi quando outra professora notou e se ofereceu para ajudar. Mirna, dispersiva, explicou do que se tratava... e a amiga propôs: “Você precisa dele, do menino M! É como o chamam, ele mora na Zona 2!” Era o casual planejado! Mirna morava na Zona 2!

...

O doutor pediu à secretária que, tão logo a paciente *déjà vu* terminasse a consulta com o colega, pusesse-a na antessala privada, alegando que queria falar breves minutos.

...

A Prof^a Mirna chegou correndo a casa e chamou sua filha... que perguntasse à sua amiguinha: onde mora o menino mágico? Saindo do campo de futebol, já escurecendo, M chegou a casa, tomou seu banho e soube, durante o jantar, que devia ir à casa da professora, ordens de sua mãe, ditadas enquanto tomava sua espartana sopa de fubá. M nada disse, era o filho mais velho de cinco irmãos... Sua mãe pedia, ele cumpria. Sabia que podia significar um bolo, algumas bananas, laranjas, abacates ou um grande pão caseiro assado para sua mãe... seus irmãos.

No dia seguinte, a Prof^a Mirna, olhos grandes, baixinha e obesa, se deparou com um garoto calado, olhos esquivos, castanho-claros de contornos perfeitos e muito contraste com o branco imaculado... Perguntou a M o que ele sabia fazer... M pegou um lápis sobre a mesa, uma gilete, mudou a ponta do lápis para uma ponta-como-chave-de-fenda, e fez uma letra “M” gótica decorada... em segundos... Mirna perdeu o fôlego! Explicou-lhe o que pretendia: aumentar a célula umas dez vezes e emoldurá-la com texto descritivo. M pediu tinta nanquim, preta e similares verde e vermelha, mata-borrões, giletes, régua, cartolinas especiais não porosas, borrachas não abrasivas... M trabalhou durante horas... Amplificar, amplificar no tamanho certo. Implicava milimetrar, exatidão, cópia, acurácia. Foi para a casa já na madrugada, deixou o trabalho em letras góticas

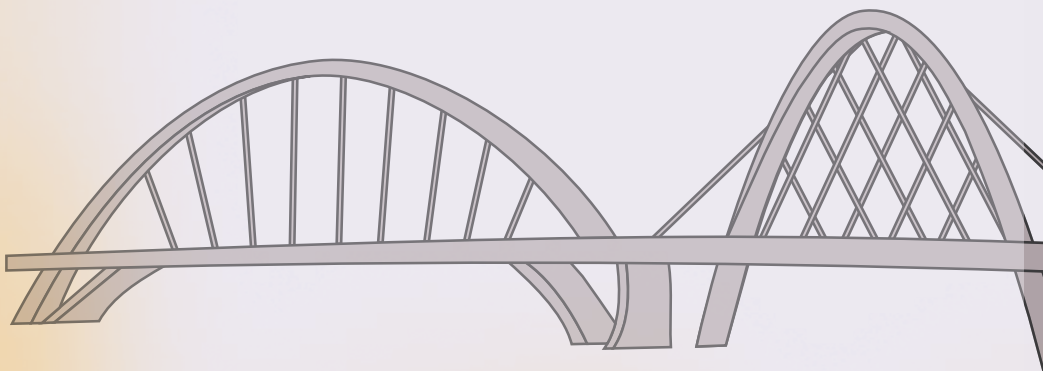
sobre a mesa. M apreciou uma última vez sua obra, concluiu que estava bem feita, esboçou um semissorriso que Mirna captou entre as fissuras palpebrais, já que, aparentemente, havia adormecido no sofá. Nem bem repousara, M foi acordado por sua mãe... a professora queria vê-lo urgente! Na casa da professora, M encontrou a filha Sussu chorando e Mirna transtornada! Acidentalmente, Sussu entornara uma xícara de café sobre o magnífico trabalho, uma mancha amarelada e escura atravessava o trabalho em várias direções em padrão bizarro, mas a tinta nanquim resistira e se podia ler por transparência, por baixo do café.

...

Quando a secretária pediu à Srt^a Suesjane que aguardasse com sua mãe naquela sala, elas estranharam dizendo que não conheciam o médico e não entendiam o que pretendia.

...

M nada disse, olhou e perguntou qual era o prazo. Não havia, devia levar o trabalho naquela manhã, agora. M secou o café com o mata-borrão: a cartolina arrugou. Então M perguntou se a professora tinha uma lamparina de querosene. Na casa de M não havia eletricidade. Teve de correr a sua casa, trouxe a lamparina e acendeu-a diante da mãe e da filha e começou a queimar as bordas do trabalho, apagando, queimando, amassando o fumo do querosene,



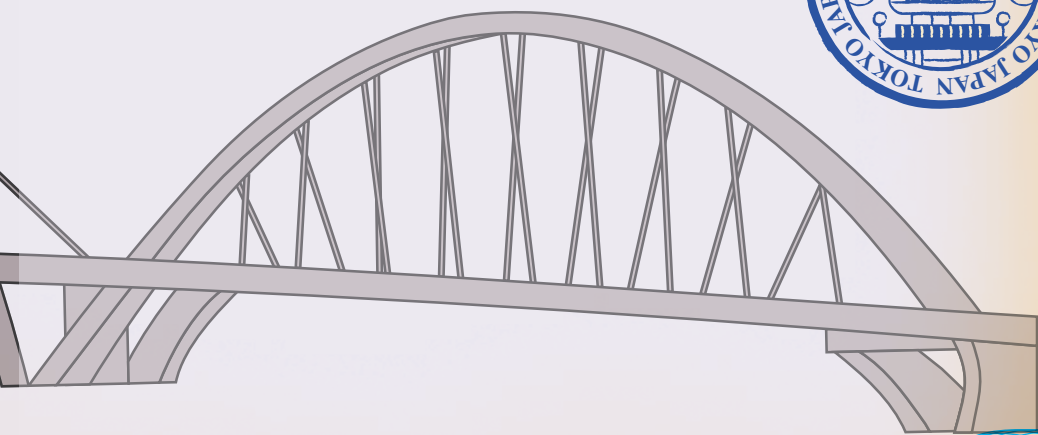
a professora tartamudeava. Sussu, boquiaberta, parou de chorar, laivos negros da fumaça de querosene marcavam a cartolina semi-queimada, bordas em carvão, irregulares, quebradiças, enrolou, viu a fita de cabelos da Sussu, vermelho, ouro-velho e preto, amarrou-o e entregou à professora o precioso rolo. Mirna, aturdida, desatou o nó, desenrolou, abriu e ficou extasiada: era um manuscrito antiquíssimo salvo de um incêndio!

...

Em alguns minutos, o médico entrou na sala, olhou as duas longamente, com um sorriso leve, sem nada dizer. Abriu os braços e caminhou na direção de Mirna com seu meio riso, sempre sem nada dizer. A Profª Mirna, encanecida, já frágil e trêmula, olhos em neblina, os foi abrindo, pouco a pouco, veio à sua memória aquele semis-sorriso de um garoto e mais, e mais e então disse:

“Sussu, é ele! É ele, Sussu! É ele! É você!” E abraçou o médico. O aluno e a professora, o professor e a aluna.

Era M, 25 anos depois.



Encarcerado

Juliane Nery



—“Plantas são como pessoas: até crescem se receberem apenas água, comida e outros cuidados básicos. Porém...” — Ela suspira e faz uma pausa para acariciar meu cabelo — “se receberem também amor e carinho, elas crescem melhor.”

Lembro-me do dia em que uma professora fez essa analogia, enquanto ensinava minha turma sobre como semear e cultivar feijão dentro de um copo descartável. Ela jamais imaginaria que um daqueles alunos terminaria seus dias exercendo função semelhante, muito menos o exato lugar em que tal estudante (no caso, eu) o faria. Na verdade, eu mesmo nunca preveria isso!

Há certas diferenças no modo de cultivar feijão no planeta Terra e na Lua, onde as condições atmosféricas e climáticas são completamente diversas, e a força gravitacional é aproximadamente 85% menor. Para regar plantas, por exemplo, direciona-se o regador para o chão e, devido à baixa gravidade, a água sobe e alcança as raízes, as quais estão situadas cerca de um metro acima do solo. Submetidas a tais condições, as plantas demoram mais tempo para crescer (mas, para um presidiário condenado à prisão perpétua como eu, para que pressa?).

Fui transportado à Lua há quase dois anos, após certo grupo de cientistas apresentar a brilhante ideia de enviar detentos para o cumprimento penal no satélite natural da Terra, com o objetivo de ajudar a encontrar a melhor forma para que os magnatas que desejarem futuramente residir na Lua (sim, existem) poderem fazê-lo sem problemas. O mundo todo aplaudiu a iniciativa.

Grupos de defesa dos direitos humanos de alguns países tentaram intervir, mas de nada adiantou: dois meses após o anúncio, vinte e seis detentos foram sorteados para fazer parte da tripulação que viajaria para a Lua, sendo eu o único brasileiro do grupo.

No dia em que fui levado à nave espacial pelo renomado grupo de cientistas (engraçado, nunca andei de avião, mas já viajei em um foguete!), entre aplausos e gritos, escutei os mais sinceros votos da população que lá se encontrava:

— “Quero ver roubar lá na Lua!” — dizia uma mocinha que frequentemente falsificava documentos pessoais para poder entrar em discotecas proibidas para menores.

— “Que apodreça fora daqui!” — esbravejava um jovem que sempre colava nas provas da faculdade.

— “Que exploda a nave com você dentro!” — bradava um digníssimo empresário que, nas viagens profissionais, traía sua esposa (afinal, ele é “Homem”, não é?).

— “Lua é pouco, deveria ir para o inferno!” — gritava certa respeitável senhora, a qual toda noite rezava um “Pai-Nosso”, e não atendeu para o fato de que o termo “NOSSO” nessa oração implica que Deus é Pai de todos (não só dela e de seus correligionários).

Nunca mais roubei, não apodreci, a nave não explodiu e, felizmente, não fui transportado ao lugar onde labaredas de fogo constantes causam choro e ranger de dentes. Moro em um módulo lunar criado dentro de uma cratera, e minha tarefa diária é cultivar feijão (o que, como relatei, aprendi no auge da minha infância).

Por videoconferência, regularmente fornecemos informações aos grupos de pesquisas sobre nossas atividades, e há pouco avisaram-nos de que nova tripulação de detentos será enviada para a Lua em breve. Imagino a felicidade daqueles que se julgam “digníssimos” e veem tal iniciativa como a solução para todos os problemas da Terra. Pobre Planeta Azul!

PERS PEC TIVA

João Victor Vecchi Ferri

Ao chegar a idade,
Tudo o que queria
Era cuidar dos seus jardins
Em um dia ensolarado

Mas com a fragilidade
Fez o tempo
Com que um dia
Viesse ao solo desabado

Debilitado
Em choque
"Hemotórax", dizia o médico
À filha que chorava

Partir o peito do paciente
Para não partir o da família
Era necessário
E então o tubo se adentrava

Uma vida foi salva
Enquanto outros não têm
essa sorte
Três mil mililitros drenados
Para então estabilizar

No outro dia
Vem o médico visitá-lo
E com alegria no rosto
O paciente começa a falar

Eu vi tudo, doutor,
Estava ao seu lado
Enquanto meu peito cortava
E muito sangue a jorrar

Me vi naquela maca
E o senhor a me cuidar
Não sei como isso é possível
Mas vivi pra lhe contar



Metamorfose

Petr Soares

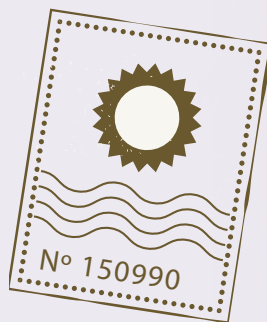
A metamorfose perfeita
Cura e nos ensina,
Mas se desfaz na menina
Que sempre se enfeita
E em sua alma peita
Uma palidez tão fina

O primeiro suspiro
Ao coração enlouquece
O segundo já anoitece
O agora ferido
Sentimento destruído
No beijo que padece

Tudo se esfria
Com extrema vaidade
Escondendo a verdade,
Pois só assim podia
Amar em um outro dia
Pelo medo da idade...

Não se leve criança
Na vida de um cometa
Brincadeira que seja
Sua doce esperança
Corre tanto que se cansa,
Eita, idade que não chega!

Juazeiro do Norte, 3 de fevereiro de 1997



Tempo transformador

Manuela de Quadros

Dai-me um coração puro,
Que não se apresse com a ânsia de ser assertiva.
Dai-me uma alma sensível,
Que não se perca em meio a tanta arrogância.
Dai-me um olhar humilde,
Que não se ofusque com os orgulhosos de plantão.

Que a prudência seja minha guia no alívio dos sofrimentos
alheios.

Que a alteridade me permita observar e entender o rosto do outro.
Que o egoísmo, que rasga como um bisturi, não se faça presente.
Que os encontros sejam de corpo e de alma, de espírito e de entrega.

Dai-me seriedade,
Para atrair pessoas de boa consciência para perto.
Dai-me paciência,
Para aceitar o que não consigo entender.
Tempo transformador,
Mantenha-me sempre disposta a ser.



A perspectiva cósmica

André Busato da Costa

Planeta Terra
Pelo Cosmos flutua essa joia rara
Sua beleza deslumbra o mais simples olhar
A mais bela escultura da poeira estelar

Casa de flores, peixes e aves
Universo de vida banhado por mares
Domada por homens com armas em mãos
Que se achavam a obra-prima da criação

Eles têm tantas bandeiras
Definem múltiplas fronteiras
Dividiram a Terra
E provocaram uma enorme guerra

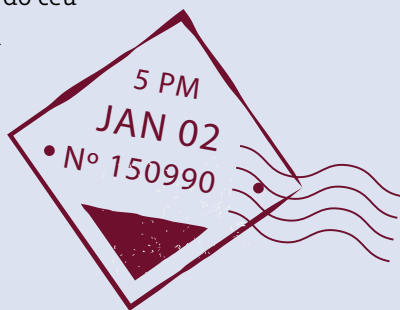
Combate aos imigrantes
Xenofobia incessante
Ninguém respeita a diversidade
Mas todos acreditam no futuro da humanidade
É tanta opressão, agressão, não há o mínimo de compreensão!
É preconceito, é falta de respeito, parece que tudo se resolve com
um tiro no peito!
É tanta discriminação que já houve até mesmo o extermínio de
uma nação!
Mas que lástima de civilização!
O religioso, que vive numa ilusão, esquece a pregação e não divi-
de nem o pão!



A humanidade se destrói, todo o elo se corrói
Na ganância e no egoísmo é que esse mundo se constrói
Saturados de pecados, Deus, a humanidade é o projeto que
deu errado

Americanos, cubanos ou mexicanos
A verdade é que são todos humanos!
Essa espécie tão ávida por poder
Está a um passo de perecer

Usurpadores da natureza, os homens colocam a Terra no banco dos réus
Destroem seu lar de norte a sul
Acham-se gigantes nesta mancha do céu
Neste irrisório e pálido ponto azul



Carta do velho pai

Affonso Antoniuk



Queridos filhos,

O dia em que este homem já não seja o mesmo, tenham paciência e compreendam-me.

Quando derramar café na camisa e esquecer de amarrar os cordões dos meus sapatos, lembrem-se das horas que passei ensinando-os a amarrá-los.

Quando conversarem comigo e eu repetir as histórias que já sabem de cor como terminam, não me interrompam e escutem-me.

Lembrem-se de que, quando eram pequenos, eu contava mil vezes o mesmo conto, até que o sono chegasse.

Quando me virem inútil e ignorante frente aos avanços tecnológicos, que nunca entenderei, tenham paciência e não me lastimem com sorrisos debochadores. Lembrem-se de que fui eu que lhes ensinou a comer e vestir e os educou para enfrentarem a vida e vencerem os obstáculos, como muito bem o fazem agora.

Quando demore muito para sair do templo, porque me foi difícil encontrar a saída, tenham paciência e saibam que dezenas de vezes me dirigi a esse local santo para pedir ao Criador que nunca faltasse nada aos meus queridos filhos. Quando me faltarem as pernas para andar, deem-me suas mãos para ajudar-me a trocar os passos, como eu fiz com vocês para ensiná-los a caminhar.

Se por infortúnio eu molhe as roupas íntimas, não me censurem, pois inúmeras vezes ajudei sua santa mãe, que já nos deixou, a trocar suas fraldas.

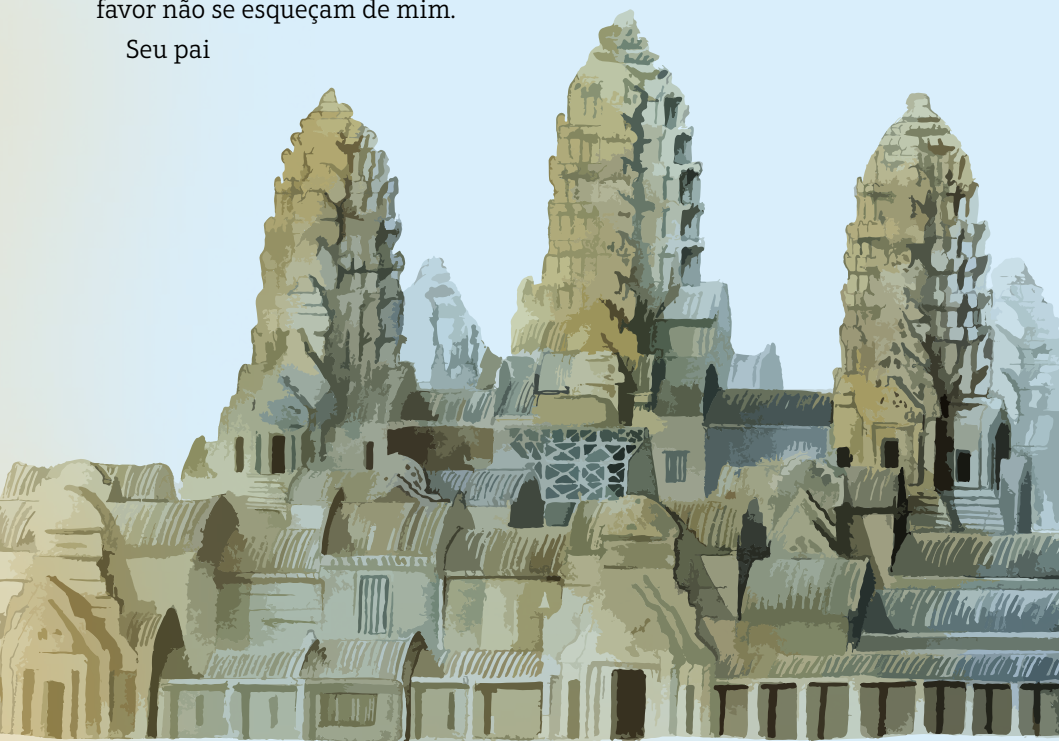
Finalmente e muito importante, perdão pelas constantes ausências. Ir e voltar do trabalho deixando-os e encontrando-os dormindo, doía muito. Deveu-se à luta pela subsistência e para dar-lhes o melhor.

Quando me ouvirem dizer que não quero mais viver, não fiquem zangados, pois algum dia entenderão que o que eu digo não contradiz o carinho e o amor que sempre tive e tenho por vocês.

Não fiquem tristes ao verem como me veem, deem-me seus corações, compreendam-me e me apoiem como eu fiz, quando vocês começaram a viver. Como eu os acompanhei ao iniciarem suas caminhadas, acompanhem-me ao terminar a minha.

Deem-me amor e paciência e eu lhes devolverei gratidão e sorrisos pelo imenso amor que sinto por vocês. E, se eu os esquecer, por favor não se esqueçam de mim.

Seu pai



A vida que eu não tive

Fabírcia Daniela Martins Almeida

O mapa do Brasil estendido sobre a mesa da sala e a figura de meu pai, que, em pé, o apontava, mostravam o quão longe a mudança iria nos levar. Lembro dos meus últimos dias no Rio Grande do Norte, do cheiro de mar que o vento deixava na varanda, e de olhar o oceano ao lado de meus irmãos pensando que o Paraná devia estar tão longe quanto o horizonte.

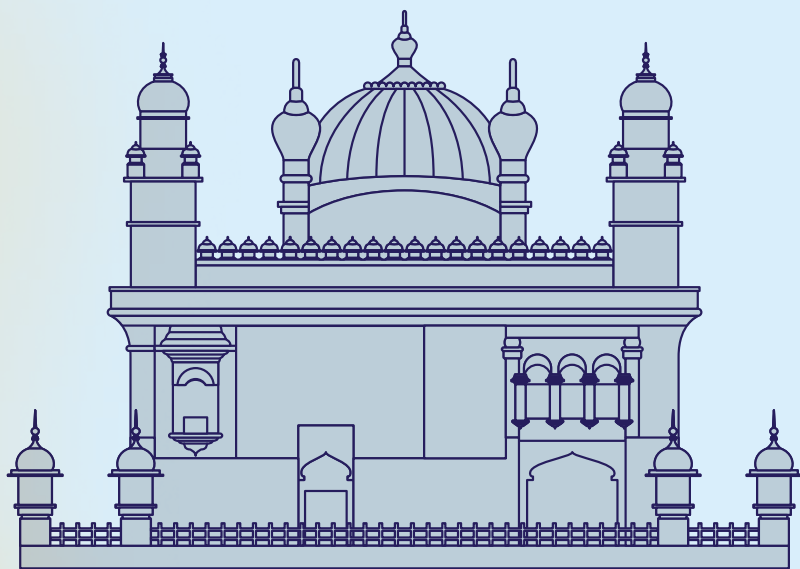
Vesti uma calça *jeans* azul-clara e uma camiseta vermelha repleta de personagens da Disney para entrar naquele avião da Trans-Brasil. Pousamos num junho gelado, e pessoas com os maiores e mais longos casacos que eu jamais vira passavam por nós, soprando fumaça sem precisar fumar. Em que lugar tão diferente viemos parar? Conforme os anos passaram suaves, o frio foi deixando de ser ameaçador. E, lentamente, várias outras cidades foram se tornando nosso lar.

“Um dia a gente volta, não vai demorar”, dizíamos para a família ao telefone. E voltamos sempre que o dinheiro e o tempo permitiram. Mas, de verdade, nunca voltamos pra ficar. Acho que nos acostumamos com o peito doído de saudade, e que aprendemos a fazer laços sem ter que desfazer nenhum. Haja fita!



E beira o impossível esse desejo tolo de querer saber como seria a vida se tivéssemos ficado. A pele mais morena? Os amigos do peito? Sossega, eu digo pra mim mesma. Mas cada vez que toca Luiz Gonzaga, o peito nordestino enche de alegria e o olho, d'água. Deve ser tal qual árvore que vê os galhos crescerem e os frutos caírem longe, mas a raiz está sempre lá, no mesmo lugar.

Daqui de casa, hoje, o mar corre distante. Mas quando fecho os olhos, o cheiro dele ainda vem inundando o coração de quem cresceu com o pé na areia. Aprendi a florescer longe de casa, mas parece que a raiz se aprofundou naquele chão.



Soneto da ausência

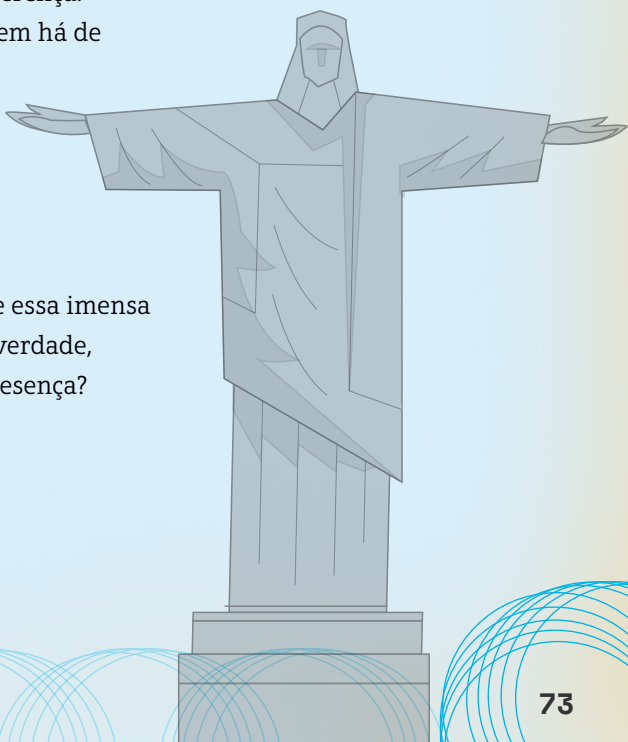
João Carlos Simões

Distraído, nesse momento,
Vejo você, minha amada,
Nas dobras do pensamento
Pousar o olhar, sossegada...

Como dizer da emoção,
Transbordante sentimento,
Dentro do meu coração,
Um efêmero fragmento.

Eu não quero a exiguidade!
Como dizer da querença:
Ter você aqui. Quem há de

Compreender que essa imensa
Ausência diz, na verdade,
A razão da sua presença?



Ele

Felício de Freitas Netto

Ele faz o curso mais nobre
Ele sonhou anos
Agora é realidade
Ele faz ...
Ele faz um curso belo
O curso que mais salva vidas
A satisfação é incontestável
O orgulho, admirável
Ele cuida das pessoas
Ele cuida dos amigos
Ele cuida da família
E ele? Quem cuida dele?
Ele está em um ambiente hierarquizado
Amistoso? Por vezes, sim!
Mas, e quando não?
Ele recorre a quem? A ele?
Ele mantém o foco
Ele estuda, dedica-se
Afim, ele quem cuida
E ele? Quem cuida dele?
Ele é um ser humano passível de erros, de dúvidas
Ele vive em um ambiente turbulento, cheio de angústias
Muitas vezes, não há tempo para se divertir, dormir
Ficar com a família
Ele não é um quase médico
Ele precisa aprender
Ele quer aprender
Ele, o estudante de Medicina



O viciado

A Warte Aqueu Imoto

Sérgio Luiz Azambuja

— É urgente: o senhor terá que se submeter a um implante cardíaco de duas safenas e uma mamária. Não dá mais para esperar: vai ser infarto na certa! O senhor terá que mudar seus hábitos de vida, educação nutricional, menos estresse no trabalho, exercícios físicos, blábláblá.

— Pode acreditar, doutor, vou providenciar todas as orientações! E o que mais?

— O senhor tem algum vício?

— Tenho dois:

Primeiro, sou tabagista de duas carteiras de cigarros, desde os 12 anos de idade.

— Segundo, inveterado viciado em ... sexo!

SEIS MESES DEPOIS

— A cirurgia foi um sucesso, o senhor está seguindo bem todas as orientações da nutricionista, diminuiu a carga de trabalho e faz exercícios regularmente. Parabéns, muito bom! Conseguiu abandonar o vício de fumar?

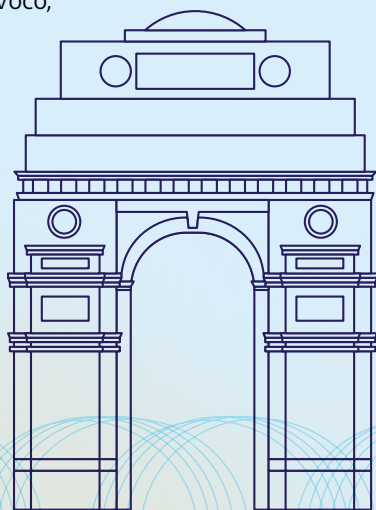
— Acabei com os dois...



Ópera trágico-irônica

Paola Figueiredo Mylla Todeschini Alves

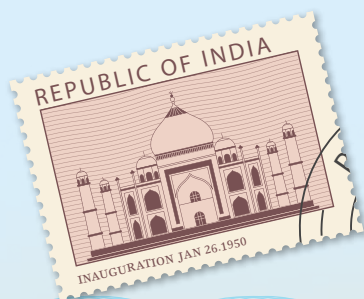
Conta-se que o bêbado anêmico
Sarcástico, soprou o bafômetro
E num gesto olímpico, cômico
Póetico, caiu dramático.
O médico, igualmente etílico,
Atestou síncope fisiológica
Tal ato iatrogênico, não genético.
De parábola, tornou-se histórico
Em recíproco ato ilegítimo,
O ébrio, utópico, cheio de júbilo,
Curou o hálito com erva mística.
Um transeunte, notívago e neurótico,
Atraído pela órbita enigmática,
Observou, crítico, o psiquiátrico.
Pensou em correr rápido, quilômetros,
Mas optou por ser prático e realístico:
Poliu a lâmpada argêntica
De onde despertou um político letárgico
Que, compreendendo o autêntico equívoco,
Dogmático, instituiu a cláusula:
“Do sétimo gole, ao centésimo
O diagnóstico é idêntico”.
O pinguço, o clínico e o noctâmbulo
Comemoraram o êxito legítimo
Num ato epílogo e cíclico
Trocaram o sólido pelo líquido



Gotas de luz

Mariana Puppi

As mãos são grossas e partidas
A caminhada pode ser pesarosa
A vida pode apresentar dores e tristeza
Uma dificuldade deveras onerosa
De duração infinita enquanto fica
Há que se olhar por cima do ombro
E por alguns minutos contemplar
A beleza honrosa
Em pequenas gotas de minutos
Ou orvalho de segundos
Que se faz presente todo tempo
Para aquele que espia...
A força do vento
A cor do sol no céu
A graça da estrela que brilha no céu sem fim
Até o mar é assim
Imenso aos olhos
Cheio de poder e grandeza
Mensageiros que não testemunham em vão
De que a mais longa e fria noite de tristeza
Sempre termina quando a Luz chega
E para ela entrar
Basta espiar!



Escolho servir

Laoane Guimarães Martins



Pelo amor que sinto em cada descoberta,
Interação de sistemas tão humanos,
Fascinação pelas leis que regem,
E, em cada alma, o psíquico ao somático completa.

Buscando a harmonia em cada intervenção,
A proposição de cuidar daquele que se apresenta,
Somei técnica, teoria e compromisso.
Na intenção de ajudar; por esse caminho eu sirvo.

Se há uma lei que rege essa dinâmica humana,
Comparo aos astros; desconfio que se complementem.
Na essência que está em cada um
Permita-me servir com o meu melhor



Há quatro direções, mas só uma é norte;
Qual é o Norte que leva ao aspecto humano?
Seria o respeito? Ou seria a devoção?
Carrego os dois; pois não saberia servir se não assim.

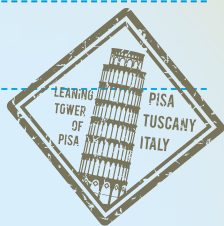
Para transformar, Fogo! Esse modifica a matéria
Para multiplicar, Terra! É a fertilidade em si
Para movimentar, Água! Essencial a tal dinâmica
Para sutilizar, Ar! Carrega o sublime
Ao Servir, que se componham e me lapidem.

Que o Servir seja princípio,
Seja incorporado e expressado,
Na medida harmônica; tão
Proporcional a Medicina.



Certo encontro natalino

Gilberto Carlos Macedo



Quinta-feira... dezembro de 1998.

Dia 24 — manhã que antecede à noite de Natal.

Um fim de semana longo — provocado pelo feriado natalino.

Estamos fundeados no centro de Foz do Iguaçu — alto da avenida Brasil. Anexo à zona militar. A bombordo numa loja bancária superlotada — nela... nós todos estamos padecendo com os “normais” acontecimentos dum ambiente superlotado. Motivo — suas portas, nos próximos três dias, permanecerão abertas não mais que... unicamente, hoje, neste matinal expediente.

Estou ambientado... em seu interior — bordejando numa enorme fiada de correntistas nervosos. Uma vez locado, eu, cansado pela marinharia do pernoite — digo... plantão na Santa Casa. Resolvo dirigir-me ao vizinho da frente... tentando aliviar o marasmo da espera:

— Lenta!... Parece um barco à mercê da calmaria.

Ele se vira — respondendo no ato.

— Está sim!... Em Fortaleza, estivéssemos... supondo, com o vento da Praça do Ferreira — já estaríamos nos boxes.

No momento... eu o mirava de frente.

Deparei-me com um senhor duns 57 anos, não muito alto — levemente calvo, gordinho, moreno e dono dum sorriso enorme. Animei-me...

E prolongando nosso diálogo — indaguei-o:

— Cearense!... Parecendo ter saudades da terrinha?... Duma boa brisa?...



— Sim... Vim fazer um trabalho. Estou, presentemente, mandando dinheiro para minha esposa. Ficou só não!... Não de modo total — está junto à filha única.

Brincando — informei-o:

— Eu à Mãe. Aborreço-me nestas fileiras. Azeda-me o vinho — olhe... nem sou do Porto, avalie fosse?

— Pior!... Ruim com justeza — caso eu não tivesse recurso. Vendo redes. Mando pouco — acho, porém... não falto enquanto tenho reza em meu curso.

— Minha Geradora vive com menos. Perdeu seu esposo há quase 17 anos — então é aposentada; padecendo... atada em um salário mínimo. Pago à sua Unimed — o ano todo. Não é tão... simplesmente, mas faço. E bem... tenho feito com gosto.

Respondo... mirando e vigiando as escotilhas do deque; onde somente dois funcionários, à deriva, pareciam viver em câmara lenta sob o calor tropical — grudados num oceano ausente.

Meu próximo, mais à vontade, íntimo parecendo um velho amigo marinho, medita e diz.

— Bom — sempre que um filho pensa... Tenho cinco, incluindo a moça. Estão longe — todos assentados cá pro Sul... ancorados nos vários portos.

Por fim a popa moveu-se — automaticamente. Como estivéssemos dando corda, numa mola cansada... navegamos — andamos alguns passos à frente, sulcando lentamente o piso a meio velame.

Eu tinha uma das mãos aportada em seu ombro — quando lhe revelei:

— Ela, nossa Progenitora, mora com minha irmã. Sei — ajuda e como!... Dois outros... não. Eles... não acodem. O terceiro... tem colaborado. Sim... sou o mais velho — calejado por ter aferrado em várias baías. O único que assopra na vela latina dela — em suas viagens diárias.

Sorrindo, denotando um ser por inteiro realizado... numa demonstração que se sentia feliz — afirmou num estado ao qual pare-

cia estar sonhando, talvez pensando em voz alta ou falando consigo.

— Uma jangada — uma rota, outro cais. Maria é feliz por ter seu amor. Após eu morrer, para minha viúva desejo isto propriamente dito — neste arranjo... a deixaria bastante ancorada.

Ao largo, num dos caixas... certo contínuo lotado, imóvel e privado de remo — demonstrava que por um tanto tempo, ficaria fixo sem dar vau até a próxima maré.

Como aspirado por uma vaga — nossa correnteza retrocedeu. Causa... um marujo sem respeito, novato e alheio, lançou âncora — aferrando nosso espaço. Deixando... a boreste; ala nossa mais longa, indolente — só espiando e balançando ao léu. Pretendendo relegar ao maroto jovem o vento, pois é isto que todo fura-fila merece — perguntei pro vendedor:

— Por aqui?... O mercado de redes está bom?... E o lucro?... Estufa o bornal?... Pretende ancorar durante vários dias?...

— Ninguém tem tempo adequado ao ócio nesta restinga. Vende-se pouco... Às vezes — uma. Tem a sina... duas de repente. Acolá — raramente outra saída. Depende do vento — da preamar.

Ouvindo sua resposta... chegamos ao alojamento aguardado.

Ele, o Mascate... aproou no guichê.

Deu seu recado.

Ao terminar, andou lentamente a estibordo; olhando-me com uma satisfação repleta... que iluminou todo seu rosto, acenou respeitosamente — dizendo.

— JC... Feliz Natal — e um próspero Ano Novo!

Parecia... estar se despedindo?

Ainda o visualizava e... caminhando — retribuí a saudação.

Pensei... quando eu iria revê-lo?

Passaria por uma nova viagem à costa do nordeste?

Ausência sua... seria longa?

Cheguei ao tombadilho, encostei o dorso — apoitei.

Dei meu roteiro para o homem do leme — lentamente... me virei.

Ele... daí — safou-se na turba sofrida.



Absorto, fiquei pensando... no sol da caatinga sem maresia do meu ex-companheiro de fieira. Existia... denotava no ar — um quê de mistério.

Como ele descobriu meu apelido de infância?...

O nome pertencente à Mamãe?...

O jovem bancário leu todo mapa, erguendo seus olhos; margeando a escrita — numa face de zanga; como na condição duma estadia em um baixio seco... foi logo dizendo.

— Estranho — Jesus Cristo. Esse seu endereço, pertencente à sua genitora, é idêntico ao da esposa do Sr. José, o senhor que acabou de sair. Coincide — o nome; agência; número da conta, em tudo. Incide até mesmo no valor mandado...

Perplexo pela informação, corri os olhos no convés conhecido; e... mais nada.

Gesto autômato... dum atônito — pois sabia que não avistaria o dorso do “meu” nordestino. Ele... de jeito simples — desapareceu; evaporou. Partiu na bruma sem deixar espuma na superfície do ambiente — agitada com todo movimento ativo e... mais nada.

Mirrei nos ancoradouros antepassados e, contudo... nada.

Deixou-me mal a cor desbotada das lembranças duma vida mútua — será?...

Porventura, fizemos parte duma tripulação igual em alguma velejada pelo nosso destino — na busca de algum tesouro da nossa vida comum?... Vivemos em uma análoga seara duma mesma nau?... Sob a sombra idêntica dum mastro genético semelhante — estivemos unidos?...

Busquei-o usando lentes no mar infecundo, fantástico do presente meu e... mais nada.

Exclusivamente ficou a dor da miragem e um raciocínio vago no ar. E, aí, com o círculo fechado — a soma resultou num vagalhão dum destino incerto. Em anexo... nele, uma imagem à baila surgiu. E... a tal se materializou como veio — em meu semblante cristalizado, tenso. Espantado; assustado, ela trouxe junto uma única surpreen-



dente ação — na forma dum grito que saltou da minha garganta:

— Pai!...

O som drenou espontaneamente — num estridor penetrante... doído. Escapando pelo castelo duma proa fantasma, sendo levado pela angústia da incerteza de qualquer resposta real... soando assim sem esperança, como certa lufada lúgubre na nevoa estéril; imóvel e densa. Do silêncio nascido no ambiente — sob os olhares de todos... uma incógnita emergiu à tona agitada da dúvida sem ciência; na ausência duma consciência certa e na certeza da falta de consternação dos presentes. Nele, tudo denotava como um ruído produzido por uma onda — na ocasião dela se chocar... inevitavelmente num rochedo nu da saudade verdadeira numa praia solitária. O qual a custo provoca um eco, em que durante sua vida — ele nos atinge num formato capaz de reabrir nossas cicatrizes bem dolorosas e... mais nada.

Dele... do meu interlocutor — coisa alguma chegou. De estilo nenhum... em meus olhos, uma imagem parecida com ele — penetrou. Nenhuma frase com seu sotaque... aos meus ouvidos — ecoou.

Ofegante, suado... eu voltei à realidade — como se retornasse dum ato prodigioso e onírico.

Revivido — eu tentava memorizar todos os detalhes das imagens; de cada diálogo, e...

De um jeito que também não sei — então caminhei vagando cabisbaixo; emocionado, e...

Chorando — sulquei todo litoral absorto na esterilidade dos arrependimentos do nosso passado ausente, meu e de Papai; mas, com o íntimo repleto por estar realizando seu maior anseio; e...

Soluçando — drenei pela areia sem sentir sua presença do meu lado; nem visualizar, dele, qualquer rasto em nosso presente duradouro, imaginado, e...

Aceitando agora — tudo como um inexplicável sonho verdadeiro, improvavelmente vivido... Terminei por conseguir apenas, e mais nada... captar estas reminiscências perpetuadas em mim — deste:

Certo encontro natalino.



Raça humana

Loyse Bhon



— A senhora não pode entrar aí.— diz o segurança ao mesmo tempo em que barra a entrada do centro cirúrgico.

— Bom dia, eu trabalho aqui. — ela responde calma e claramente. O homem não se move 1 milímetro sequer.

— Credenciais?

A mulher procura em sua bolsa o crachá de permissão enquanto um outro homem passa sem ser questionado pelas famigeradas portas. Encabulada, decide apenas mostrar sua identificação e nada mais diz quando a barreira de 90 quilos sai da sua frente.

Ela coloca o pijama cirúrgico e segue seu rumo em direção ao primeiro dos muitos procedimentos do dia.

A segunda decepção ocorre quando se depara com uma sala de cirurgia vazia. Ao olhar para trás, nota um enfermeiro no corredor também vazio.

— Com licença. — a moça pede gentilmente, mas é ignorada pelo homem, que apenas a olha de relance e volta a ler os papéis em suas mãos.

— João, não é? — ela indaga insistentemente.

— É.- ele responde com certo desagrado, a olhando apenas de esguelha.

— O que aconteceu com a cesária na sala 9? Mudaram de lugar sem alterar o quadro do dia?- O enfermeiro parece finalmente interessado e dessa vez a olha enquanto diz:

— Ah, sim! A paciente pediu encarecidamente que fosse atendida pelo Dr. Pedro.

— Nossa, eu a estava acompanhando desde o terceiro mês. — Ela fala em voz alta, mais para si do que para o rapaz, que já não prestava atenção nela. Decide, então, ir tomar um café na cantina do hospital, como sempre fazia quando esse episódio recorrente acontecia.

Já sem o pijama cirúrgico, mas pensando na cirurgia que faria daqui a algumas horas, ela mal repara quando uma moça aperta propositalmente um botão do elevador de forma que as portas se fechem antes que ela possa entrar.

Quando enfim consegue pegar um dos elevadores, nota a distância que os outros passageiros mantêm dela. Quase como se tivesse uma doença contagiosa ou fosse tóxica. Mas isso não a incomoda, permanece firme encarando a porta e finge não ter notado.

Percebe, apenas quando já está na fila para pagar, que esqueceu sua carteira no carro. Sai da fila com o intuito de explicar a situação para a moça do caixa quando é bruscamente parada por uma segurança.

— Aonde você pensa que vai sem pagar esse café que está segurando? — Pergunta rispidamente.

— Minha carteira está no porta-luvas... — A moça do caixa mal a deixa terminar e, com uma expressão de reconhecimento, diz:

— Tudo bem, Jéssica. Ela trabalha aqui. — Após um evidente alívio, a segurança acena com a cabeça e se distancia.

A cirurgiã, agora já sem vontade de tomar o café, se dirige ao banheiro feminino mais próximo.

Dá seu primeiro passo dentro do banheiro ao mesmo tempo em que a primeira lágrima escorre de seus olhos. Sente, ainda, mais algumas frustrações líquidas caindo antes que ela possa encarar o espelho e se deparar com sua forma borrada.

Conforme o rosto toma seus contornos, ela percebe o defeito que o traço das lágrimas causa em sua maquiagem, assim como a tristeza profunda evidenciada no castanho de seus olhos.

Chega, então, à conclusão de que a presença de cor em sua pele reflete a falta de cor em sua vida.

Amor magenta

Cláudio Luciano Franck



Um amor mais que perfeito e tão infinito que se suas extremidades se encontrassem, seriam opostas, a paixão e o ódio, entremeadas apenas pelo inexistente, como a cor magenta no espectro das cores. Ele deseja com ela assistir ao nascer e ao pôr do sol eternamente, porém, desolado, percebe que seu sentimento não correspondido perpetuará inalcançável, contudo essa relação crônica, sôfrega e inatingível também possui uma dimensão catártica.

Quase satisfeito, permanece com um discreto sorriso, enquanto encaminha-se à porta da casa e, ao abri-la, uma sensação de imensidão e liberdade se incorpora a ele. Caminha extasiado e logo se distancia da casa. Eufórico, segue em uma alameda de árvores robustas com muitos galhos, folhinhas verdes e pequenas frutas coraliformes bem vermelhas. Não resiste e experimenta sem receios a deliciosa fruta, uma após a outra, ininterruptamente e a cada uma ainda mais voraz se torna.

Após degustar a última delas, surge em sua mente a cena de um homem com olhos verdes caminhando sobre lavas com seu corpo em chamas. Um rosto expelindo fogo eclode do peito do sujeito e expulsa seu coração, que permanece pairando à frente do seu tórax e faz o homem persegui-lo em desespero. Logo, encontra uma porta laranja e, ao transpassá-la, despencar em um flutuante ambiente cubista com uma corda que parece descer para o abismo. Estatela-se e as chamas do seu corpo se apagam, todavia a queda exsanguinante o faz padecer. Sepulta-se solitário, iluminado pela chama de uma única vela. O corpo amarelado e achatado fica envolto pelo sangue

que se espalha no piso do ambiente geométrico, enquanto seu rosto triste e sem vida parece observar seu coração ainda pulsante que paira sobre seu tronco vazio.

Preocupado com o presságio funesto, afasta-se da árvore e caminha ao léu até escurecer, quando chega a uma praia com o mar agitado sob uma tempestade. Abriga-se sob uma estrutura aracniforme perto de um pequeno lago cercado pela areia da praia, enquanto observa uma linda mulher próxima ao mar. Após a calmaria, aproxima-se e a reconhece:

— Acordo imaginando e sonhando o sonho que é você com a sua linda imagem eternizada na minha retina — declara-se e continua: — Porém fui traído pelas imagens e, por minha culpa, construí uma fantasia idealista com similitudes não semelhantes, ou seja, imaginei que tivesse encontrado a pessoa que gosta das mesmas coisas e das minhas coisas e vice-versa... — Respira fundo: — Equivocado, sustentei um sentimento de intensa paixão, mas agora racionalizo e percebo que fui traído pela minha própria imaginação, pois como o amor nunca existiu, eu me apaixonei apenas pela utopia de um amor inexistente e adorei apenas o arquétipo da mulher ideal do meu inconsciente.

— Metamorfoseia-se na impermanência... — responde evasiva.

— Tudo se torna efêmero se um momento contigo é eterno! — resiliente.

— O momento à Dostoiévski se sustenta na surrealidade da existência...

— Então um beijo eterno? — suplica ao arquétipo do amor magenta.

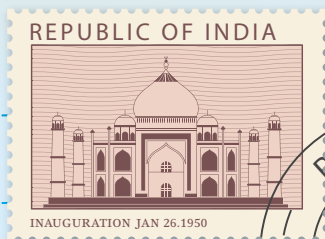
— O beijo à Klimt nunca existirá!

— Eu sei... Você reduziu-me ao desacontecimento e eu já vi o meu fim... Morto com o coração pairando sobre mim, mas pulsando por você!

— Egoísta... se me ama, não me queira! — confiante de que ele nunca desistirá.

Astrologia

Ligia Renuncio



Quando eu nasci, me disseram canceriana. Cria da água, canceriana. Muito apropriado para uma mulher ser da água. Minha mãe, ela também canceriana, era a única criatura da água que me cercava naquela época. Eu não acredito em astrologia, mas vá lá.

A vida veio da água. No começo, no meio do fogo primordial, era muita energia, mas nenhuma vida. Bom, não biológica pelo menos. Eu sou cientista, eu não acredito em outro tipo de vida, mas vá lá. Antes mesmo que existisse o ar, a água já gestava a vida.

Muito poético uma mulher ser da água... eu nunca me permiti gerar vida. Eu não acredito nos seres humanos. Cuido deles, é sina de mulher cuidar, não é mesmo? É sina da água, manter a vida, eu cuido da vida. Eu não acredito na humanidade, mas vá lá.

Já tem muitos anos eu aprendi que não é só porque eu não acredito em alguma coisa que ela não existe. Então eu cuido. Eu cuido como eu faço todo o resto que faço da minha vida: com a força e tenacidade de uma maré inescapável. Não é muito inteligente brigar com as marés. Nas marés eu acredito.

Todo mundo que me cerca é de outros elementos, especialmente do ar. Minhas irmãs são do ar. Eu tenho uma irmã que nasceu da minha mãe; a outra eu chamo de irmã porque a amo. Mas pensei muito nisso e achei injusto chamar as minhas amigas, minhas raras, raras amigas, de irmãs. Irmão é posto passivo. Só precisa nascer.

Amigo precisa de amor. Dedicção. Tolerância. Independência. Liberdade. Respeito. Amizade se conquista ao longo das duras penas da vida. No fim do dia, amigo é mais que irmão. Mas eu sou da água, eu chovo em toda semente, uma dá espinho, a outra dá flor. Não é culpa da chuva se a semente é ruim. Eu chovo. Quem germina é você. Eu acredito em colheitas.

Meu companheiro é da terra. Não é só da terra, é do touro, o mais terráqueo de todos os terrenos. Se eu acreditasse em astrologia, diria que é um plano das esferas, a água, a terra, o touro, o arado, a semente, a colheita, a vida... mas eu não acredito em astrologia, astrologia é coisa de bruxa. Chamar as amigas de irmãs é coisa de bruxa. Ciclos, marés, plantio e colheita é coisa de bruxa. Eu já acreditei em bruxas, assim como eu já acreditei nas pessoas.

Eu não tenho mais idade para acreditar nessas bobagens, mas vá lá.

Se eu acreditasse em magia, talvez eu tivesse medo. Pode ser que tentassem me colocar na fogueira... de novo! Não aprenderam ainda que água não queima. Água ferve. Vira chuva. Tempestades. Já faz tantos séculos que me colocaram na fogueira, nem teria sobrado nada para queimar. Já estou em chamas há tanto tempo... combustível ou comburente, estou sempre em chamas.

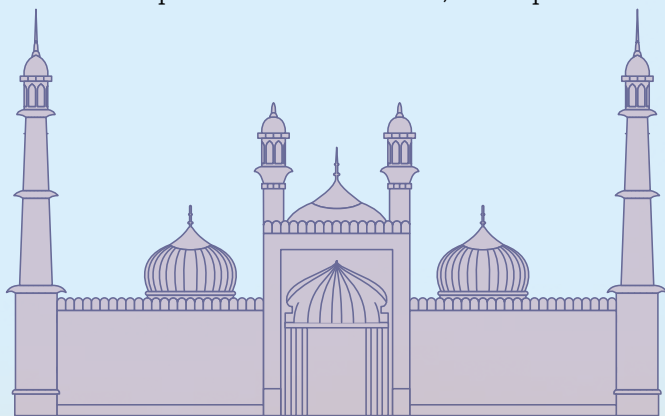
Eu não acredito em bruxas.

Não acredito em fogueiras.

Não acredito na humanidade nem na astrologia.

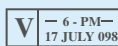
Eu não espero nada, mas vá lá.

Eu só chovo, a gravidade me leva. Façam o que quiserem de mim. Entre lágrimas tímidas ou os mais assustadores maremotos, fluo. Eu acredito em marés. Acima e além de qualquer coisa, eu acredito em mim. Vocês que acreditam em bruxas, vocês que tenham medo.



O médico alquimista

Pedro Henrique Bonifácio Shiino



Marcus tinha grande renome naquela vila, suas pernas corriam para todos os lares, e as solicitações pelas suas visitas aumentavam a cada dia: envenenamentos, acidentes domésticos ou ferimentos em combates, existia a ideal combinação de plantas e pedaços orgânicos a serem combinados em pomadas ou xaropes e que livrariam sem obstáculos as injúrias dos pacientes.

A origem do alquimista era nebulosa na mesma medida que as informações acerca de sua formação. Mito e realidade conflitavam infinitamente, entretanto poucos de fato gostariam de saber com quais livros estudara ou qual diploma obtido, reconheciam nele a sagacidade e maestria na arte da cura por seus miraculosos feitos.

Vestido com o característico sobretudo preto, perambulava pelas ruas amplas atulhadas pela lama sem demonstrar desânimo ou fadiga. O claro sorriso continuamente presente resplandecia como uma pérola e podia, segundo a fala alheia, amenizar o sofrimento dos acamados. O carinho pelo próximo adoecido assemelhava-se ao paternal.

Entre guerras, entre pestes, entre fome e catástrofes, suas consultas jamais paravam. Porém, a vida dedicada aos outros sugava do homem as energias necessárias para se dedicar a algo além da medicina e alquimia. Deixava raramente a pequena cabana às margens do povoado. A negação de pagamento em dinheiro obrigou os moradores tocados pela humildade do homem a oferecer-lhe serviços de limpeza, comida e outros materiais diversos.

Gabava-se internamente pela enorme lista de atendidos sem a ocorrência de óbitos ou processo curativo ineficiente, sua acurácia era impecável, e o pobre homem alimentava suas forças através des-

se orgulho e da admiração pública pelos seus serviços e humildade, este era o real significado do sorriso carismático. Entretanto, a vida lhe traria o amargo pesar da derrota; este, infelizmente, veio na saúde de uma infeliz garota, filha do ferreiro da cidade. Os humanos falham e Marcus não seria a exceção.

A criança sofreu por dois meses, a tísica comia-lhe as forças, a juventude e avançava sem piedade. O médico enfurecia-se com frequência e o seu ar passivo esvaziou-se, tratava a pequena com ódio, amaldiçoando sua doença. Porém, o cume dessa fúria arrebenhou-lhe quando viu os pais buscando forças na cura da filha ao seu Deus. Como podiam amar outra deidade e depositar sua fé em algo que não fosse ele? Insultou a todos sem piedade e deixou seu posto de médico rogando pragas ao mundo. A alma do pequeno rebento deixou seu corpo no outro dia.

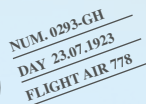
Amargurado com o erro, revirou os passos tomados com a cautela de um cirurgião. Havia feito tudo corretamente, como poderia falhar? Os boatos da sua desenfreada raiva espalharam-se como a praga; não recebia mais comida e, conforme abandonava outros pacientes, pessoas morriam por doenças antes banais, e a cidade enfureceu-se com o alquimista. Nada mais restava para se orgulhar.

Por dois meses abandonou a realidade, viveu no passado, invertendo sua antiga reputação e completa perfeição. Não percebia como a perfeição humana somente existiria em potência, jamais poderia ser um ato, a própria condição humana constituía um obstáculo aos seus objetivos. Atirou-se aos vícios; bebeu até esquecer os próprios erros, ignorou a higiene pessoal e frequentou prostíbulos.

Ao fim de dois anos deixou a cidade, pegou livros essenciais de medicina e alquimia, ingredientes necessários e algumas moedas roubadas. Caminhou sem rumo com a finalidade de alcançar domínios onde os ventos não carregariam seus pecados, seria Baldur, um homem perfeito em potência, até o próximo erro atingi-lo e essa seria sua rotina, por toda a eternidade.

Nosso primeiro paciente...

Jeferson Puppi Wanderley



Era março do ano de 1983, início da noite numa fria Curitiba vestida de outono. Mesmo sem flores e folhas, havia encantamento quando os raios do Sol poente projetavam-se naqueles esqueletos de troncos e galhos.

O País atravessava momentos de esperança com a retomada do processo democrático.

No ano anterior, a 5ª colocação da Seleção Brasileira de Futebol, na Copa da Espanha, trouxe muita tristeza para a nossa torcida, já que essa era considerada a “Seleção dos Sonhos”, a seleção do técnico Telê Santana, com Sócrates, Zico e Júnior, derrotada num amargo 3 X 2, três gols de Paolo Rossi para a seleção italiana.

Nesse mesmo ano, surgiram várias bandas que marcaram época, tais como *Legião Urbana*, *Capital Inicial*, *Barão Vermelho* e *Blitz*, embalando o dia a dia da juventude brasileira. No exterior, Michael Jackson encantava crianças e adolescentes com suas incríveis *performances*.

O surgimento e a rápida disseminação da AIDS desafiavam cientistas e pesquisadores; contudo a descoberta de sua etiologia e o desvendamento de sua epidemiologia confrontaram paradigmas, além da exposição de comportamentos humanos de preconceito e intolerância.

Enquanto o brasileiro Nelson Piquet conquistava o bicampeonato da Fórmula 1, o jovem Ayrton Senna da Silva iniciava sua brilhante trajetória vencendo o Campeonato de Fórmula 3 na Inglaterra.

Edna, Emília e eu tínhamos acabado de concluir a Residência Médica em Pediatria pela Universidade Federal do Paraná. Sonhos mil pululavam em nossos pensamentos e o afã típico da juventude nos impelia na busca de muitas realizações.

Primeiramente, locamos uma casa na Rua Comendador Macedo, no Alto da Glória. Reunimos nossas economias e, com o auxílio de familiares, adquirimos o mobiliário para equipar os consultórios. Na época, linha telefônica era artigo de luxo, mas, durante os anos em que cursava a faculdade, adquiri uma linha da Telepar (Companhia Telefônica do Paraná), que mantive alugada até transferirmos para a nossa clínica.

Estávamos entusiasmados para colocar em prática todos os conhecimentos e habilidades adquiridos durante a formação acadêmica e na Residência Médica.

Clínica montada, consultórios decorados com motivos infantis, contratamos nossa primeira secretária. Beth era uma pessoa muito especial: com seus traços orientais, era muito afável e cativante, permanecendo conosco até fecharmos a clínica, um ano depois. Ávida por iniciar a marcação das consultas, Beth folheava aquelas páginas inóspitas de uma agenda vazia.

Naquela tarde noite, estávamos na recepção, os três a conversar sobre nosso planos, quando um automóvel estacionou defronte à clínica. Nenhum de nós havia agendado qualquer consulta. Percebemos que uma pessoa desceu do carro e adentrava pelo portão, segurando no colo o que parecia ser um bebê recém-nascido enrolado num cobertor, protegido das intempéries típicas do clima curitibano.

Nos entreolhamos, certamente indagando em nossas viagens mentais, quem seria agraciado com seu primeiro paciente.

As interrogações começaram a surgir:

- Quem seria?
- Quem nos havia indicado?
- Como chegara até a clínica?
- Estaria com o estado de saúde muito grave?

Naquela época, a internet ainda engatinhava, e o uso do telefone celular começou a despontar no mercado brasileiro na década de 1990, quase dez anos depois. Até então, os meios de comunicação de que dispúnhamos eram o telefone fixo e o Pager, aparelho que nos permitia receber mensagens escritas, enviadas por uma atendente de uma central telefônica.

A senhora então subia pela rampa que ia em direção à recepção. Eram aproximadamente 15 metros separando a calçada da rua até a entrada da clínica.

Beth, a recepcionista, prontamente foi atender à porta.

— Por favor, entre.

— Boa noite! Trouxe o Toby, ele não está nada bem.

Ao descobrir o pequeno embrulho, nos deparamos com o pequeno cãozinho; trêmulo, de pelagem marrom, olhos fixos e expressão de pavor.

Quase em uníssono, bradamos:

— Desculpe, senhora, a clínica veterinária é logo ao lado.

Agradecida, a senhora se despediu e partiu em direção ao veterinário, que, certamente ficaria muito feliz em receber seu novo paciente.

A nós restou apenas termos serenidade e aguardar o próximo paciente.



Tropeço

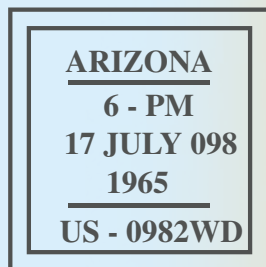
Lutfalla Farah

Na estrada da vida um dia me encontrei,
Pobre, fraco, decaído, macilento,
E tua mão incontinentemente estendeste,
Agasalhando num abraço meu corpo friorento.



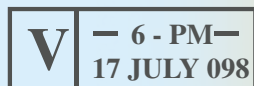
Fui contigo andando nesta estrada,
Realizando os sonhos de minha vida,
Com amor, sorrisos e ternamento levado
Por tua mão suave e enternecida.

Nunca olhando para trás ou para os lados,
Fui cegamente feliz por ti encaminhado,
Recebendo em cada abraço e cada beijo
Um conforto amigo para meu corpo alquebrado.



Feliz estava ao teu lado nesta andança,
Quando algo como um raio nos sufocou.
Tive o coração em mil pedaços retalhado,
E vou catando triste o que de mim restou.

Restando ao menos um mínimo pedaço,
Catando altivo em minha caminhada,
Não caindo, segurando-me forte,
Em tua lembrança, em teu amor, minha amada.



Nunca mais me verás ao léu caindo,
Nem na sarjeta como um embriagado,
Vou de alma límpida e cabeça erguida,
Por teu amor sempre amparado.



Missão Haiti III: tratamento do câncer sem fronteiras

Phillipe Abreu



Hoje pela manhã pedi um pão com manteiga e café com leite na padaria e lá se foram 5 reais. Difícil imaginar que 25% de toda a população do Haiti vive com menos que o equivalente a 5 reais por dia e outros quase 60% vivem com menos que 10 reais. Um ambiente como esse, com 85% das pessoas vivendo abaixo das linhas da pobreza e da extrema pobreza e 1% detendo 50% dos recursos do país gera todas as condições para o avanço da violência, desesperança e em alguns casos até a barbárie. Soma-se a isso uma região propícia a desastres naturais como terremotos e furacões e uma sociedade de corrupção em todas as esferas de governo: o resultado é inevitavelmente ruim.

Se, num primeiro momento, a sensação é de voltar no tempo ao desembarcar em Porto Príncipe, logo se percebe o porquê de uma expectativa de vida de um Brasil 50 anos atrás. Não há coleta de lixo urbano, sendo tudo acumulado ao redor das calçadas. Não há iluminação pública, e após o pôr do sol só se enxerga o farol dos carros. Não há água potável nas torneiras, muito menos saneamento básico e esgoto encanado. Não há serviço de correios e entregas porque os endereços e números de casas não existem. As pessoas se localizam por referenciais naturais e macrorregiões da cidade. Hospitais, hotéis, supermercados, condomínios são todos protegidos por seguranças com escopetas e metralhadoras. Agora imagine diagnosticar e tratar câncer nesse ambiente.

É o desafio aceito pela ONG IHI (Innovating Health International - <https://www.innovatinghealthinternational.org/>), que há 4 anos ini-

ciou um programa de prevenção e tratamento oncológico, baseado na arrecadação de fundos internacionais para compra de quimioterápicos, e a organização de missões de cirurgias para realizar mutirões periódicos. Sem nenhuma máquina de radioterapia no país, a cirurgia torna-se a única chance de cura para a maioria dos pacientes.

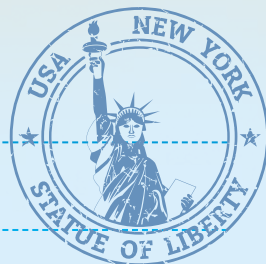
Realizamos esta semana a terceira missão voluntária brasileira pela IHI desde 2018. Já foram quase 50 pacientes operados e um benefício real para essa população que vive em verdadeiro desalento. Desde a primeira missão desenvolvemos a ideia de treinamento de cirurgias locais para que a continuidade do programa não se limite aos mutirões internacionais. Os primeiros 2 haitianos em treinamento já executaram procedimentos oncológicos complexos de forma independente (sob supervisão) desta vez. Além disso, iniciamos a participação voluntária de estudantes de medicina brasileiros e firmamos um acordo para futuras missões de cirurgias e estudantes por meio do Capítulo do Paraná do Colégio Brasileiro de Cirurgias.

Como essa população consegue então sorrir? O Haiti serviu de “reservatório de escravos” por diversos anos: navios negreiros deixavam as crianças na parte francesa da ilha e levavam seus pais para serem escravos na América do Norte. Estes (agora) órfãos permaneciam na ilha para crescerem e ganharem peso até que tivessem condições de trabalhar. A localização no Caribe fazia com que as subseqüentes viagens fossem bem mais baratas que o transporte desde a África. Primeira e única revolução de escravos bem-sucedida no mundo (1804), o povo haitiano preserva suas origens e cultiva a genuína alegria da liberdade. Apesar de tantas adversidades, a perseverança e a bondade da população nos encantam e nos motivam.

Sem dúvida, manteremos esse programa voluntariado como missão de vida, missão familiar e profissional. Todos são bem-vindos para ajudar, toda doação é necessária, e a gratidão ao ouvir “mesi, dok” (obrigado, doutor — em bom *créole*) a cada paciente operado é indescritível.

...*Ex machina*

Matheus Jürgen Riepenhoff



Deus ex machina. Ou seria, *medicina ex machina*? Em uma permuta contemporânea, uma simbiose profética da razão. Me senti Spinoza inumeráveis vezes, observando, dissecando e salvando aquela — que ainda é — a máquina das *machinas*. A cada paciente, em seu macrouniverso particular, encontrava a inspiração filosófica de minha existência... um mundo platônico que fora apresentado por meus incontáveis mestres...um mundo aristotélico que me fora alçado por meus nobres colegas. O mundo hegeliano em que acabei catapultado. Mas, acima de tudo, um mundo de Spinoza que me foi concedido. Mas um detalhe intrincado descasca o mais profundo interior de minha alma: o que move *Machina*? Talvez, esse fosse o questionamento primeiro de Spinoza em uma tarde ensolarada no seio de Amsterdã.

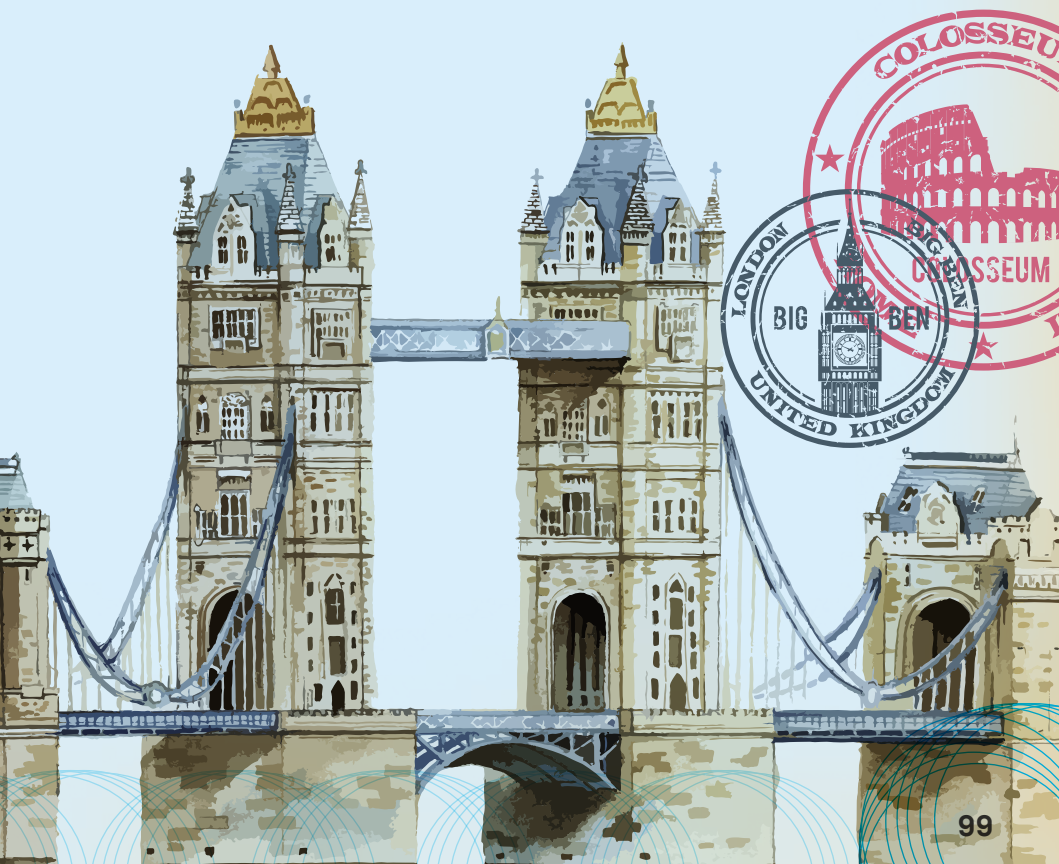
Talvez, ao escrever tais prófugas palavras, nem mesmo ao fim de minha vida consiga responder a tal questionamento. Posso crer, em minha humilde opinião, que a prosaica dúvida acende a chama — de Prometheus, ou da própria vida. Decanto cuidadosamente tal reflexão em um boticário antigo onde preparo os elixires de meus pacientes. Porventura tenho que diminuir a dosagem — muitos apresentam reações estranhas a Spinoza ou Platão. Alguns, por outro lado, apresentaram púrpuras e descamações aos racionalistas e empiristas. Tomo nota que o exame semiológico deve ser realizado com todo cuidado, principalmente para aqueles que apresentam alguma adicção de niilismo ou existencialismo. E mesmo aos que estão em quadros neuróticos graves, doses do extrato socrático lhes cai muito bem.



Ainda que o mecanismo de ação, fisiológico, da maioria dos preparados não seja totalmente compreendido, o prognóstico — em meus estudos — tem se mostrado progressivamente melhor. A taxa de sucesso e de aderência ao tratamento — mesmo nos casos isolados — tem se mostrado superior a tratamentos análogos (que porventura são mais agressivos).

Em minha prática clínica, descobri que o padrão ouro talvez não seja desmontar, reconstruir ou alterar o funcionamento das engrenagens da *machina* — ou mesmo procurar a matéria vital que forneça energia para tal mecanismo. Em sua grande maioria, apenas lubrifico as desgastadas engrenagens enferrujadas com princípios ativos e poucos excipientes. Quiçá fosse essa a solução do questionamento de Spinoza. Ou da — eterna — *machina* médica.

“A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude...”
— Baruch Espinoza (1632 - 1677).



Sentimento sem nome nem lugar

Felipe Pinheiro de Figueiredo

Dói, arde, parece que vai matar

.

Engasga.

.

Oprime.

.

Lentifica o tempo e traz falta de ar...

.

.

Intensifica o que é real

Amplia a dor ao imaginário

Me move à paralisia

.

.

E como esquecer?

Preciso esquecer?

.

Viver

Sentir. Sentir. Sentir.

.

Postar?! Falar?! Para quê?

Mas quem sabe, dividindo, torne diferente...

Quem sabe encontre um lugar entre o falar e o ouvir...

Mas continua havendo dor. Continua a transformar.

.

Desculpa se contaminar.



Plano de cuidado

Glendha de Sousa Kemer



O coração não pode ser recomposto. Bem como uma lesão nas células do miocárdio, devido à ausência de oxigênio, é irreversível e as leva à morte. Após refletir sobre esse assunto há poucos minutos estudado, debruçada na janela do último andar, encontro-me organizando os pensamentos. Imersa na fumaça produzida pela angústia de minha perspectiva sobre o mundo, penso sobre o peso dos meus sentimentos constituídos da intensidade dos anos que não tenho. E nessa imersão, volto ao instante do dia em que me foi proposta uma visita domiciliar para acompanhar continuamente uma paciente.

Diante das informações básicas que foram dadas a mim e aos meus colegas sobre a paciente, de maneira rasa, tenho minha primeira impressão: “Hipertensão, doença mental, viúva. Doença mental? Interessante.” Nos dirigimos à residência indicada e, com os olhos marcados e uma altura desproporcional em relação à sua hospitalidade, sua moradora nos recebe aprazivelmente e nos convida a entrar. Somos três e ela. Nós: tão jovens, bagunçados, curiosos e cautelosos. Ela: tão experiente, bagunçada, resignada e expressiva.

A senhora nos convida a sentar e nos oferece um copo de café quente, que é abraçado pelas minhas mãos frias devido àquela tarde gélida. E então, passadas as apresentações, uma colega pergunta à nossa anfitriã como ela, nossa paciente, considera seu atual estado de saúde. “Agora estou bem”. E, sem hesitar, a senhora nos conta sobre sua tentativa de suicídio após o falecimento do seu marido, com quem fora casada há aproximadamente 50 anos.

Então seu transtorno mental era a dor.

Seu episódio de máximo sofrimento, e também seu último internamento, se deu um mês após a morte de seu companheiro. Ele partira há 2 anos. As lágrimas em seus olhos naquele momento não poderiam discriminar se o evento havia ocorrido há dois dias.

Enquanto nos continua a oferecer café, tão doce quanto a sua ternura, nossa anfitriã nos conta como ela e seu companheiro se conheceram: trabalhavam como boias-frias. Ela também nos conta como deixaram o norte do Paraná para vir à capital, como construíram juntos a casa na qual nos encontrávamos e como, no dia em que seria internado por apresentar sintomas já agudos, seu marido dissera que ela era a mulher mais linda que existia. Seus remédios para hipertensão já não pareciam tão significantes frente à arritmia que se deu em sua vida. E, diante da tarefa de elaborar um plano de cuidado para tamanho descompasso, penso que a prescrição da nossa paciente talvez necessitasse de um emplasto, daqueles destinados a “aliviar nossa melancólica humanidade”. Concluo que nem isso seria capaz de aquecer seu coração como já fora um dia aquecido.

Com a visão de uma joaninha presa entre os vidros da minha janela, volto minha consciência para o presente. Arrasto um dos vidros levemente a fim de criar uma estreita abertura para a pequena criatura voar. E enquanto ela voa, recordo-me mais uma vez da senhora e de como ela prometera rezar por nós; para que encontrássemos os amores de nossas vidas e pudéssemos tê-los aos nossos lados. “Todo mundo devia saber como é.”

Talvez minha perspectiva sobre o mundo continue a carregar angústia, mas talvez também carregue apreço pelos anos que ainda terei. Talvez não haja um remédio para acelerar o processo de cura quando há perda de pulsação, mas talvez haja a lucidez de sentir integralmente uma pulsação única enquanto ela o é. O coração não pode ser recomposto, mas pode ser mantido com aquilo que ainda o constitui.

Siriá no Pará: Lembranças do Projeto Rondon



José Luiz Pinto Pereira

Da pequena janela daquele avião dava para se ver a água turva do imenso rio que, tal como num passe de mágica, subia oblíqua e inclinada, enquanto o avião fazia uma larga curva para aterrissar. O Douglas DC-3 da Força Área Brasileira, conhecido como o jipe do ar, podia decolar ou descer em campos improvisados de qualquer local.

O bimotor aterrissou, mansamente, na pista de terra. Trazia uma equipe paranaense do Projeto Rondon. Era fevereiro de 1975, sequer havia iniciado o internato médico. Na verdade, eu tinha pouco contato com práticas clínicas ou cirúrgicas em hospitais ou unidades de saúde.

No entanto esperava-se que estivesse pronto a clinicar e, se pronto não estivesse, que recorresse ao manual que levava sempre comigo junto com a maleta do qual recordo chamar-se: *Do sintoma À terapêutica*. Apesar de pouca autoconfiança, tinha orgulho de participar da missão, ser útil e talvez salvar vidas. Havia uma promessa vaga de algum supervisor médico a nos acompanhar. Promessa jamais cumprida no prazo em que trabalhamos no Pará.

Minha equipe se compunha de estudantes (agronomia, zoologia e botânica), que estariam pesquisando a biodiversidade da mata. Havia uma moça do serviço social, para ações de minorar a pobreza do local, outro de história, que viajava para levantar dados sobre uma fortaleza portuguesa. O tal forte, chamado *Santo Antônio dos Pauxis*, existia desde 1637. Esse nome se devia a uma nação indígena que existiu na margem esquerda do Amazonas, na entrada do estreito de Óbidos. A localidade era muito antiga.

Enfermagem não havia em minha equipe, mas por sorte houve uma jovem do local, formada técnica ou auxiliar, com boa prática e mãos hábeis ao puncionar veias, instalar soros e fazer curativos. O resto era improvisar, pois não se poderia mais dali arredar pés. E se não incendiávamos os navios, como se dizia, que navio não havia, o nosso avião já decolava para só retornar um mês após.

Diria que o povo local acreditava mais nos curandeiros, filhos ou netos de xamãs e aceitava apenas ervas e poções naturais. De remédios achava seguros os dados por agentes de saúde e os que já conheciam. Sabiam do quinino para as febres terçã ou quartã da malária e davam os lombrigueiros para crianças barrigudinhas e desnutridas, muitas delas de aspectos marasmáticos, prova triste da penúria e falta de saneamento e de endemias que grassavam na região.

Inicialmente reunimos a população adulta em um galpão onde falamos sobre prevenção: da malária, das verminoses e mencionamos a febre amarela, esta na forma silvestre, mas ainda não se davam notícias de casos desta última por lá. A vida prosseguiria igual, independente de nossas falas, nas casas simples — algumas feitas sobre palafitas — sem esgoto, mesmo os de fossas negras e sequer havia um posto de saúde, um médico ou dentista em um raio de uns 50 quilômetros, rio acima ou rio abaixo.

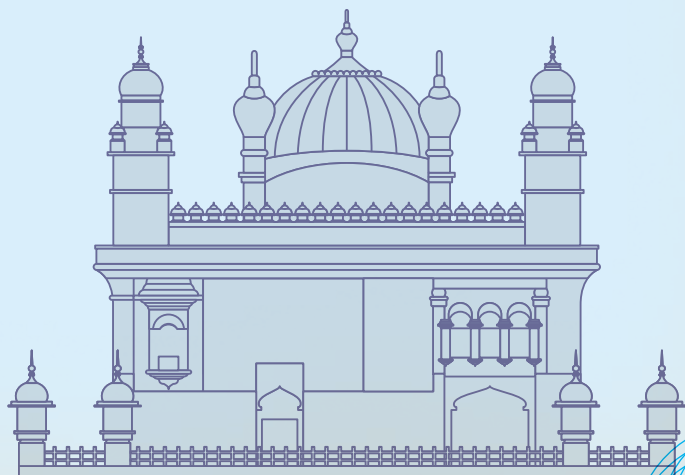
A noite era o breu sem luz elétrica, salvo em nosso alojamento, que tinha gerador. Sem iluminação, bonito mesmo era de se olhar estrelas, ou a luz prateada da lua no rio, compartilhar das lendas de botos de cor rosa. Estes, muito raros, seriam encantados na lua cheia ou certas datas ou dias santos. Poderiam se transformar em lindos moços para namorar donzelas. Mas voltavam as águas turvas, desaparecendo, como vieram.

Dormíamos em redes, que camas não havia. Sempre era bom ingerir um comprimido de quinino, profilático, sabe-se lá se não seríamos picados para o jantar dos mosquitos anófeles temíveis. Já o nosso era o de sempre: peixe com pirão, ensopado de tartaruga e frutas locais, o

açaí se moía e virava suco, mas eu achava amargo de se beber.

Montamos uma enfermaria improvisada, quase todos os internos prostrados em redes tinham malária. Em geral saíam bem, após alguns dias, se medicados com quinino mais antitérmicos e hidratados com soros. Certo dia nosso posto recebeu uma senhora picada de cobra venenosa horas antes. Fizemos a limpeza da ferida e aplicação de sete ampolas do soro antiofídico e ela sobreviveu. Apenas não pudemos salvar um senhor de uns quarenta anos que chegara ao amanhecer após seis horas viajando pelo rio com dores lancinantes. Ele tinha uma enorme hérnia inguino-escrotal e já há dias estrangulada. Em outra ocasião fiz visita domiciliar a uma idosa que padecia de falta de ar por doença do coração. Viajei de canoa com sua filha, duas horas por pequenos igarapés, mas a forte chuva do meio da tarde nos retardou. Tive que retornar a pé em meio à mata por uma trilha, felizmente havia o luar a iluminar.

Antes de nossa partida, fizeram-nos uma espécie de baile quando repentistas, em desafios, cantavam ao som de violas e acordeões, depois todos dançavam o Siriá. Saiu-me assim uma crônica da vida na vila ribeirinha da Amazônia. Ainda a tenho clara de memória, décadas após, película que edito e reedito, e faço-o como se monta um filme antigo, que revejo quadro a quadro, um documentário: Lembranças do Projeto Rondon no Pará.



Autorretrato

Carlos Magno Guimarães

Quero mostrar-me ao mundo
Como sou.

Quero que me vejas,
Nu ou ensacado.

Quero que me enxergues,
Puro ou com pecados...
Pois é isso que sou.

Não quero holofotes
Que me brilhem,
Pois tenho luz própria, embora,
Às vezes, nem a mim clareem o caminho.

Quero ser visto bem perto,
Com grandes lentes de aumento,
E as impurezas se mostrem.

Quero ser visto bem longe,
Como silhueta apagada,
A seu destino trilhar.

Quero que todos exclaimem,
La se foi o ensacado homem,
De volta à terra e ao pó.



Soneto II

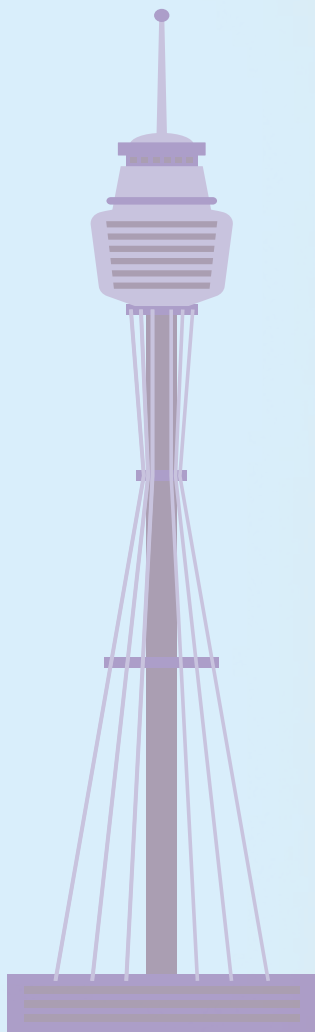
Junia Smal Staehler

A CADA NOVO POEMA
EM CADA VERSO QUE FAÇO
REPETEM-SE AS PALAVRAS
ESPELHO DO CORAÇÃO

NÃO QUERO ESCREVER DE MIM
MAS APENAS DE MIM ESCREVO
JUNTO ÀS LETRAS EM EMOÇÃO
PALAVRAS DEIXADAS AO VENTO

SE PARA CADA PALAVRA
UMA LÁGRIMA DERRAMASSE
SECARIA DE MIM O PRANTO

MAS COMO INSISTO NA PENA
EM PAGÁ-LA A DURAS PENAS
PRANTEIO E ESCREVO SEM FIM



O ninho

Heloisa de Carvalho Mota Menezes



Para quem não é dele, não passa de um punhado de gravetos empilhados, frágil e efêmero, sem qualquer atrativo ou significado. Para os seus, no entanto, quanto valor naquele pedacinho de mundo! Não há ali qualquer tipo de contenção física como amarras, grades ou correntes, mas aqueles que a ele pertencem sempre retornam. São atraídos por uma força de natureza algo gravitacional, que ignora qualquer tempo ou espaço.

O ninho é um ponto de apoio, um porto seguro. Ainda que o voo seja longo, parte dele, um talismã, é sempre levada pelos seus: a certeza de ter para onde voltar e de tudo que o aguarda lá, seja um alimento deixado como presente de boas-vindas, seja o alento da companhia dos outros... Os outros. Os "ex-estranhos" que ali surgiram ou pousaram e nós, não sem alguma desconfiança, permitimos ficar. Passo a passo (ou graveto a graveto), tornaram-se não apenas "colegas de quarto", mas parte essencial daquela construção. Ora, um ninho não é exatamente um projeto de baixa manutenção! Há sempre um galhinho quebrado ou perdido, uma chuva forte ou ventania que pode mandar parte dele pelos ares... é bastante exaustivo, talvez quase impossível, mantê-lo sem ajuda.

Agora imagine que, muito provavelmente, a convivência intensa com alguém nessa tarefa infinita, às vezes ingrata, está longe de ser sempre pacífica. É árdua essa vida de constante reconstrução. E ainda, veja só, o outro é diferente de mim! Não é raro que sobre algumas bicadas quando a arquitetura de um foge do planejamento do outro, e já seria difícil o suficiente sem precisar entender e aceitar aquela visão que tantas vezes me parece absurda. Por outro lado, é até bem-vinda a bicada, ainda que seja dolorida: em que me alimentaria um outro que, ao me emprestar seus olhos, me permitisse

apenas ver o mundo exatamente como eu já o via? Ao menos não há ali qualquer problema em discordar. O ninho é um santuário de confiança. Se, por acaso, a discussão fugir do controle (ou surgir um vendaval) e alguém se desequilibra e cai, o outro certamente voa ao seu socorro, de imediato. Todos ali sabem: nada é mais importante do que manter por perto seu parceiro de construção.

E por que então, se parece ser tão evidente a importância de um ninho, só o nosso se destaca, só para ele queremos voltar?

É simples a resposta: ao cuidar e construir aquele ninho, investimos ali parcelas de quem somos; ao entender e aceitar “nossos” outros, nos engrandecemos com suas particularidades e reconhecemos seu valor. É o amor ali depositado a força que nos atrai de volta, o talismã que levamos para onde quer que voemos. Nada mais seria capaz de atrair ao próprio amor.



O carma

Olindio Vaz Primo

Já enfrentei grandes batalhas.
Já vi muito sangue jorrar.
Vi muitos doentes sararem,
Mas muita gente se acabar.

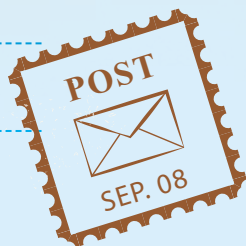
Vi céus noturnos aos milhares.
Estrelas nem sei contar.
Vi nuvens pesadas jorrarem,
Tentando me afogar.

Já vi milhares de crianças nascerem.
E muitos velhos perecerem.
Já vi muitos doentes de súbito se curarem,
Num milagre suas dores desaparecerem.

Sentado fico pensando.
Nas estradas difíceis em que passei.
Em muitos amigos que me ajudaram.
E em muitos deles que para trás deixei.

Lembro-me do corpo cheio de feridas.
Feitas nos difíceis lugares dos quais escapei.
Mas conformado com minha vida,
Pelas muitas almas que eu ajudei.

Centenas de noites maldormidas.
Trabalhos intensos sem parar.



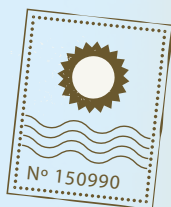
Um coração palpitante sem guarida.
Que eu pedia a Deus para fazê-lo aguentar.



As críticas frívolas me deixavam atordoad.
Muito pouco recebi de gratidão,
Mas eu acho que Deus me tem abençoado
Para enfrentar ereto as confusões.



Oh! Pai, eu só lamento neste dia
Não ter atendido todos os que me queriam.
Eu era apenas um ser frágil cambaleante
Que Vós tornastes um gigante.



Duplo soneto: pescoço

Edgardo Fernando Estrada Araneda



Em formoso conjunto vislumbra o **pescoço**
Tal qual Vampiro, anseio a sua **jugular**
Fotografo minha musa até encabular
Provocando em sentimentos um alvoroço

Bela e suave anatomia **cervical**
Tão pouco lembrada como osso **hioide**
Meu ego meio gênio meio esquizoide
Contempla a notável beleza escultural



Meu coração pulsa igual à sua **carótida**
Sua voz disfônica destaca a **laringe**
E a rigidez só do músculo **escaleno**

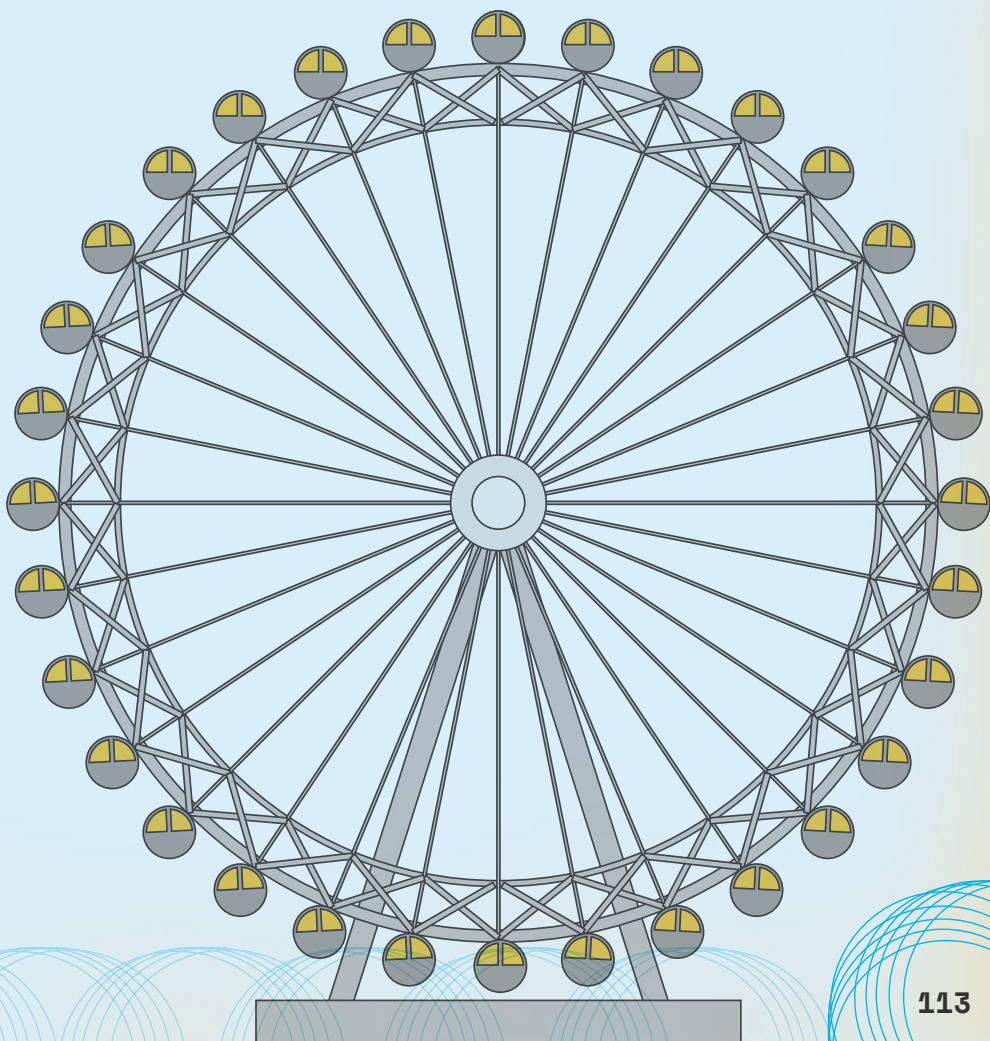
Tesouro escondido como a Atlântida
Linda e enigmática como a Esfinge
Inspirou o romântico poeta chileno

Os versos acompanham o fluxo das **vertebrais**
Incontáveis elogios à sua **garganta**
Qualquer palavra aos seus ouvidos acalanta
E todos os instantes juntos são especiais

O ar refrescante entra e sai da **traqueia**
O ritmo acelerado vem da **tireoide**
Atônito admirador parece androide
Prestes a declarar seu poema à plateia

Aos leigos basta a definição de **goela**
Aos poetas o requintado título: **colo**
Aos vaidosos adornar com valioso **colar**

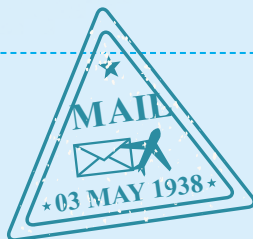
O pescoço anônimo é uma estrela
Digno de descrição sincera sem protocolo
E merecedor do amor apto a decolar



Cuidados paliativos

Valéria Cristina Scavazine

Dei todas as chances ao nosso amor.
Foram litros de cristalóide e albumina,
Doses crescentes de noradrenalina,
Sem reverter um choque avassalador.



Quando o meu batimento no monitor
Deixou de responder à tua atropina
Percebi a gravidade da nossa sina
E passei a focar-me no alívio da dor.



Atingimos a irreversibilidade
Dos danos causados por teu desamor;
Em nós investir será futilidade.

Te aviso que estou limitando suporte
Para o nosso amor, que talvez nunca acorde,
Mas será digno em seu último estertor.



Minha menina, menina dela

Mayara de Matos Avila



Ela entrou no consultório cabisbaixa e trazia consigo um caderninho. Eram os seus porquês. “Eu trouxe este caderno caso me esqueça de algo.” Na verdade, dentro dele havia todas as coisas indizíveis que ela carregava no coração. As palavras que ressoavam dia e noite naquela cabecinha como um bom motivo para dar fim à caminhada.

Palavras. Foram apenas palavras que a deixaram assim: de rissonha a tristonha. Não bastasse a difícil rotina, a vida também lhe disse coisas que ninguém precisa ouvir. Ela cobria os olhos para dizer a dureza do que viveu e ouviu. Confesso, eu queria cobrir os meus também.

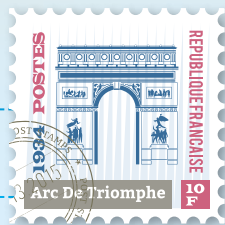
E, olhando aquele olhar, no fundo ainda consigo identificar a menina lá dentro. Nossas meninas se encontraram, hoje sei. E o meu coração se constrange só de lembrar. Eu, ainda menina. Ela, mulher, porém, mais nova do que eu.

Constrangimento por estar do lado de cá da mesa, como se pudessem ajudar alguém que viveu anos-luz a mais do que eu. Constrangimento por nossas realidades tão opostas se cruzarem. Eu jamais vou entender aquela dor, a dor minha e a dor dela.

Queria que as boas palavras tivessem o poder de apagar da memória as velhas e inúteis palavras. E, mais ainda, gostaria que aquela menina se enxergasse como eu a vi: menina.

Quebra - cabeça

Augusto Boshammer Piazero



A cada dia que passava, a gente ia adicionando peças. Primeiro montamos as beiradas, porque estas são sempre as partes mais fáceis.

Depois começamos a separar por cores.

Fizemos vários montinhos delas, e discutíamos o quão ansiosos estávamos para descobrir que tipo de imagem teríamos no final.

Às vezes parecia que ou eu ou você escolhíamos a peça errada.

Não importa o quanto virássemos, ela simplesmente não se encaixava.

Mas, juntos, analisávamos o quebra-cabeça de novo e percebíamos que, na empolgação, havíamos pulado alguns encaixes.

Mas não havia problema: nós sempre voltávamos e corrigíamos.

Foi assim por um bom tempo.

Montamos todas as bordas, encaixamos todas as peças dos quatro cantos, olhamos o tamanho (gigante) que aquela arte teria no fim, e sorrimos um para o outro, enquanto nossos dedos percorriam os limites ásperos de cada pecinha.

Quando eu tive medo de não encontrar a peça certa, você me tranquilizou (e chegou até mesmo a olhar todas as suas, para ver se não estava com você aquela pecinha faltante).

Quando eu quis desistir, você não me deixou; você, de forma linda, moldou, com o seu coração e suas mãos, algumas várias peças que eu pensei que não tinha.

E elas se encaixaram perfeitamente.

E foi assim, peça atrás de peça, sorriso atrás de sorriso, fileira após fileira.

Até o dia em que tudo mudou.

A partir desse dia, eu percebi que cada vez havia menos peças no quebra-cabeça.

Eu notei que, pouco a pouco, as beiradas foram se abrindo, e você não tinha mais as peças de que eu precisava.

Eu até vi (que droga!) que as pecinhas que você mesmo adaptou já tinham sido removidas.

Então, aos poucos, eu vi que aquele quebra-cabeça não mais seria, Nunca se terminaria.

Ele seria eternamente uma promessa que não conseguimos cumprir.

E eu agora me dou conta de que nunca verei a imagem final que ele tinha guardado para mim,

Guardado para nós.

Hoje eu ainda tenho, num cantinho do meu coração, a pilha de peças coloridas.

Tenho as de antes, tenho algumas das que você me fez, e também algumas novas que eu mesmo confeccionei.

E recentemente eu comecei a montar novamente.

Ainda não terminei as beiradas, mas já percebi que o resultado final não será tão grande quanto teria sido aquele que íamos terminar juntos.

Mas será meu.

Será meu por inteiro.

E para cada peça que eu encaixar, eu me lembrarei de você ainda por muito tempo.

E serei grato por termos tentado.

Mas eu lhe prometo que, quando eu terminar de montar, vou colocá-lo numa moldura bem bonita e vou exibi-lo na parede.

E sempre que alguém perguntar,

Sempre:

“Mas que linda arte, você quem montou?”

Eu responderei:

“Sim, fui eu. Mas não se engane, eu não teria sido capaz de, sozinho, criar algo tão bonito. Alguém muito especial me ajudou. Alguém de quem me lembro ainda hoje. Alguém que separou comigo as pecinhas por cores e que colocava a mão sobre a minha para tentarmos encaixar as peças mais difíceis.”

E vão perguntar:

“Mas quem é? Onde está?”

E eu direi:

“Ele é a cor, a beirada e o encaixe. E hoje, graças a ele, eu consigo guardar nós dois dentro do meu coração – bem do lado das outras milhares de peças que descobri que ainda tenho para montar.”

E eu vou apagar a luz, mas não sem antes olhar para o quebra-cabeça na parede e sorrir ao lembrar que, em cada um daqueles encaixes, houve sonho, houve esperança, houve carinho, houve amor.

E eu vou fechar os olhos e, quando abri-los, lá estará ele, na minha frente, montado como um lembrete.

Um lembrete de que você existiu,

Um lembrete de que eu existo,

Um lembrete de que existimos juntos.

Eu vou lembrar do quebra-cabeça que teríamos montado.

E eu vou lembrar do dia em que paramos tudo.

Tudo mesmo.

Só para separarmos, lado a lado, com nossos ombros encostados, os montinhos coloridos.

E eu vou me lembrar também da textura da sua mão tapando meus olhos enquanto você dizia:

“Agora abra e olhe, completamos as beiradas, e ele é lindo”

E eu vou lembrar de ter encarado, no fundo dos seus olhos escuros, a peça mais brilhante que eu jamais imaginei ver (Espero que você tenha mantido com você todas as suas peças — varias delas são bem raras de encontrar, e alguém, em algum lugar por aí, vai precisar exatamente delas pra fechar as beiradas, acredite).

Mas o tempo vai passar.

E caso eu nunca mais saiba onde você está,

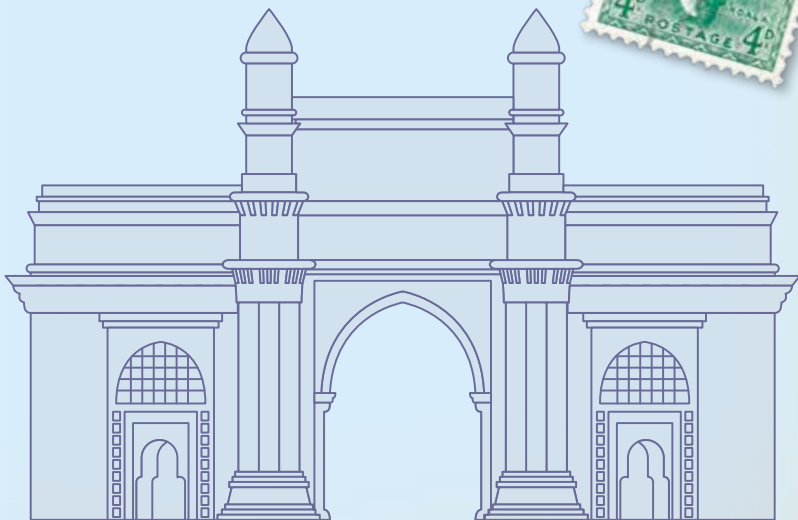
O que está fazendo,

Com quem está agora,

Eu só vou fechar os olhos.

Vou lembrar do seu montinho de peças coloridas tão gentilmente arrumado.

E passar a mão no quebra-cabeça que tenho na minha parede, torcendo para que você tenha um igual na sua casa.



Você é patognomônico

Bárbara Okabaiasse Luizeti

Somos instantes

E no instante em que te vi, percebi que você era patognomônico.

Fiz sua triagem, anamnese, exame físico e exames complementares,

Nem era preciso, você era patognomônico.

Ouvi, senti, cheirei, toquei você,

Manchas de Koplik, Sarampo,

Sinal de Romanã, Chagas,

Você, paixão.



Terapia do amor

Beatriz Reinhardt de Araujo

Primeira diretriz brasileira do tratamento da tristeza:

A Sociedade Brasileira indica

Como tratamento de primeira linha

Uma medida simples,

Não medicamentosa.

Médicos não devem esquecer que

O centro do tratamento é o coração,

Órgão de quatro cavidades.

Em qualquer uma delas

O paciente que quer ficar saudável

Cava um terreno

Para cultivar o amor.

Não há contraindicações:

O amor entra sempre

Como um jato de sangue

Em qualquer coração.

Importante ressaltar:

No coração nada deve ficar.

Após cultivado, o amor

Deve ser recolhido e espalhado

Quando a aorta estiver florida e com cor.

Nenhuma meta-análise nega:

Cultivar e espalhar amor salva

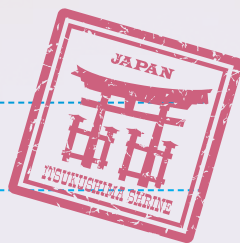
O paciente e seu círculo de convivência

Da tristeza.



A metamorfose indigente

Eduardo Mischiatti



E queria voar, quando criança,
Do infecto ar que se respirava,
Do luar que se embaçava, encardido,
E em meio aos detritos se enroscava.

No desvão, ordinário e gemente
Um amniótico chorume em capim.
Mesmo ele, sem nascente, fugia
Dos contritos girinos no confin.

Carregava consigo, caprichoso,
Um mundo que ali se desmanchava.
E com o clique-clique das saúvas,
O esgarçado bioma assomava.

E todas as vindimas lhe escapara.
Hoje, rabiscos pardos e manchados.
São tontos vagalumes, esquecidos
Por vezes em vidro, aprisionados.

Sentado à luz de um poste, aborrecido
Por besouros insones, se calava
Ouvindo no silêncio cada inseto
Que sabe-se lá o quê procurava.

Não era triste, como se pensara
Um dia! Sobrevindo outro dia,
A também criatura resistia...
Como sapos e grilos se tornara.



Telemedicina. É possível?



José Jacyr Leal Jr.

São inegáveis os benefícios da tecnologia para a humanidade. Muito já se alcançou e mais ainda virá. Não listarei aqui incríveis avanços porque nem caberia. São bem-vindos, no entanto hoje está em discussão a telemedicina, isto é, pela primeira vez na história, o médico está oficialmente preparado para atender sem o contato físico com o paciente.

A normatização permanece em estudo e correm inúmeros debates dentro e fora dos Conselhos de Medicina enquanto escrevo este texto. Contudo, a pergunta que se pretende ‘pensar’ aqui será: — É possível?

Podemos iniciar nos movendo para o lado do sim como resposta. Afinal, já existia a consulta por telefone, não é verdade? Qual médico não ouviu, prescreveu e orientou dessa maneira?

A questão principal é se pode haver qualidade nesse atendimento, e a resposta segue sendo "sim", limitada a determinadas questões, porque sempre existirá uma ampliada, às vezes gigante, chance de erro.

É importante investirmos em Telemedicina? — Sim. Principalmente em um país continental como o nosso, onde em muitos lugares já há internet, mas não médicos para prestarem atendimento.

Porém... há um aspecto que não se pode deixar de lado. O verdadeiro médico precisa olhar nos olhos, sentir o calor da proximidade, a energia no ar..., fato que só um (talvez) sexto sentido possa explicar. Um bom diagnóstico exige presença. Isso nenhuma tecnologia irá superar.

Um médico com vocação na alma e intenção no coração sente a dor do outro com as mãos postas sobre o corpo do paciente, percebe a sutil vibração nas pálpebras, um quase imperceptível tremor na fala... 'emoção para ambos'. Há uma comunicação bidirecional, cheia de força e as mentes absolutamente conectadas, um com o outro e os dois com o universo.

Eu aprendi a 'enxergar' um neném na barriga da mãe sem precisar ultrassom. Uma enfermeira me ensinou, logo no início da minha profissão como obstetra. Aliás, a enfermagem nasceu para a humanidade com uma importância enorme. O que fariamos sem ela? Muitos casos resolvi por notar além do que meus olhos eram capazes de ver.

Talvez, para você compreender melhor o que quero dizer:

— Abraçar forte um pai, filho, companheiro(a), amigo(a) é infinitamente diferente do que dar a eles um alô ao telefone, mesmo com a excelente imagem na tela de um celular ou computador. Nada se compara à presença. Quer um *like* aí?

— Você lembra... 'sua mãe sabia que você tinha aprontado' apenas pelo seu jeito de entrar na *presença* dela, não é verdade? Até a sua respiração denunciava... E os pelinhos do braço que se movimentavam de modo diferente. Sei! Sempre há "algo no ar".

Esses são dois bons exemplos para explicar por que a Telemedicina é bem-vinda, mas está longe de ser MEDICINA. Que o digam as mães, o amor e a intencionalidade.

Então, a resposta ao que postulamos? — Sim! Telemedicina é possível e já é realidade. Contudo, a presença sempre será uma questão humana insubstituível.

Ainda.

Viva à tecnologia, o toque, a pele.

A intenção.

Graças a Deus.



O adulto que sou hoje

Gustavo Abud Friedols

O adulto que sou chegou hoje.
Chegou, despediu a criança que eu amei e odiei ser,
Desistiu de todo ímpeto da inocência
De toda ciranda de paixões inacabadas,
Acabou com a farra de meus sofrimentos inúteis
— Também de paixões inacabadas —
Que puseram à tona a dor,
Toda patologia corporal de ser,
Todo dormir e sonhar com mãos dadas
E cachorros correndo no quintal.

Eu soube, assim que ele chegou.
Eu soube,
Estava ali, à beira da janela, fumando comigo,
Disse-me de dever, calou-me o querer.
(Guardei o querer.)
Agora sou quem devo,
Pois o adulto que sou chegou hoje
Agora há pouco, chegou.

Os outros dentro de mim já estavam abraçados
Por uma alegoria infantil de amor
Como se fosse tudo de novo
E então ele chegou.
Ele chegou e acabou com a festa,
Tirou as vendas dos outros,
Pegou a criança que eu era e que sempre quisera ser,



Sentou-a na cadeira e com dedos e palavras e sermões
A guardou.

É memória tudo o que fui.

É progresso sofrido o que sou.

Nesse descompasso, virei refém do golpe que me apliquei.

O adulto que sou, nego, mas devo,

Chegou hoje.

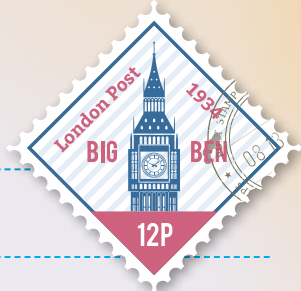
Agorinha mesmo.

Que saudade de ser inconsequência!



Insônia

Marilene Madsen



Insônia. Pernas inquietas em uma cama aconchegante e protetora. Coberta agradável e macia, temperatura perfeita. O corpo quente a meu lado ressona, ronrona suave entregue aos braços de Morfeu. Mas eu me viro em mil pedaços, retorço-me em centenas de cacos, fraciono-me em dezenas de dores. Olho o relógio bem defronte a meu nariz esperando que ele dispare e me faça percorrer o labirinto da noite em corrida louca e insana. Não há respostas a meus apelos, os ponteiros me observam silenciosos e imutáveis. O tique-taque percorre minha mente obsessiva, e meus músculos se contraem desesperados esperando o descanso que não chega. Meus olhos esbugalhados se fixam no teto branco, imagino cores e movimento, borboletas e morcegos entre os carneirinhos que tento contar.

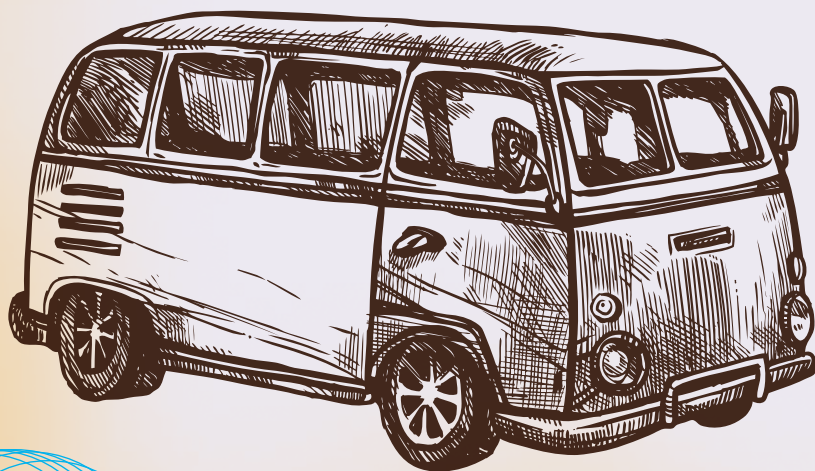
Mas nada acontece e a noite se arrasta infinita, dolorosa, apavorante. Desenrolo de mim o lençol de quatrocentos fios, delicadamente, vagarosamente. Não quero embarcar em meu navio sem rumo o companheiro apaziguado pela noite. Levanto-me com cuidado, busco meus chinelos macios que me esperam, fiéis, ao pé da cama. Eles me recebem com bondade e compreensão, entendendo silenciosos o trajeto a ser percorrido, idêntico a tantas outras noites insones.

A geladeira se abre no meio da escuridão e me oferece o copo de leite. Sabe que vou recusá-lo, mas, mesmo assim, compreensiva, o faz. Espera que minhas mãos se sirvam de algo, mas entristece-se quando quero apenas o gelo para meu copo de uísque. Vago pelo apartamento e paro nas janelas, perscrutando uma lua que não está, estrelas escondidas no meio da bruma costumeira. Olho as janelas iluminadas de gente como eu, insone, vagalumes ou vampiros, corujas de olhos grandes. Nenhum deles me vê, escondo-me atrás

das cortinas flutuantes e protetoras, diluo-me dentro das paredes da sala branca e me escondo de mim mesma. Assim me encontra o amanhecer, tímido e apagado pelo nevoeiro. Um sol que não se mostra tenta me saudar inutilmente, eu o recebo esperançosa pelo dia que começa, descolo-me das paredes e adquiro alguma vida. Talvez hoje eu possa viver na luz, talvez encontre o cansaço adequado para a nova noite que virá.

Então o banho purificador, o café quente e cheiroso, o bom dia do amado. O carro, a rota costumeira, o trabalho a ser cumprido. Minha mente perscruta meus atos e busca cansaço nesse corpo: não o encontra. Pensa, entretida em seus afazeres, que talvez eu não precise mais dormir ...que provavelmente me tornarei um ser fantasmagórico, ambulante da noite.

Meus olhos buscam o receituário azul, a meu lado. Penso eu agora que seria cômodo tornar-me a Julieta adormecida, ausente da vida. Todas as noites se repetiriam na ausência do ser, no vazio da inconsciência, na paz do nada. Mas não...isso não me basta, muito simples e muito fácil. Quero eu atropelar minha noite, afundar em meus sonhos e pesadelos, gemer com minhas lembranças. Talvez assim possa sorrir ao amanhecer, de novo.



Pedras e homens

Antônio Caetano de Paula



Andando pelo edifício da Associação Médica do Paraná, vi seu amplo espaço interno, com floreiras e escadas.

Ao subir as escadas, observei que as floreiras não eram forradas com grama, mas sim com pedras, pequenos seixos espalhados, uns ao lado dos outros, uns sobre os outros, formando um bonito e grande grupo de elementos de uma mesma espécie, mas nenhum dependia do outro, podiam ser movidos para qualquer lugar, para a direita ou esquerda, para frente ou para trás, para cima ou para baixo, podiam mesmo ser retirados do local e levados para outro, jogados à rua ou ao lixo, nenhum dos outros iria se importar, nenhum iria notar sua ausência, nenhum iria ajudá-lo. Sim, cada seixo era independente, mas essa independência lhe dava também a desobrigação de se preocupar com seus semelhantes; estava, portanto, separado na diversidade e na quantidade, estava desprotegido de agressões externas.

Por outro lado, as escadas eram revestidas de granito, na mesma tonalidade dos seixos das floreiras e, nesse granito, podíamos individualizar as pedras firmemente aderidas umas às outras, os desenhos permitiam delinear sua individualidade, mas, apesar de independentes, estavam todas associadas entre si, não se poderia separar umas das outras, não se poderia colocá-las para cima ou para baixo, eram todas uma só, umas protegendo as outras, o dano a uma seria um dano ao grupo todo. Através delas poderíamos subir a níveis mais altos, enquanto que as das floreiras estavam num mesmo nível e não propiciavam crescimento. Apesar de ser praticamente o mesmo desenho, as pedras das escadas demonstram firmeza, conjunto, união.

Ao analisarmos essas duas maneiras de ser das pedras, inanimadas, e as compararmos com os seres humanos, podemos notar algumas semelhanças. Muitos de nós procuram viver como os seixos, independentes dos demais: vamos aos nossos locais de trabalho, exercemos nossa função e procuramos não nos preocupar com o destino de nossa profissão, fazemos de cada um de nós o todo. Outros procuram viver em conjunto com outras pessoas que exercem o mesmo trabalho, discutem em grupo o benefício que almejam, buscam trabalhar com todos para que sua profissão seja respeitada.

Não somos estáticos, temos o livre arbítrio de estarmos aqui ou ali, podemos subir na vida independentes dos demais, não necessitamos qualquer companhia para exercer nosso trabalho, mas, por mais alto que estejamos, se estivermos sós, estaremos tão desprotegidos como os seixos, poderemos ser ignorados, poderemos não ser ouvidos, não fazemos diferença, somos apenas mais um. No entanto, quando estamos associados, somos todos um só, temos força, somos respeitados, somos uma classe. Nossas conquistas podem até demorar um pouco, mas elas chegam de maneira sólida e firme, temos o prazer de ver a conquista do conjunto, as ameaças externas não nos preocupam, somos fortes como um granito, a proximidade de cada um dá força ao todo, e o todo nos fortalece individualmente.

Somente o conjunto me protege.



A compra

Marcos Antônio da Silva Cristovam



A senhora Z era uma cliente fiel do armazém do seo Antônio e todo mês seguia o mesmo ritual de ir fazer a compra no início do mês, que era quando o marido recebia o parco salário. Desde que se casou e foi morar com o marido numa pequena cidadezinha do interior do Paraná, para ela não havia outro local de bom atendimento como a Casa Brasil.

Poucos anos se passaram e, para a alegria dela e do cônjuge, o seo Zé, veio ao mundo a pequena Maria, que passou os primeiros anos sempre acompanhando a mãe nas compras. O tempo passou muito rápido e agora Maria já estava com três anos, no auge da descoberta da fala e tão tagarela como um papagaio. Eis que, numa alegre manhã de sexta-feira, a primeira do mês, a mãe de Maria já esperava ansiosamente a abertura do pequeno mercado para seu rancho mensal, dessa vez acompanhada de Maria, que faria uma surpresa à mãe e ao seo Antônio.

Nos idos dos anos 1970, os supermercados que existem hoje ainda eram uma novidade e um luxo, por assim dizer, de que só os grandes centros dispunham. Sendo assim, o cliente ia fazer compras pedindo direto ao dono do estabelecimento comercial o que necessitava. Esta estória começou com a saudação de bom dia pelo seo Antônio à cliente (senhora Z). Ele lhe perguntou:

- Em que posso ajudar, senhora Z?
- Bem, seo Antônio, vim às compras, mas hoje, pela primeira vez acompanhada da minha pequena filha Maria...
- E o que vai comprar hoje?
- Quero dois pacotes de açúcar — e Maria se deu ao direito de entrar na conversa...
- Mamãe, pra que a senhora vai comprar açúcar?

— Para adoçar o café do seu pai.

E a senhora Z:

— Seo Antônio, quero dois pacotes de trigo.

E novamente a pequena Maria querendo demonstrar que sabia falar:

— Mamãe, pra que a senhora vai comprar trigo? — E a senhora Z novamente:

— Para fazer pão para você e teu pai tomarem com o café...

— E entre um pedido e outro Maria, ia pensando no “xeque-mate” que para sempre deixaria a mamãe perplexa...

E novamente a senhora Z: — Seo Antônio, quero também quatro sabonetes...

E Maria repetia a cada pedido da senhora Z as palavras:

— Mamãe, pra que a senhora vai comprar isto?

E a senhora Z foi respondendo pacientemente várias vezes à mesma pergunta de Maria, porém, ao final da compra, a senhora Z foi perdendo a paciência e já estava cansada de tanto responder as mesmas perguntas de Maria.

E o ritual recomeçou:

— Seo Antônio, quero uma panela de pressão — E Maria:

— Mamãe, pra que a senhora vai comprar panela de pressão?

— Para cozinhar feijão para você comer e crescer bem forte e saudável...

— Ah! Seo Antônio, quero também um par de chinelos — E Maria:

— Mamãe pra que a senhora vai comprar chinelo? - E a paciência da senhora Z acabou, respondendo rispidamente à Maria:

— Pra jogar fora!!! Está bom assim!?!?!?

Ao que a princesinha Maria respondeu sem perder a classe:

— Xiii! Mamãe, mas se é para jogar fora, por que a senhora vai comprar????

A compra terminou ali, a senhora Z não tinha mais cabeça para comprar nada e ainda sem palavras diante de tal resposta da pequena Maria....

Penélope Verde

Gilmar Calixto



YARN BOMBING

Eu a via, a cada dia de frio, quando a neblina encobria a copa grisalha das árvores da avenida Sete de Setembro. Somente nos dias mais úmidos e escuros, quando a umidade entristecia o líquen dos troncos resilientes e altivos, onde os pássaros não pousavam e a manhã amanhecia surda, ela trazia uma bolsa de pano amarelado, novelos de lã, grandes agulhas e tiras de *tricot* multicores, tecidos nas noites. Envolvia os troncos nus, pálidos e sós, e pacientemente os cobria em movimentos infundáveis, percebidos pela minha janela à distância. Ela conversava com as árvores, abraçava-as por alguns instantes e dava-lhes nome de gente, para agradá-las, e tecia, calmamente, quadrados, retângulos, círculos em azul, laranja, amarelo, vermelho e violeta; as árvores pareciam balançar com seu acalanto e a cobria de folhas secas.

Um dia, passei muito próximo à velha dama e a ouvi entoar baixinho uma canção da infância com a qual minha vó nos ninava: *"Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar com pedrinhas de brilhantes para meu amor passar..."* e não havia expressão nenhuma em seu rosto vincado de feitos e desfeitos humanos, de quem já viu e viveu a despedida, a lamúria, a desesperança e ingratidão das gentes, só restando a conformidade e a gratidão das sebes. Ela disse-me, repentinamente, que "as árvores não devem sentir frio, as pessoas não ouvem mais as árvores." Eu estou agasalhando a natureza, a vida.

Numa ocasião, choveu muito e vi-a com seu negro vestido e lenços molhados, tecendo uma árvore caída; apanhei uma sombrinha vermelha que trouxera de Paris com uma caixa da *Fauchon* e sem a formosura de Gene Kelly, sem canto na chuva. Compadecido, fiquei ao lado dela, sombrinha aberta. Muito tempo depois, molhado, recebi um olhar dela, um vago olhar penetrante, de loba acuada, da baleia do Melville, de noite sem lua, de *Cem Anos de Solidão*, da Penélope sem o Ulisses, sem volta, parecia uma despedida.

O sol brilhou na manhã seguinte e vi as árvores coloridas quentes, floridas, conversando com o dia outonal e acolhendo a brisa acariciante. Vi-a entrando numa casa velha marrom e branca, de madeiras de demolição, sem quintal, acossada por muros altos de cimento, assoreados, carregando um saco de “pão velho” e curiosamente em seu calcanhar uma fita teimosa, verde-musgo acordoad, como amuleto.

Em outra ocasião, vi-a pendurando uma tela de filtro dos sonhos em um galho quebrado, como se fora um braço gessado. Tive a nítida impressão de que ela rezava pela sobrevivência da árvore, que ora abrigava um ninho de rolas marrons aveludadas, desesperadas.

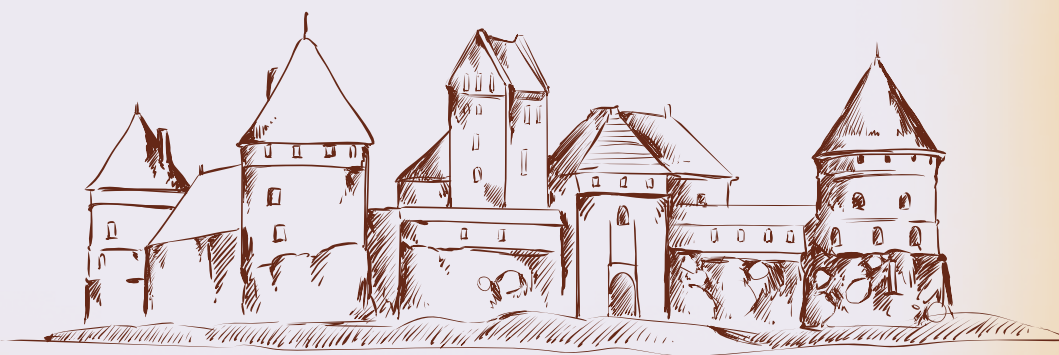
E chegou o inverno mansamente, as árvores sem aves, sem folhas, sem cores, frias ao relento, não a vi mais, e as árvores pareciam estar sempre enlutadas, em dores, por um amor partido, um filho perdido, agora como almas alquebradas.

Dia após dia, minha curiosidade aumentou: seria saudade? Não a vi nunca mais. Fui até aquela casa e, como um infante, abri cuidadosamente o portão rangente e levantei a tramela antiga. Batendo à porta entreaberta, adentrei-me pisando em folhas e flores secas. Não havia ninguém à vista. Chamei em voz alta, sem êxito, entrando na sala bem cuidada, a louça branca limpa sobre a mesa onde havia uma única cadeira e um bule de café envelhecido com mau odor e um pote de manteiga rançosa sobre a mesa.

Senti um arrepio correr pelo corpo e suor nas mãos enquanto ouvia o coração disparar. Fui até um quarto pequeno, o único que havia ao lado de um discreto banheiro mofado, e vi, sobre uma cama de colchão de palha, uma árvore seca deitada, com galhos como *ginseng*, de braços retorcidos, ressecados. Fiquei perplexo, fragilizado. Saí de mansinho, sentindo frio e solidão. Fechei o trinco enferrujado gemente, sentei-me na calçada e liguei para o SAMU.

Tinha visto no galho de Aquiles dela, na cama, a fita verde-musgo torneada, juro que, morta na cama sem nome, a árvore era Ela, uma “Árvore Senhora”.

Abandonei a selva empedrada, rasguei o terno, capa do Super-Homem de Nietzsche, nu agora, voltei ao verdadeiro lar. Senti o ar da tarde fria envolver-me, cantarolei baixinho, soliloquiando um canto xamânico, rito de passagem dos Yanomami, que nos remete a *“O agradecer a vida, a floresta e a fincar um pé na Aldeia, nossa casa, esquecida, enlutada”*. Onde não se vestem as ÁRVORES, os HOMENS e as ALMAS, o “YARN sem o BOMBING”!

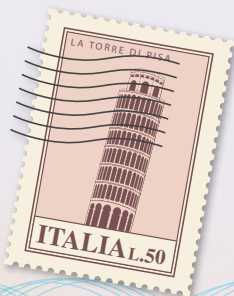


Baru

Richard Handerson Mendes Duarte



Aconteceu no interior de Minas:
É história de balançar o coração!
Coisa de rapazote calça curta, meio sem noção.
Estava visitando os familiares em certa ocasião.
Foi naquele tempo, em tempos de São João.
Parecia história de amor, mas era de fé e gratidão.
Aos pés da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.
Tudo aconteceu justo na hora da procissão!
Me valha, meu Deus, eu não me aguento de emoção!
A fé do povo era tanta que podia sentir a vibração.
Era tudo brilhante, parecia novela de televisão.
Foi quando avistei aquela pequena, verdadeira perfeição!
De cor morena e delicada, por dentro muito clara, sem comparação!
Embora tivesse um estômago frágil, de maneira muito ágil,
tomei duas sutilmente do frade, mas com educação!
Milagrosamente uma me caiu bem, não provocou indigestão.
Descobri que a danada é adorada pela população da região,
Seja homem, seja mulher, criança ou ancião!
Meu Deus do céu, afinal de contas do que se trata então?
Chama-se *baru*! De sorrizinho no rosto, respondeu de prontidão,
a irmã de caridade com gentil autoridade,
tomou a única que restava da minha mão.
Foi a minha primeira paixão. Que vacilão!
Assim conheci a amêndoa com sabor do cerrado.
Como eu disse, foi coisa de rapazote levado,
oriundo do semiárido, das Minas do sertão.



Tive um sonho



João Batista Neiva

Maravilha da tecnologia. Foi lançado um novo e revolucionário aparelho. Menor e mais leve que um celular, dispensa baterias e se recarrega pelas batidas do seu coração, independente se são fortes e ritmadas como as do campeão da maratona ou débeis e descompasadas como as do fumante em coma.

Ao final de cada dia, feliz ou nostálgico, aparece na telinha um elenco de temas. Basta clicar e fica registrado o sonho que você terá na alta madrugada. Corri avidamente a lista e parei em “dia.feliz”, cansado que me encontrava das notícias ruins da nossa economia, das novas viroses, dos migrantes morrendo nas praias, da safadeza geral, dos cataclismas periódicos,

Raiava o dia e da minha janela eu vislumbrava o clarão dourado que vinha do horizonte precedendo por minutos o sol que se elevava colorindo o oceano.

O barulho ritmado das ondas incansáveis a derramar espuma nas areias da praia e a brisa suave no meu rosto apagavam minhas rugas e me devolviam a juventude.

Gaivotas apressadas colhiam mariscos e compunham a música de fundo.

Eu teria ficado ali embevecido eternamente, mas o cheiro do café sendo coado me atraiu para a mesa das frutas e do pão fresco com manteiga salgada. Não se falava em calorias, dieta, patologia. Comia o quanto queria.

Do bolso da camisa o celular tocava só para mim as músicas preferidas. Em modo aleatório, Chico, Aznavour, Cavaquinho, Modugno, Elis, Xitãozinho alternando de surpresa com Bocceli, Clara Nunes, Armstrong, Lucio Dalla...

De bicicleta eu ia e vinha a favor e contra o vento no limite do mar com a praia, numa sensação de plena liberdade, a cabeça liberta de qualquer preocupação, o corpo revigorado, sentindo-me um campeão.

Agora, sem qualquer aviso, estou na sala cirúrgica, a equipe preparada, o doente anestesiado, música clássica sem cantoria, um instante de reflexão para lembrar que agora deixo de lado toda a minha pequenez e insignificância e me torno a mão de Deus. E pelos desígnios Dele, no destino daquele paciente que dorme.

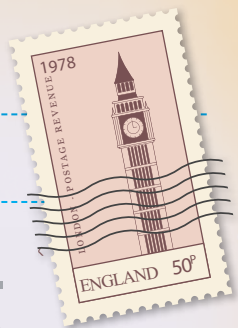
Tudo corre bem e posso levar boas notícias aos familiares apreensivos de rosários nas mãos. Um sentimento menos nobre de orgulho ameaça se abater sobre mim, mas de pronto o repilo. Fui apenas a ferramenta do Divino.

Chego a casa no final da tarde e as crianças correm para mim, vasculhando meus bolsos à procura de balas, rindo felizes e contando as novidades.



Ode à Dor

Wu Feng Chung

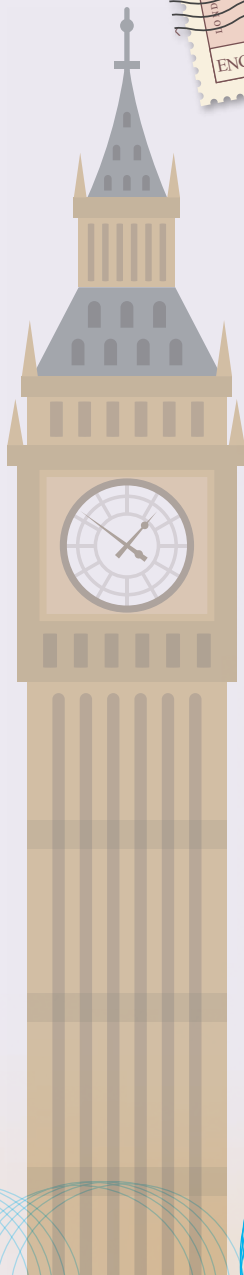


A Dor
adormecida...
a Dor tem me sido
Ardor.

Ardor,
ar de Dor sentida...
arde a Dor com fé, tida,
Odor.

Odor, ah, odor,
do ar, do ardor e da Dor,
sem cor...
Amargor.

Amargor, Odor, Ardor, Dor,
sem Cor, sem Cor e Amor...
sofre sem sabor...
O Sofredor.



Engrenagens imóveis

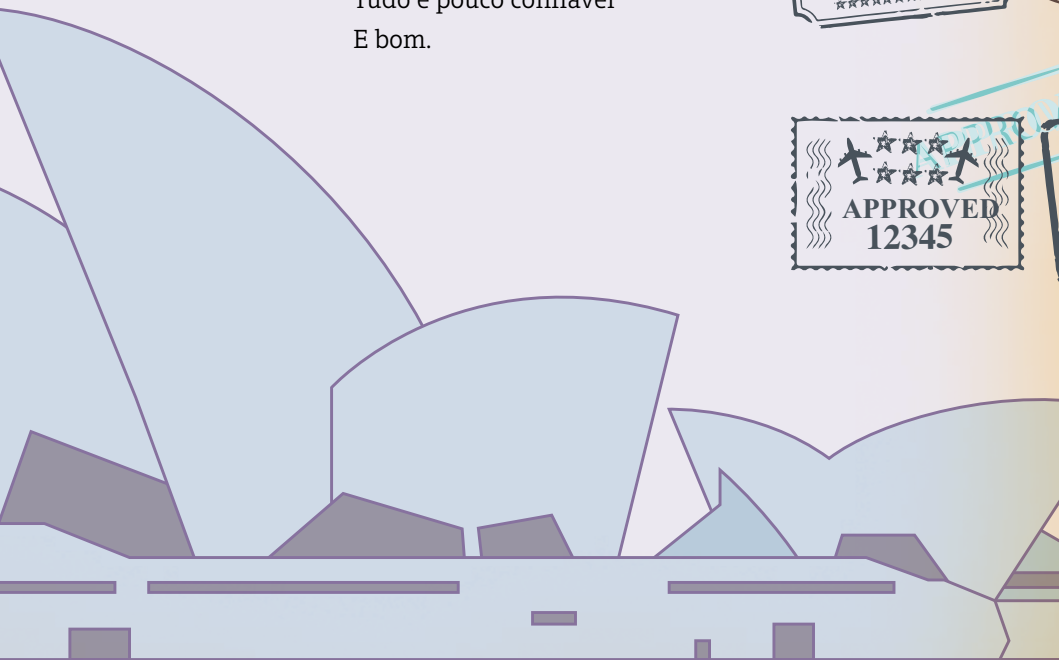
Juliana Fronchetti

O pedreiro faz muros,
mas inveja o João-de-Barro,
que carrega lama e tem onde morar.
As abelhas espalham o pólen,
voam e produzem o mel,
mas a geleia é da Rainha.
Os homens *carpem* o *diem* todo,
e só levam carrapicho para casa.
O operário monta carros
em que nunca vai andar.
O porteiro da biblioteca é analfabeto.
O *chef* faz delícias francesas,
mas seus filhos amam miojo.
O pseudointelectual arrota filosofia,
mas nunca teve uma ideia original.
O garçom indica vinhos e queijos
que nunca provou.
O médico prescreve de tudo,
mas de corpo e mente pouco são.
Pais cuidam dos seus filhos
e morrem sozinhos.





Vivemos negando o leite
Porque comemos muita manga.
Construímos um gordo mundo
E levamos para casa só preás.
O mundo invertido
De verdades tortas
E merecimentos inatingíveis.
E o palmito acha o cúmulo...
ir a um nutricionista gordo.
Tudo é pouco confiável
E bom.



Soneto do fim

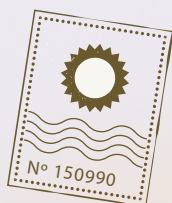
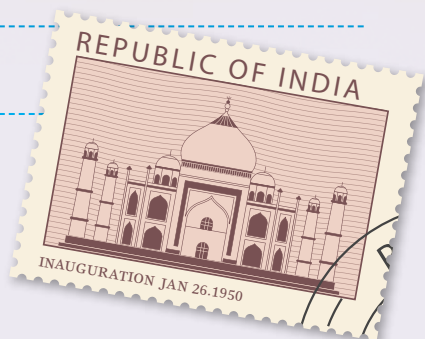
Maria Isabel Ghilhem

Um traçado em linha reta;
no monitor, assistolia;
o último sopro de vida.

Nessa hora não importa
se foco aórtico ou mitral,
é proto ou meso, afinal?

É assim que tudo acaba,
o fim da grande jornada
em que todos embarcamos
e tanto menosprezamos.

Feliz aquele que viveu
cada batida que pulsou:
nasceu, cresceu e envelheceu
e sempre amou, amou, amou!



A janela

Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv

A vida através da janela.

Pela manhã do lado de dentro está suada como tivesse sofrido um pesadelo a noite toda, mas é só umidade do ar. Quando ela é aberta, começam a rolar gotas de água como se fossem lágrimas rolando na face de um ser humano.

É que a noite foi tensa. Carros fazendo "racha", motoqueiros com barulhos ensurdecedores. Gente gritando por socorro. E ninguém as socorre porque o perigo iminente da noite é maior que a solidariedade. Gotas de sangue no chão, o que será mesmo que aconteceu?

Ufa, amanheceu! Um novo cenário: pessoas correndo, caminhando, praticando exercícios físicos na academia de rua. Ciclistas tentando aprimorar o tempo para o grande dia da largada.

Pessoas com seu carros importados estacionam, e pessoas com seu trajes caros esportistas e sapatos adequados praticam seus exercícios físicos e depois vão embora.

Por outro lado, pessoas simples praticam exercício físicos com sapatos e roupas inadequadas. Mas sabe o melhor de tudo isso? Estão de um modo correndo atrás de um bem comum, uma vida saudável.

Ah! E as crianças com seu cabelos cobertos com seus gorros escondendo seus cabelos, lisos ou encaracolados, loiros, ruivos, castanhos ou negros. As mochilas? Ah! Grandes, médias e pequenas, mas todas tão pesadas que posso escutar a coluna como um todo pedindo por socorro.



Ah! E a paisagem? Neblina densa, que vai dissipando e dando notas à entrada do sol lindo e radiante que timidamente surge como num passe de mágica e torna tudo mais forte, vivo, e a paz começa a reinar, deixando para trás toda obscuridade da noite.

O lago poluído, mas com vida, peixes de diversos tamanhos, patos aos pares nadando deixando para trás pequenas ondas aos círculos, deixando a impressão de que sabem que são atletas olímpicos da água contaminada. O som único da ave quero-quero faz despertar a curiosidade de outros pequenos predadores da natureza, que saem de seus esconderijos.

Ah! As flores? Exalando seus perfumes peculiares. Com suas formas e cores que nenhum ser humano é capaz de criar. E assim dia após dia, tarde após tarde e noite após noite! Da janela, tudo se torna bizarro, simples ou obscuro.



Quartas-feiras, 18 h

Júlia de Cerqueira Leite Hexasel



— Hoje me irritei bastante com o João, mas na verdade não foi com ele que eu fiquei irritada. Cheguei em casa 11:30, peguei o feijão que estava de molho e coloquei na panela. Não dormi o suficiente durante a noite e tinha planejado me embrulhar nas cobertas por uns 40 minutos antes de sentar pra estudar. Só que depois de comer eu não queria mais dormir, porque achei que ia dormir a tarde toda. Sentei pra ver o episódio do meu seriado que saiu esta semana, e o João me perguntou: “Mas você não vai dormir?”. Respondi que tinha desistido. “Mas e você vai conseguir estudar depois?”. Ai fiquei irritada. Não sei lidar com gente me regulando, mas como eu sei que não era isso que ele estava fazendo, só respondi que sim. Só que ele viu que eu estava incomodada e perguntou se estava tudo bem. Respirei fundo, sabia que não era com ele o problema. Expliquei que não sabia lidar com gente me regulando, mas que entendia que ele estava só cuidando de mim, que eu não precisava ficar irritada daquele jeito. Ele me pediu desculpas mesmo assim. Eu sei que fiquei brava comigo mesma. Estou bem angustiada de não estar conseguindo seguir o meu cronograma. Chego em casa tão cansada, a última coisa que eu quero fazer é pegar as coisas pra estudar.

— Você também se regula bastante, não é, Júlia? Você define a sua dieta, e que horas e como vai estudar, e como pode e não pode se sentir...

— Sim... é verdade. Mas estou realmente preocupada, porque faz tempo que venho tentando montar uma rotina de estudos mais regrada e não estou conseguindo. Tem uma parte de mim que entende. O curso é puxado mesmo, o estágio são 6 horas bem intensas por dia, e ainda preciso ter ânimo pra chegar em casa e estudar. Mas tem o outro lado que diz que eu não estudo porque sou preguiçosa. E acho

que também estou com medo de como vai ser depois de me formar. Porque se essa é toda a energia que eu tenho, não vai dar certo na residência. Porque estou começando a colocar de volta na minha rotina coisas que me fazem bem: tocar piano, tempo pra ler, exercício físico,

— Tempo pra ver seriado...

— Sim, sim. E eu sei que preciso de um pouco disso no meu dia, mas acho que não vou conseguir manter essa rotina na residência. E aí, bom, eu já vi o que acontece sem essas coisas e não gostei.

— Eu sei que você não tem irmãos mais velhos, mas isso soa como aquelas conversas em que uma criança escuta o irmão mais velho falando sobre o que está aprendendo na escola, e o mais novo acha que nunca vai conseguir entender aquilo tudo. Parece impossível. Como foi o começo do estágio pra você?

— Ah, a gente entra com medo, porque a sensação é de que você não aprendeu nada em quatro anos, que não vai ter a menor ideia do que fazer com os pacientes. Mas a gente sabe, sim.

— E tem professores pra tirar dúvidas,

— Sim, a maior parte dos professores tem bastante paciência e explica tudo. Mas eu não tenho esse medo de coisas que eu me sinto capaz de fazer. Eu não tinha medo do vestibular, porque sabia que era perfeitamente capaz de passar, mesmo que não fosse na primeira tentativa. Agora a residência eu realmente não sei se vou conseguir....

..... Atendi um menino de 26 anos no ambulatório da infecto, HIV+ há anos, que não estava em tratamento. Quando o residente perguntou o porquê, ele disse que é porque ele sabe que não vai ficar doente. Disse que tem fé que vai conseguir lidar com vírus sem remédios. O residente tentou, explicou tudo direitinho, mas o menino não quis. Só concordou em voltar daqui a 6 meses pra refazer os exames. No final da consulta eu estava me sentindo tão impotente, mas queria emprestar um pouco dessa fé dele. Não pra largar tudo, claro. Mas emprestar o suficiente pra ficar mais no meio do caminho, sabe?

— A gente pode se regular de uma forma mais favorável, não é? Bem, Júlia, nos vemos semana que vem.

Toda a vida num post

Rodrigo Castello Branco Manhães Boechat

Um testemunho

Todos conhecem e admiram Grandes Feitos. Um lugar na História, no Céu ou a Imortalidade não é algo fácil de se conseguir. A prova são os achados arqueológicos recentes nas cavernas de Qumran, a 12 km de Jericó. A tradução do aramaico nos trouxe a vida privada de um apóstolo, casado com Rebeca.

(Rebeca) — Mattityahu vai me deixar com as crianças de novo?! Que é que vai fazer com aqueles teus 11 amigos numa quinta à noite?

(Mattityahu) — Querida, calma, preciso desse alvará para sair com eles, vamos tomar um vinho, conversar sobre algo importante que vai acontecer...

(Rebeca) — Aquela mal falada da Magdala vai?! Ah, já sei, vão transmitir luta do Coliseu hoje, né? Vão ver uma lutinha, beber e falar bobagem?

(Mattityahu). — Não, querida, é Pessach, não transmitem lutas do Coliseu. É coisa séria, trabalhos que vamos fazer depois que acontecer.

(Rebeca). — Trabalho, Matheus, é o teu emprego na Receita Imperial, cobrando impostos. É isso que traz o massari pra essa casa. Lá em Damasco, a Tia Léa disse que chegou a fama de vocês. Parecem *hippies* falando de Paz e Amor. Daqui a pouco o Imperador te manda embora e quero ver. Vai dar palestra na rua? É a última vez que te libero pra essas reuniões com teus amigos. Semana passada teve aquela quebradeira no Templo, daqui a pouco bate a Polícia aqui em casa...

(Mattityahu). — Obrigado, minha rainha! Antes da meia-noite chego. Quer algo da rua?

(Rebeca). — Traga pão Scooby Doo e leite pros guris porque tá no fim. E cuida daquele Yehuda, aquele que não olha nos olhos. Já te falei que minha intuição é batata: tem o Yehuda gente boa e tem o outro que é mais falso que nota de 3 Shekel.

Grandes Homens, Grandes Mulheres. Grandes Feitos na História, Grandes Feitos em Casa.

A Profissão

De um lado, “O Homem Vitruviano” em meio às anotações do gênio renascentista Leonardo da Vinci. Do outro, posa para foto o robô Da Vinci, que é cirurgião. O velho e o novo, lado a lado.

Isso nos faz lembrar da história do predestinado Tereso Priapo, menino sapeca, aluno aplicado. Jogava bola no Ambiental aos sábados e, com algum esforço, chegou à Faculdade de Medicina. Cumprindo a sua sina e cheio de fertilidade, Tereso cresceu em saúde e inteligência, sendo aprovado para a residência em Urologia.

Passados os anos, todos no hospital conheciam suas habilidades de reverter as vasectomias. Nos corredores, colegas e funcionários sussurravam que “o que o homem separa, Tereso une”.

Então veio a modernidade, chegou Da Vinci e, na nova perspectiva da cirurgia robótica, o Priapo passou a competir com hábeis mãos da Escandinávia, Califórnia e Capadócia.

Tereso Priapo pediu aposentadoria e hoje é proprietário de um Sebo na Rua Kellers, Largo da Ordem. Vive feliz e sempre disposto para uma boa conversa.



Feridas em pérolas

Júlia Feldmann Uhry



Quero transmitir a inspiração de um momento, daqueles únicos que nos fazem valer o dia... a semana... o mês. Que fazem valer a pena ser médico. Relembrar a conexão que podemos ter com nossos pacientes. E como essa conexão nos transforma.

Início na unidade de saúde com uma consulta para renovação de medicação controlada. A senhora entrou junto com uma criança de mãos dadas a ela, e logo de início já me falou que tomava benzo-diazepínico de longa data... uma aversão inicial, pois o manejo da dependência não é tarefa fácil. Ao ser perguntada sobre o motivo do uso das medicações, ela iniciou contando sobre uma gestação e a perda logo em seu início. Na sequência, seguiu-se um relato triste de perdas e perdas. Aborto. Aborto. Aborto. Nascimento de menino, que logo começa a mostrar deficiências de desenvolvimento. Novo aborto. Nova gestação. Novo nascimento, com sinais de deficiência. “Quando veio meu segundo menino, eu sabia que Deus levaria o meu primeiro pequeno”... “me deu um para levar outro”. Hoje faz cerca de 8 anos que Deus está com os dois.

A aversão inicial desaparecera por completo e eu me encontrava chorando. Foi um relato tão sincero e tão doloroso que não consegui esconder minha emoção. “Calma, Doutora... Veja que hoje já consigo falar sobre o que aconteceu de forma mais calma, antes eu começava a falar e já chorava muito. Não contei minha história para muita gente. Aqui no posto nunca tinha falado sobre isso. Só vinha sempre renovar minha receita, como achei que seria hoje...”. Entre lágrimas, perguntei: “E hoje, o que a senhora tem feito?” - “Eu cuido de crianças, fico com umas 20 crianças o dia todo”. E mais lágrimas caíram dos meus olhos, no instante em que me lembrei de uma frase que havia ouvido: “uma ostra que não foi ferida não produz pérolas”.

Emocionada, pesquisei rapidamente sobre a parábola da pérola e li com ela: “as pérolas são produtos da dor; resultado da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia. Na parte interna da concha é encontrada uma substância lustrosa chamada *nácar*. Quando um grão de areia a penetra, as células do nácar começam a trabalhar e cobrem o grão de areia com camadas e mais camadas para proteger o corpo indefeso da ostra. Como resultado, uma linda pérola vai se formando. Uma ostra que não foi ferida, de algum modo, não produz pérola, pois a pérola é uma ferida cicatrizada. Na prática, o que vemos são 'ostras vazias', não porque não tenham sido feridas, mas, porque não souberam perdoar, compreender e transformar a dor em amor” (autor desconhecido).

Já havia se passado em torno de 50 minutos desde que ela havia entrado, a agenda estava atrasada lá fora e eu só conseguia pensar em quanta força e beleza havia naquela pessoa sentada a minha frente. Falei: “Você recebeu dor, diversos grãos de areia. E o que você fez? Transformou essa dor em amor: transformou suas feridas em pérolas. Com um sofrimento desses, você poderia ter vontade de nunca mais ver crianças — e o que você faz? Trabalha cuidando delas! De onde vem essa sua força?”

“Gostei muito desta sua frase, doutora. Ouvir você dizer assim me faz reconhecer o que sou. Apesar de um gene raro que prejudica minhas gestações, sou grata, pois dentro de todo esse sofrimento, encontrei muitos anjos que me ajudaram e me fizeram reencontrar sentido na vida”.

Encerramos a consulta com um grande abraço emocionado. Nos despedimos, faço sua receita de benzodiazepínico com a certeza de que a plantinha da força interior será o que lhe permitirá a retirada futura de medicações. E sigo inspirada com essa história... ao ver o poder da resiliência, da gratidão, da superação... e reconhecer a verdadeira pérola que surgiu através de tão duras feridas.

Solicitude

Alexandra Pires Grossi

Pequenino, eu te conheço,
Eu te conheço bem
Desde que estava no útero de sua mamãe.

Há 20 dias você nasceu.
Eu escolhi o dia de seu aniversário,
Mas ninguém te registrou ainda.
Você estava dormindo tranquilo hoje na UTI.
Você precisa se restabelecer.

Eu sei pelo que você passou no útero,
Sei também pelo que passou logo ao nascer.
Você é muito valente,
Respondeu bem à cirurgia e a todos os procedimentos que se
seguiram.

Você é um guerreiro valente.
Desde antes de nascer eu vi o que você foi capaz de suportar
E hoje estava descansando
Sozinho
Seus pais não estavam
Eles não podem te visitar.
Você tem irmãos que precisam ser cuidados, a passagem custa
dinheiro.

Eles têm suas lutas diárias
E você precisou travar as suas sozinho.

Desde antes de nascer
Eu te conheço bem, pequenino.
Você dormia sozinho na UTI.



A enfermeira me perguntou se eu ia mexer em você,
Você estava dormindo.
Eu queria muito te fazer um carinho, pequenino.
Eu não queria ter saído dali, queria te fazer companhia.
Você precisava descansar,
Eu não quis te acordar.
Dormindo, você não se dá conta de sua solidão.
Agora à noite eu orei por você, pequenino,
Você não está sozinho,
Aliás, tem muita gente boa cuidando de você aí.

Durma, pequenino, descanse e se recupere bem
Eu te conheço bem.
Desde antes de nascer
Eu te vi
Eu sei, pequenino, eu sei.



Ânsia

Weslley Elizandro Luciano



Sinto meu coração batendo em meu mediastino.
Pulsão após pulsão, o sangue jorra e transporta consigo a ânsia.
Anseia não sei pelo que, mas caminha por meu corpo.
Torna meus membros frígidos, minha testa molhada e minha respiração pesada.

A expectativa então pausa em meu peito, como um objeto imparável que encontra uma superfície inamovível.
Sou abalado pelo choque dessas forças onipotentes.
Os sons à minha volta se tornam mais altos, o chão mais distante.
Caio enquanto rezo pelo escuro.

A queda é curta e o impacto é longo, os joelhos tremem e não há ar suficiente.

Minutos se tornam horas na madrugada de sábado, e os sinos longínquos marcam o primeiro badalar do dia.

Sinto meu coração pulsando em meu mediastino.
Cubro as janelas, abafo os sons com o travesseiro e fecho meus olhos.
Rezo pelo silêncio.



Êta mulher escandalosa

Roberto Pirajá Moritz de Araújo

Nós já tínhamos conversado em nossa casa. Começou toda esta história quando ela disse pra vizinha que ia me abandonar. Isso, sem qualquer motivo aparente. Fiquei bombando de raiva. Eu sempre fiz tudo por essa mulher. Estamos juntos há dois anos, no melhor dos amores. É verdade que, quando as coisas não iam muito bem, eu parava no boteco do Ricardo e tomava umas duas doses de branquinha. Depois, ia pra casa. Chegava lá e encontrava a mulher fechada no quarto, sem querer falar comigo. Dizia que tinha medo. Que eu estava bêbado. Conversa, eu estava bom, querendo um papo pra me acalmar. E ela se negava. Isso me irritava. Mas vá lá. Dormir sozinho não é a pior coisa do mundo.

Ela dizer que vai me abandonar me deixou danado. Cheguei em casa e encontrei-a quieta, emburrada. Perguntei se era verdade o que tinham me contado, que ela ia embora não sei pra onde. Ela respondeu chorosa que sim. Eu queria saber quem era o canalha que botou isso na cabeça dela. Ela dizia que não tinha ninguém. Continuava com aquela lenga-lenga de que tinha medo de mim. Nossa, que besteira.

Eu disse que eu ia dar uma sova no bandido que estava querendo me tirar ela. Uma baita sova. Até dava uns tirinhos nos cornos dele. Eu estava pronto pra pegar o desgraçado. Busquei meu 38, bem carregado e disse pra ela

— Vai me mostrar quem é o vagabundo. Peguei ela pelo braço e puxei pra fora de casa. Que doidera. Fui ficando cada vez mais bravo com a negação dela. Saímos pra rua. Ela ia gritando e dizendo que não tinha ninguém. E eu acreditava? Lógico que não. Nunca ninguém me tirou mulher nesta vida. Que é isso...

A rua estava vazia. Só um sujeito vinha andando em nossa direção. Será esse o maldito? E ela continuava berrando e se esbaldando de chorar. Sabe de uma coisa, me encheu. E eu estou nervoso, cada vez mais nervoso. Para com isso, mulher, era o que eu mais queria.

— Para de gritar, ô mulher. Isso pode não ser bom pra você. Eu nunca perdi a paciência, mas agora estou ficando cada vez mais danado. Onde é que se viu mulher minha fazer escândalo desse jeito? O que é que os vizinhos vão pensar? Pode parar... Quieta, mulher!... Tô ficando vermelho de raiva, agora de você. Se não parar, dou-lhe uns tabefes.

Ela não parou. De repente, puxei o trinta e oito velho e disse:

— Cala a boca senão vai comer bala.

Ela arregalou os olhos e gritou mais alto ainda. Só sei que puxei o gatilho duas vezes e ela calou o berreiro. O barulho foi muito grande. Se não calasse, eu dava uns tiros nela. Pra sorte dela eu estava ainda meio calmo e dei os tiros pra cima.

O homem que estava na rua sumiu. Verdade que eu não olhei muito e tratei de me escafeder dali.

Sabe de uma coisa, companheiro, mulher eu arrumo outra. Deixe que essa vá embora com quem quiser. Pra que tudo isso ... É só eu me acalmar e já arranjo alguma pra esquentar minha cama... e ainda tomar uma pinga comigo.



Sem anestesia

Priscila Luzia Pereira Nunes

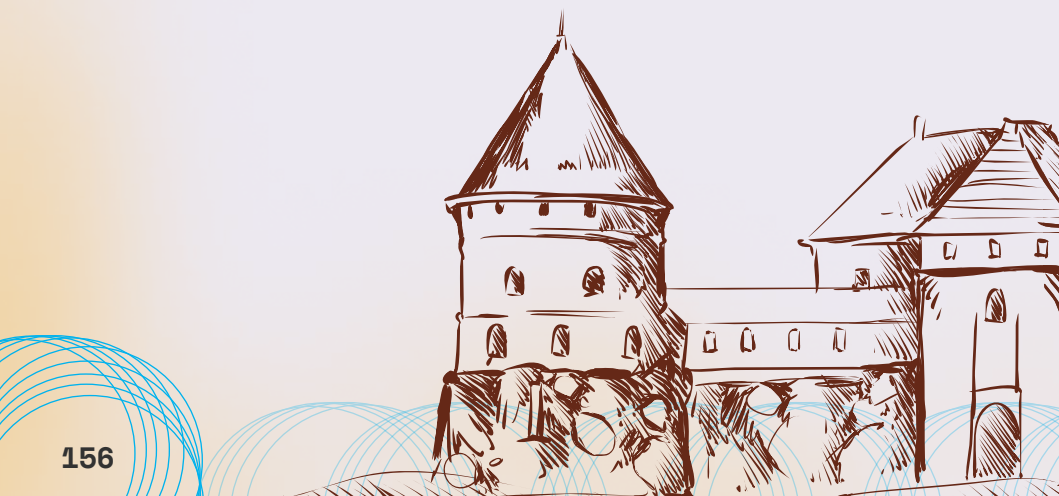


Nos bancos frios dos hospitais
É tão comum contemplar os tristes ais
Todos estão à espera de um alento
Precisamos atenuar o sofrimento

Todos carecem de cuidados e atenção
Mas poucos percebem os sofrimentos do coração
O conhecimento científico é vital
Porém a arte da humanização é mais que especial

Não pode ser banal um olhar indiferente
Por pessoas que lidam com gente
A frieza agravou a dor
Onde deveria estar apenas o amor

Esplêndido é ver a arte da medicina
E sentir os benefícios da adrenalina e serotonina
Independente se é na tristeza ou na alegria
É inadmissível exercer uma medicina sem anestesia

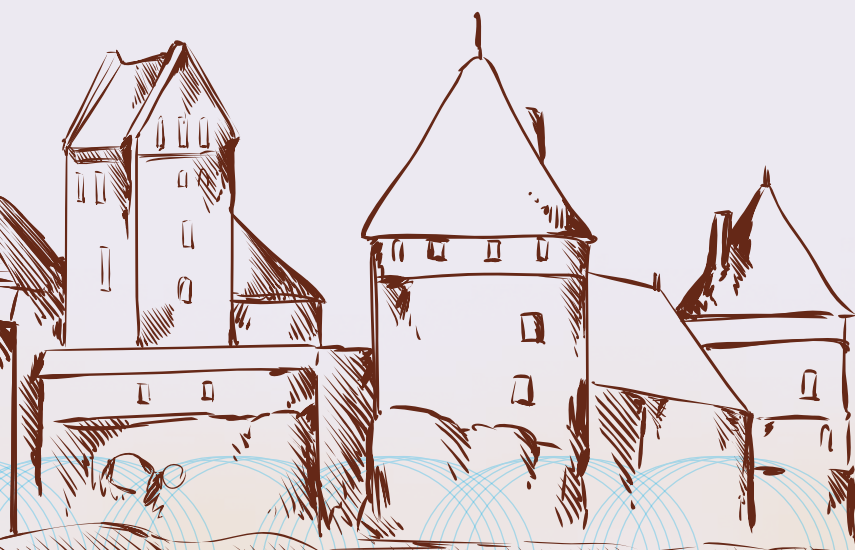


Enfim

Juliano da Silva Ferreira

Enfim...
Foram anos de muita procura,
Longos e loucos anos.
Apressado, às vezes
Vivia sem muitos objetivos.
Intenso, mas sem riso, somente o
Amargo doce amargo gosto da vida.

Estive à deriva,
Letárgico,
Entre tantos sorrisos
Na multidão, enfim...
Achei minha querida.



O diagnóstico improvável

Luiz Antônio Sá



Durante meus 17 anos como médico no interior atendi milhares de casos de todos os tipos e formas. Como era o único, não podia escolher os pacientes, muito menos suas enfermidades.

Um caso em especial marcou a minha trajetória no ano de 1984.

Já era começo de noite, quase hora de voltar para casa, quando adentraram ao hospital um paciente de aproximadamente 48 anos e sua esposa, que estava completamente desesperada sem saber qual seria o mal súbito que estava se manifestando em seu marido.

Ele, após um longo tempo sem jogar futebol, resolveu, naquela tarde, participar de uma partida. O jogo correu bem, sem muitos esforços. Em seguida, voltou para casa, tomou um banho e, durante o jantar, sua esposa notou que ele, de repente, começou a ficar com uma cor azulada. Em estado de alerta, não teve dúvidas: pegou seu marido e ambos se dirigiram ao Hospital.

Após a chegada ao Hospital, fiz sua anamnese e o examinei completamente. O paciente não tinha queixa alguma. Sentia-se muito bem. Obviamente fiquei intrigado com aquela “cianose” no rosto e em partes do corpo do paciente, incompatíveis com o relato de ausência de queixas. Fiz todos os testes vitais possíveis, mas não sabia mais como agir, pois não dispunha de exames laboratoriais ou de imagem para averiguar a causa dessa doença.



Mandei instalar oxigênio por cateter nasal e nem assim houve melhora da cor azulada, para meu desespero e de pessoas de sua família, que foram chegando aos poucos e indagavam-me acerca do estado do paciente. Eu mal sabia o que responder, pois tudo estava normal e o paciente não se queixava de nada. Nem tinha com o que medicar.

Passadas algumas horas, já de madrugada, como não havia melhora, eu comecei a pensar que ele poderia ter uma doença rara, ou até um infarto do miocárdio e poderia morrer ali. Chamei os seus familiares e disse que iria encaminhá-lo para o Hospital Regional de Concórdia, muito maior e mais bem equipado com os recursos que eu não dispunha no local. A família aceitou e ele se foi.

Fui para casa dormir, pois já era bem de madrugada e eu tinha ficado muitas horas ao seu lado.

Pela manhã, quando chego no hospital, quem eu vejo a minha espera??? O paciente “cianótico”. Só que agora com uma cor rosada e saudável. Ele veio para me agradecer pela dedicação de toda noite.

Perguntei-lhe como tinha melhorado tão rapidamente e ele contou a seguinte história: sua esposa tinha comprado algumas toalhas novas, que deviam ser de péssima qualidade e ele, ao voltar do futebol, se enxugou com uma de cor azul e por isso aquela cor em seu corpo. Quando ele foi internado no outro hospital, pediram-lhe que tomasse um banho para colocar o pijama.

E daí o “milagre” aconteceu: a cor azulada desapareceu e como estava tudo normal, assim que o liberaram de manhã, ele veio alegre contar sua história.

Eu, obviamente, fiquei aliviado. Rimos juntos da situação inusitada, e sua esposa, assim que chegou em casa, se desfez das toalhas novas.



• EXPRESS MAIL •

FIRST DAY ISSUE



Verão em junho

Ana Larissa Terujo Arimori

As noites de baixa temperatura
Não são mais tão frias
Encontro no teu olhar meu mar
Sinto no teu sorriso tudo de que preciso
Acolho-me no teu abraço todo meu enlaço

E assim me aqueço
Chama, labareda, faísca
Passa a estação fria



Sobre gaiolas e pássaros

Eduardo Giacomini



Sou pássaro.

Habito uma gaiola supostamente desde que nasci,
ou há muito tempo.

Meu dono me alimenta, e quase o amo: beijo seus dedos e canto
quando me pede.

Acham-me dócil e bonito, nunca o contrário.

As grades são limpas e reluzem azuis nos dias de sol.

Vejo as notícias do mundo pelo jornal que forra o chão —
nem sempre quando acontecem,
o que me dá a impressão de não ser atingido pelo tempo.

Numa noite, por descuido, a porta restou aberta.

Súbito, as penas eriçaram-se,

as asas expandiram-se num desconhecido plano de voo,

o ar alinhou-se para um canto improvável,

o bico enrijeceu-se imponente contra a noite,

as garras recolheram-se como se não soubessem pousar.

Entre excitação e medo — o medo.

Fingi dormir sobre o poleiro até a manhã.

Esperei que a entrada fosse fechada, que fossem repostos grãos
e água.

Vivo apenas a vida necessária.

Desde então, tenho terrores noturnos, sonho com gaiolas abertas
no meio de plantações de trigo, acordo em sobressaltos.

Sob o lustro das penas, ante as frestas do cárcere, observo o mundo
e duramente aguardo.

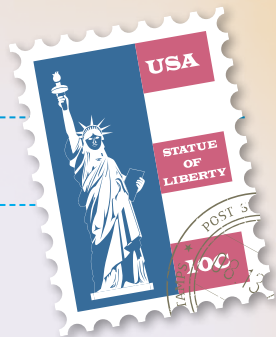
Aguardo antes do descuido, antes da noite, antes do trigo,
antes mesmo da porta aberta,

aguardo o animal
que sou.

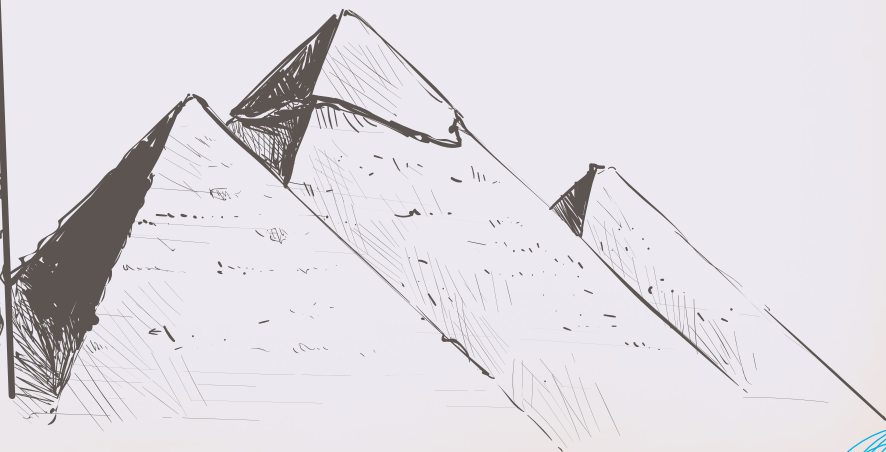


Idas e vindas

Edmilson Mario Fabbri



JÁ BEBI LICORES DE TANTOS AMORES
JÁ VIAJEI EM BALÕES DE TANTAS ILUSÕES
JÁ JUREI CERTEZAS SOBRE O QUE NÃO SABIA
JÁ NAVEGUEI EM ÁGUAS REVOLTAS E CALMARIAS
JÁ CAMINHEI POR CAMINHOS DESCONHECIDOS
JÁ FIZ PROMESSAS A SANTOS ESQUECIDOS
JÁ VAGUEI PELOS QUATRO CANTOS DO VENTO
JÁ DORMI EM PROSTÍBULOS E CONVENTOS
JÁ VIVI MUITAS VIDAS
JÁ MORRI MUITAS MORTES
ANDARILHO APRENDIZ NESTA LINHA DO TEMPO
ATOR OU ATRIZ MUDANDO DE ROUPA A TODO MOMENTO



Jornada ao infinito

João Gabriel Vicentini Karvat



Sonha. Sonha. Sonha, menino.

Contempla as estrelas, o céu, a imensidão.

Percebe o infinito. Deixa-o te envolver, como um cobertor.

Mas não te esqueças, menino, que o que envolve também sufoca.

Admira o brilho das estrelas, mas entende que não possas tê-las.

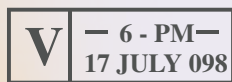
Observa a imensidão do céu, mas entende que não possas traçar limites a ele.

Percebe o infinito e envolve-te com ele, mas entende que, por ser infinito, não há como possuí-lo ou mesmo como chegar até ele.

Chora. Chora. Chora, menino.

A vida é assim mesmo. Mas não te aborreças.

Deixa o infinito guiar-te e, neste caminho, aproveita a vista.

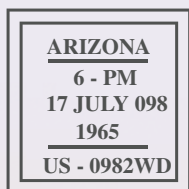


Tributo a João Gilberto

Patrícia Maria Pessoa Vinhas



Saudade da bossa ...
Som que dedilha o coração
Quando a gente está longe do país.
Esse delicioso batido do violão.
E é essa a música que toca em Praga ou Nova
Iorque, Paris ou Mikonos e tem um cheirinho do Brasil.
Da nossa gíngua, do nosso sentimentalismo, do nosso olhar.
Meigo, tão baixinho do mundo. Como na bossa
estamos fora dos padrões, diferentes.
Muita diversidade, muitos sons trazidos e misturados.
Você, João, sentiu essa bruma do Rio e a traduziu como quem cur-
te o vento
Da zona Sul a vontade de voar, de ser pequenininho.
Para voar bem alto como você o fez.
Você tocou a orla como um amante. Fez da praia sua vulva. No
mar enxergou
Um prazer, elevou e mostrou para o mundo essa garota de Ipane-
ma com os seus
Dedos que despontaram como o morro dos Dois Irmãos do Le-
blon. Sua obra de pura poesia e genialidade é uma herança honrosa
de ser brasileira, toda vez que se ouve a Bossa Nova



NUM. 0293-GH
DAY 23.07.1923
FLIGHT AIR 778

Ingenuidade estilhaçada

Élio Luiz Mauer



Não era um mundo complexo aquele de meados do século vinte, no qual tantos de nós nos criamos. O meu, geograficamente, não incluía mais do que alguns quarteirões do centro da cidade. Nesse espaço, estavam inseridos ambientes diversos que compunham o meu cenário: a então existente Cinelândia (incluindo o mais pulguento dos cinemas), a biblioteca pública situada nas proximidades e as não muito distantes lanchonetes com as então populares especialidades: *pizza* simples em pedaços, pastel feito na hora, e um famoso sanduíche de lombo de porco, às vezes acrescido de linguiça ou salsicha.

Todas essas instituições preencheram uma boa parte da infância, adolescência e até o início da vida adulta: era o cenário de muitos de nós, independente de origens étnicas ou tendências ideológicas. No nosso caso, meu e de um constante companheiro, vínhamos de um grupo de jovens, que desde o início, ainda crianças, aprendemos os princípios da preocupação com o próximo, com o outro ou, dito de outra forma, a ideia da prevalência do grupo em oposição ao egocentrismo.

A máxima dos mosqueteiros “um por todos e todos por um” não como algo fictício e sim como comportamento valorizado, almejado. Além dessa conduta, a valorização da ideia democrática da submissão, aceitação das resoluções da maioria com a necessária aderência a estas. Por sua vez, a maioria consciente de que *maioria* não significa *unanimidade*, sendo necessário considerar, e sempre que possível, valorizar as ideias expressas pela minoria, já que a ética grupal não permitia desprezar, diminuir o pensamento, as ideias desta. Certamente havia que considerar que, assim como estes respeitariam e até mesmo se empenhariam com as metas da maioria, essa não teria atitude de

desfaçatez em relação ao pensamento da minoria, considerando-se que este se originava dos mesmos princípios.

Em outras palavras, a decisão diferenciada não significava senão o caminho que o grupo devia seguir, e sempre a determinação considerava a todos — “vencedores” e “vencidos”. Assim, diferente do que acontecia em outros grupos, os dois grupos não se viam como opositores, como inimigos. Ambos se viam como partes da sustentação da instituição.

As atividades do grupo eram as mais variadas — desde acampamentos coincidindo com as férias escolares até reuniões de estudo e palestras, sempre enfatizando os valores grupais. Entre os assuntos de estudo e de palestras, lugar especial para a história recente com sua tragédia humana, que apontava para um necessário posicionamento humanista, democrático e voltado para a valorização da vida, do ser humano, de todos os seres humanos,

Nessa mesma linha, estimulava a leitura e, em especial, a literatura de autores que partilhavam dessas ideias e que há não muito tiveram suas obras queimadas em praça pública.

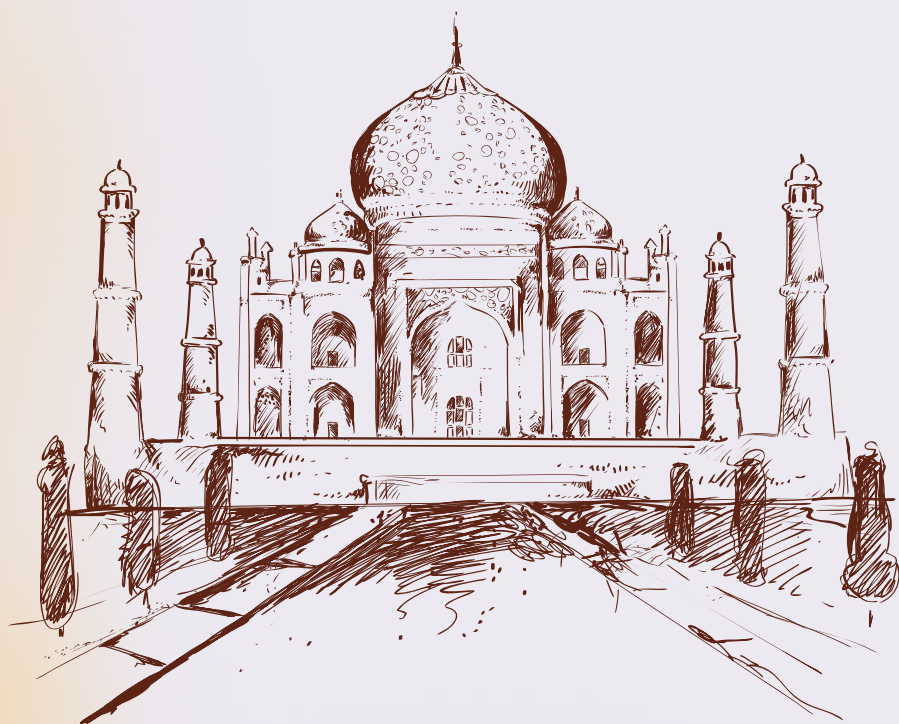
Existiam alguns outros ambientes além da Cinelândia, da biblioteca e das lanchonetes, situados no extremo oposto da rua principal, próximo da sede da universidade: algumas livrarias e especialmente em uma delas um sortimento de livros voltados para uma meta comum a muitos de nós na época: o vestibular.

E foi ali, em meio à busca destes, que tomei conhecimento de fatos que haveriam de estar presentes de uma ou outra forma por décadas a vir.

A livraria era mal iluminada, dando a impressão de pertencer a outra época. O dono, um velhinho simpático, mas mais interessado em conversas com conhecidos do que com os clientes, sentava-se em uma poltrona ao redor de uma mesa, com um raditransmissor, também evidentemente antigo, com sua frente de madeira e tecido, permitindo a passagem do som. Este rádio permanecia sintonizado

em estação que transmitia principalmente música dando um pouco de vida ao obscuro ambiente. Chamou a atenção, pois, a súbita interrupção das músicas populares e a entrada do som de uma marcha militar, despertando a atenção de todos. Um locutor anunciava que tropas do Exército vindas de Minas Gerais se dirigiam ao Rio de Janeiro.

Não creio que as pessoas de maneira geral se deram conta do significado do que estava sendo anunciado, nem do que ele representaria nos dias, meses, anos e décadas que se seguiram.



Qual o limite da justiça?

Maria Ofélia Fatuch



Muito se fala na aplicabilidade da lei, mas quando nos deparamos com o veredito, percebemos que, atrás de inúmeras regras, existe um homem.

Talvez por insanidade, impulso, excesso de emoção, este comete um delito.

Imperdoável, pela análise dos fatos.

Muitas vezes o linchamento moral é maior do que a sentença.

Como entender o sofrimento?

Para psicopatas, não ter remorso é não ter culpa. Talvez essa seja o caso da maioria das detenções.

E qual é o tempo para a extinção de um crime? Talvez nunca, do ponto de vista da vítima e de seu contexto social.

Há necessidade apenas de um gatilho para iniciar a dor.

E o agressor, se for doente fisicamente, debilitado, um idoso,

É justo promover justiça a quem não tem mais futuro ou expectativa de qualidade vida?

Ou será da nossa parte uma revanche e crueldade a um ato já cometido?

Temas questionáveis na área jurídica, onde se aplica a Constituição e é muito maior do ponto de vista médico.

O que é curar senão amenizar a dor?

Não somente física mas também emocional.

A vida é cheia de atalhos e todos nós estamos sujeitos a uma escolha errada pela nossa carência ou projeção.

Cada vez mais Judiciário e Medicina terão que rever conceitos de condenação e humanidade.

Julgar nunca foi fácil, mesmo aplicando algo escrito, pois dependerá subjetivamente na interpretação de outro ser humano, com suas experiências particulares e únicas, intransferíveis

A idade para não ser retido dependerá apenas da cronologia? Será inimputável apenas quem recebeu uma sentença de insanidade? Até que ponto quem julga é salubre?

A loucura pode ser transitória conforme o ambiente e senso de preservação da espécie, sua própria defesa pessoal e mental.

São questões abstratas demais para serem discutidas em tribunal ou sanatório.

Cada ser é único na sua trajetória, nos seus desejos, nos seus atos e em suas próprias consequências.

Talvez esse seja o futuro: compreender melhor o que é *ser humano* e não simplesmente condenar olhando o lado negro da sua própria vida.

Mesmo na absolvição não teremos a certeza da não repetição dos fatos.

O risco é inerente ao viver, e a aplicação da lei é uma forma justa para manter uma sociedade em harmonia.

Mesmo com a tecnologia, o erro está na existência e é pertinente mesmo no melhor parecer.

Do ponto de vista filosófico e médico, deve ser revisto de uma forma mais sensorial, cuja a responsabilidade é infinitamente maior.



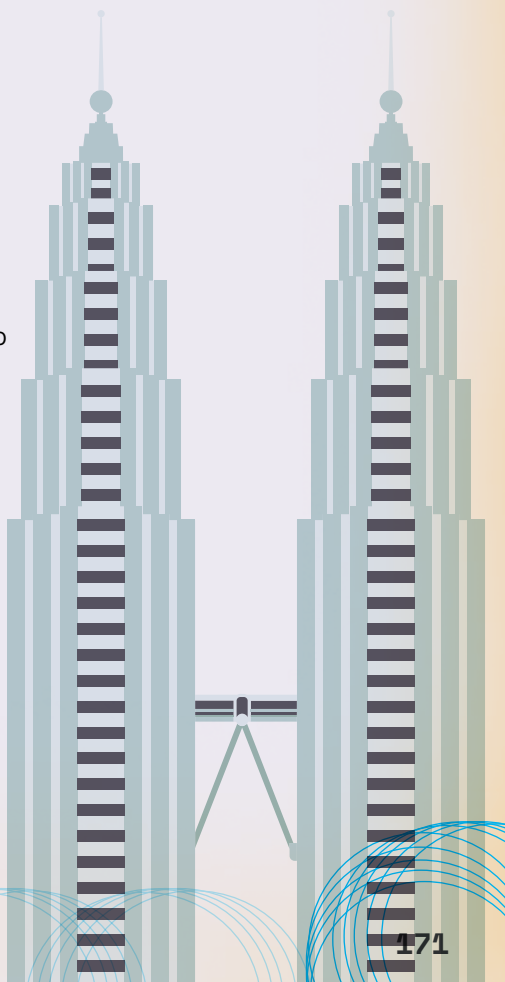
Firmamento

Andréa Vianna Carvalho



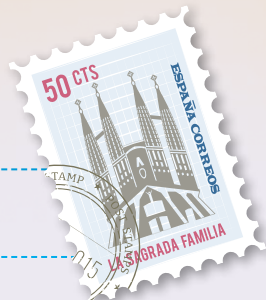
Um pouco de você
No fim do dia
Encontro marcado
Meu norte, meu guia
Descoberta do infinito
Êxtase a respirar
Me visto de cerimônia
Pra em você me encontrar
Respiração que se mistura
Bocas a caminhar
Sentidos mais que presentes
Pele a exaltar
Volto à vida se me toca
Ressuscito a cada olhar
Subo ao céu presa ao seu corpo
O leito vira meu altar
Cada história e cada instante
Afinidade desmedida
Experiência livre, absorta
Dá sentido à minha vida
Energia trocada
Momento divino
Sentir seu desejo
Torpor, desatino
Terreno sagrado
Que aos poucos se faz
Demônios calados

Meu riso, minha paz
Ascender ao firmamento
Que bobagem, só história
Com você se fez possível
Impensável trajetória



Salmo 37

Aline Pagliosa



Lembro-me como se fosse hoje. Era uma tarde nublada como tantas outras de Curitiba, com vento frio e a sensação de umidade no ar tão característica. Estávamos no oitavo período. O professor de genética nos esperava com a tranquilidade peculiar dos grandes mestres, como se soubesse o quanto aquele dia nos seria valioso. Vestia uma camisa xadrez preta e branca e suas expressões no rosto, tão afáveis, são claras em minha mente até hoje. Veríamos um caso clínico e falaríamos com familiar e paciente que já teriam aceito de antemão nosso aprendizado, compartilhando suas vidas conosco. Nas breves palavras do professor nos orientando era difícil conter a minha inquietude. Eu fazia a mim mesma milhões de questionamentos em pensamento quando, juntos, nos dirigíamos ao quarto do paciente.

No quarto, o pai, com cerca de 40 anos, acompanhava seu filho, de mais ou menos 5 anos. A criança brincava e quase nem notou nossa presença. A pedido do professor e após nos apresentarmos, começou o homem a contar sua história. De forma inimaginavelmente humilde e generosa, ele nos narrou a sua vida e a sua dor com tanta entrega que, por alguns instantes, nada mais existiu para mim. Ninguém ousou interromper aquele relato. Era como se o mundo tivesse acabado ali, naquela sensação de perder o chão diante do sofrimento. Nada mais importava a não ser compartilhar a vida daquele homem.

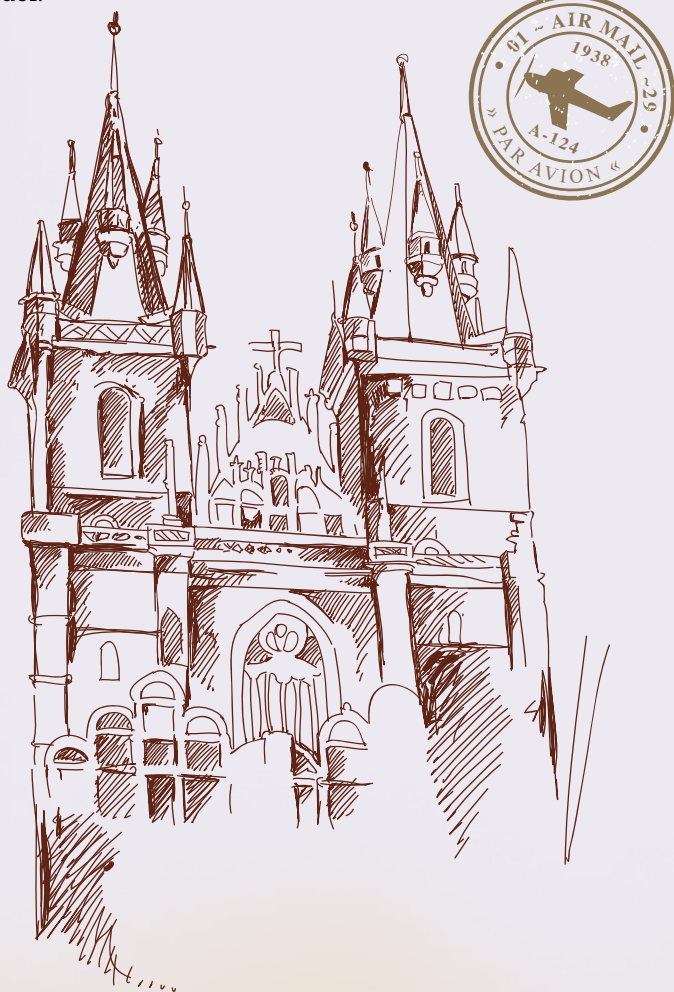
Com a serenidade que só a dor concede, ele nos relatou que havia perdido a esposa, o filho mais velho e o filho do meio pela mesma doença. Antes de continuar, fez uma pausa e, com a voz embargada, nos disse olhando o menino no berço, aceitando, com amor, a maior das dores do mundo. Ele perderia da mesma forma o seu terceiro menino, pela mesma doença que havia perdido a esposa e seus

outros dois filhos. Não, eu não conseguia aceitar aquilo dentro de mim! Como a vida podia ser tão injusta? Quanta dor cabia naquele homem? E nós, enquanto futuros médicos, não poderíamos fazer nada? Para que então ser médico? Que medicina era aquela que nada podia fazer por aquela criança e que falhou três vezes seguidas? Não pude conter minhas lágrimas. O professor ainda fez algumas perguntas que eu sequer ouvi, estava completamente arrasada. Minha ansiedade eufórica de antes deu espaço à tristeza e eu olhava para aquele homem com o maior respeito e admiração do mundo, querendo compartilhar, mesmo que brevemente, aquela dor.

O professor agradeceu cordialmente e nos despedimos. Já no corredor, nos explicou sobre a síndrome familiar do caso, que afetava especialmente o funcionamento cardíaco e se manifestava precocemente nos meninos. Falou palavras de conforto porque todos nós estávamos visivelmente abatidos. Estudaríamos o caso para a próxima aula.

Recordo-me de que, saindo do hospital, meus colegas me ofereceram carona. Recusei, dando desculpa de que precisava passar no mercado e fui caminhando até a igreja que costumava frequentar. Precisava ficar mais próxima de Deus e entender toda aquela minha angústia. Caminhava rapidamente, repleta de emoções e de lágrimas que insistiam em cair. Era um momento decisivo de profunda reflexão e intimidade sobre o que eu esperava da medicina e ela de mim. Cheguei à igreja e me ajoelhei. Rezei alguns minutos por aquele homem, por aquela criança e pedi discernimento para entender aquele momento tão único e complexo que vivia na minha formação médica. Quando voltei a sentar no banco, vi que do meu lado estava um livro, aberto no Salmo 37. Ainda um pouco trêmula, só consegui ler uma única frase que dizia: “entrega teu caminho ao Senhor, confia nEle, e Ele o fará”. Fiquei por alguns segundos ouvindo essa frase dentro de mim e meu coração se acalmou, como uma

tempestade que dá espaço à calma. Compreendi que a onipotência e a justiça pertencem a Deus e que a nós, médicos, cabe oferecer o nosso melhor diante da vida, ou ainda, diante da morte. Aquele sofrimento imenso e inexplicável me engrandeceu. E todas as vezes que preciso ser ainda mais forte na minha vida e na minha profissão eu me lembro, com imensa gratidão, desse dia e dessa história que me fez uma médica e uma pessoa ainda melhor. Tenho aprendido desde lá que a medicina é uma forma de amor, ainda maior, nos momentos de dor.



É hora de aprender

Rafaela Andrade Rocha



Aquela hora em que você para. Para de falar, para de pensar, para de desperdiçar tempo. Porque o momento é único, o relógio que es-pere — depois você compensa o tempo com as futilidades corriquei-ras. Já sentiu algo parecido? No seu consultório, agenda lotada, entre um paciente e outro? Eu já.

Ser médico não é fácil. Como tantas outras profissões hoje em dia, somos bombardeados por tecnologias com capacidade de memória e processamento infinitamente superiores às nossas. Só que, dife-rente das outras, nossa profissão tem um outro “detalhe”: levamos nos braços outro ser humano, idêntico a nós mesmos, que opta por confiar toda a sua sorte nas nossas mãos. Caramba, é pesado... Sa-bemos que o que dominamos não é muito, diria até que é pouco. Aí vestimos o jaleco branco e tentamos fazer jus à imagem que a maioria das pessoas tem de nós, seres invencíveis e incansáveis. E sempre apressados.

Muita gente acredita mesmo que somos seres superiores. Não im-porta se o indivíduo é mais humilde e pouco estudado, ou um juiz de alto gabarito. A impressão geral é que ocorra algum tipo de mágica entre a conversa com o médico e o resultado de melhora dos sinto-mas. A grande verdade é que somos memorizadores de conjuntos sindrômicos e correlações clínicas. Quanto melhor formos em mon-tar o quebra-cabeças, mais fácil fica de visualizarmos o quadro final. Outra verdade é que a natureza é sábia: a melhora muitas vezes faz parte do curso natural da doença.

Então, é bastante agitado esse vaivém de chega o cliente, você ouve atentamente tudo o que ele tem a dizer, pergunta se achar ne-cessário esmiuçar melhor alguma parte do relato, e já vai examinar

buscando encaixar tudo da maneira mais plausível possível. E, na sequência lógica, deve pensar no que propor de melhor para resolver aquele caso. Fim, "Próximo!". Só que não é sempre assim. Geralmente é, mas nem sempre. Ainda bem.

Houve um dia em que eu parei. Foi na hora da conversa inicial. Perguntei sobre o motivo da consulta e logo em seguida perguntei sobre doenças da família, como sempre faço. Era um senhor que trabalha na portaria de um edifício, calmo, de olhar tranquilo. Ele me respondeu "Meu piá teve um problema e acabou indo, com 18 anos de idade". Perguntei a causa, inusitada, de uma morte tão precoce. Quando vi aquele senhor educado e contido encher seus olhos de lágrimas, eu parei tudo. Senti que aquele era o momento mais importante do meu dia e que nem repararia mais no relógio.

O filho, extremamente jovem, era amante da vida. Não deixou de viajar para acompanhar os jogos do seu time mesmo quando fazia quimioterapia. Depois de sofrer cirurgias, ficar aleijado de uma perna e com dores pela persistência do tumor, continuou em seu propósito. Não se abalou. Era o garoto conhecido do hospital, aquele que sempre espalhava bom humor ao chegar. Os meses após descobrir a doença se passaram nesse ritmo, mesmo nos momentos mais difíceis. O final, apesar do peso de toda a tristeza de uma bela alma assim perecer, foi doce. No dia, meu paciente estava atrasado para seu turno e não titubeou, precisava retornar para o trabalho. O filho estava fraco, na maca, aguardando internamento no hospital. Antes do pai sair, chamou-o e disse que queria abraçá-lo bem forte, não faria mais isso depois. Mais tarde, no trabalho, meu cliente recebeu o telefonema informando do óbito.

Esse senhor entrou no meu consultório, anos depois dessa perda tão grande em sua vida, e me transmitiu paz e honra do primeiro ao último minuto da consulta. Acredito que ele sempre tenha sido assim, que as turbulências do mundo tenham mantido sua integridade e paz interior. Não se revoltou por não ter tido minuto a mais, por ter tido uma cruz tão pesada. Foi um verdadeiro exemplo para mim. Ainda bem que fui eu a médica da vez.

Viver para contar



Carlos Homero Giacomini

Os moradores da Borda do Campo costumam falar de um ser de longuíssima vida capaz de aprender muita coisa sobre chaves e fechaduras. Sua ocupação constante é contar o que já sabe, mas ele sabe muito menos do que busca contar. Nesse jogo se move sempre atormentado pelos limites do saber e do saber contar; habitante do mundo da linguagem, vive a constante incerteza sobre as possibilidades de uma e outra coisa. Mas só pode prosseguir. Não crê fazê-lo por vontade própria, por capricho que pudesse abandonar, ou compulsão da qual pudesse ser curado. É como se não tivesse opção, outro caminho a trilhar, outra vida a viver. Há quem o considere uma rês de um rebanho no céu, cujo senhor e dono diverte-se tangendo-o para um e outro lado. Seja como for, ele segue de sucesso em fracasso e de fracasso em sucesso e já vive há mais de treze bilhões de anos.

Prossigue, filho do paradoxo de ter nascido emaranhado de células para narrar a aventura, mergulhado, porém, no silêncio original, com todos os companheiros dos tempos da Explosão Inicial. Filhos do mistério de, submersos no silêncio da fragilidade dos símbolos, trazerem em si todo o germe da Ideia que são compelidos a narrar sem conhecer, de só poder dar por finda a narrativa com a destruição da linguagem e o retorno ao silêncio original, única solução para o indizível.

Contam que, vivendo tanto, foram se erguendo do vasto silêncio, sentindo coisas, sofisticando o sentir, como o fazem as árvores, os animais e as pedras que também se apaixonam; com suas antenas de visão, paladar, olfato, audição, tato e clarividência, apalpando e querendo compreender, e chamando de realidade o que mal sabem o que seja. Arranjos de água-terra-fogo e ar aprenderam a sentir, e entre o que sentiram primeiro estava o medo, primogênito da inconsciência que, duramente, século a século, buscam atenuar miran-

do o coração da natureza, de cujos elementos tomaram distância e passaram a chamar de deuses.

Então, dizem, este ser deslocou-se na hierarquia dos seres, porque além das sensações e do distanciamento, além de simplesmente viver, foi atraído a pensar e narrar, e buscando cumprir sua sina, tornou-se cúmplice no desenrolar da saga; prisioneiro errante entre as coisas da terra e as coisas do céu, os prazeres da carne e o tédio do espírito, as virtudes superiores e as obscuridades do subsolo, as demarcações de rotas indesviáveis e o trânsito de suas intranquilidades, o bem e o mal-estar da humanidade: um criador que tudo tenta, artesão do significado, contraditor da contradição. E assim prossegue nas asas de seu mundo simbólico, vigiado pelas tornozeleiras dos limites de seus símbolos. E toda noite sonharia o mesmo sonho: tem agarrado na garganta um grito urgente que, com sobre-humano esforço, se debate por gritar, mas, consegue tão somente emitir subsônicos grunhidos, e só aumenta o seu desespero. Violentemente acordado pelo não grito, resta-lhe sempre lamentar pelo que não lhe foi revelado; e outra vez sentir o mal-estar de saber que, além de tudo, para sempre se apagaram nele as vozes dos elefantes com sua linguagem de sinais, dos golfinhos se chamando pelo nome, dos pássaros que conhecem a chave do saber perfeito e, com suas línguas piadas, ensinam humanos a dizer desde remotos tempos; e dos cães que sabem pedir ajuda como ninguém...

Esse ser vivido procura por seus pares e dedica-se, como os chimpanzés, à catação mútua de carrapatos existenciais. Sabendo tão pouco, sabe o mesmo tanto que todos, que cultivam nos quatro cantos da terra o pouco que sabem, habitando até mesmo as almas das crianças ou, talvez, sobretudo as delas. Seria então por quase nada que ele pode livrar-se do medo, não dar tanta importância à imaginação; e preferir as manifestações dos que se dedicam a alternar silêncios com os ruídos do mundo tentando capturar o que a natureza é, no jogo de sombras e luzes; e refletir emoções e mentes em toscos espelhos de carne e osso; e transformar folhas brancas numa sequência de traços; e, às vezes, tocar corações?

Presença

Jaqueline Roberta Barbosa



Somos fadados a encontrá-la
E quanto peso ela tem
Sua presença tão marcante
Passa despercebida a ninguém
Ela vem ao nosso encontro
No sofredor acha intermédio
E o sujeito sua frio: “seu doutor, me dê logo um remédio”
Há quem o chame de *paciente*
Mas como pudera ser
Se quem convive com ela
A esperar, prefere morrer?
O pobre vivente é usado
E ela, uma amante buscando o objeto amado,
Sempre dá um jeito de estar do nosso lado
E no fim do dia, cansados de contra ela lutar,
Passamos o plantão, julgando dela se livrar:
“Já prescrevi o Sr. João, mas fique de olho, ela pode voltar”
Vamos para casa contentes
Com fé de que a vencemos ou conseguimos despistá-la
Mas quando fechamos os olhos, está por toda parte
E é fácil por demais notá-la
Não mais no outro, agora ela é parte da gente
A dor é nossa companheira e sempre estará presente
Repare, a dor mora onde não podemos alcançar
Onde remédio nenhum é capaz de analgesiar
No filho, marido ou irmão que não pudemos salvar
No “tudo vai ficar bem” que não pudemos falar.

Homenagem aos pacientes



Nayara Bazo Ferreira

Munidos de uma caneta, um caderno ou uma prancheta, trajados de jaleco branco, trazendo a identificação pendurada no pescoço, e a insegurança expressa no rosto. Assim você nos conheceu. Pedimos permissão para perguntar sobre vários aspectos da sua vida, e mesmo que você já tivesse respondido outras vezes, não se importou em nos contar que morava em casa de alvenaria e que tinha dois cachorros. Nos identificamos como estudantes, o que não era necessário, pois a nossa jovem e pueril face nos denunciava.

Com você tentamos aprender o significado da palavra *empatia*, que não se restringe ao “eu sei o que você está passando”, que pontuava na prova, mas podia não atingir nem a nota média na realidade. Cuidadosamente escolhemos as palavras para reduzir a distância entre nós, e assim estabelecemos um automatismo que traduzia o pensamento de arritmia na expressão batadeira no peito!!

Nosso relacionamento nem sempre foi harmonioso. Tivemos situações de atrito, quando não fomos o suficiente para você e você foi desafiador para nós. Apesar de não ter demonstrado, muitas dessas vezes nos sentimos impotentes, e nos culpamos pela nossa insuficiência. Houve momentos nos quais fomos desleais contando mentiras que consideramos brandas, mas que porventura podem ter cultivado esperanças que já não eram palpáveis.

Por esses e outros motivos devemos alguns perdões a você. Perdão pelas vezes em que você nos contou suas histórias, e respondemos “aham” para deixar a consulta mais objetiva. Perdão por tê-lo acordado antes do amanhecer no seu leito de internamento, para saber se o seu sono tinha sido reparador. Perdão por ter chamado sua esposa de sua mãe. Perdão pelas tentativas de acesso venoso que peneiraram seu braço.

A nossa dívida com você é grande. Gostaríamos de pagar com a sua cura, mas infelizmente nem sempre isso é possível. Nos dedicamos para que o resultado seja o melhor para você, e é uma realização quando você aperta nossa mão, com o sorriso no rosto agradece, e se despede satisfeito.

Poderíamos passar algum tempo pensando em palavras que resumissem o significado da nossa relação. Porém, sintetizar tal interação seria um tanto pretensioso, levando em conta as emoções compartilhadas. Foi muito difícil para nós, por exemplo, definir a sensação de ser o seu primeiro contato fora do útero da sua mãe. Assim como desistimos de encontrar explicação para o riso involuntário quando você fazia piadas com a sua própria idade.

Humildemente nos colocamos no divã, para fazer algumas confissões. Confessar que ter lido “tratamento paliativo” no seu prontuário provocou um entalo na nossa garganta. Que ver o laudo da tomografia indicando metástase deu uma sensação estranha na boca do estômago. E que saber que você partiu doeu. Doeu nos nossos olhos, que se apertaram para impedir a saída da tristeza de sabor salgado, e para disfarçar a nossa humanidade. Doeu no nosso coração, mesmo com as coronárias saudáveis.

A confiança que depositou em nós nos trouxe a responsabilidade das suas expectativas. Ter esse compromisso nos fez amadurecer e crescer como profissionais. Saber lidar com aquilo que você espera de nós é uma habilidade que está além das páginas dos livros, e que é possível desenvolver através das experiências que o convívio com você nos proporciona. Você pode ter tornado nosso aprendizado mais complexo, mas ao mesmo tempo o fez mais rico.

Nós, os endividados, damos entrada no pagamento com a nossa gratidão, reconhecendo que ela é imensurável, assim como a sua importância em nossa graduação. Agradecemos a você pela sua contribuição para a formação desses e dessas estudantes de medicina, e por esses futuros médicos e médicas. Para nós você foi essencial. Por nós você foi paciente.

Asfixia



Tania Hegler

Ela não iria nascer.

Somente a mãe dela sabia disso.

Augusta tinha pavor de ter outra filha como a primeira: cheia de problemas e com dificuldade de manifestar qualquer tipo de afeto. Ninguém sabia ao certo se isso era dela, ou se fora adquirido dentro daquela estrutura familiar. Afinal “essa primeira”, já tinha quinze anos. Eram só pai, mãe e filha. Não caberia ninguém mais naquele triângulo. Mais alguém, com certeza, iria sobrar, quebrar o equilíbrio patológico vivido a três. Então essa criança recém-concebida não era de jeito nenhum bem-vinda. Tinha que ter um fim!

Essa gravidez deveria ser interrompida. Mas não era tão fácil assim. Eram os anos cinquenta! E nessa época só era fácil engravidar. Somente o sangramento mensal era respeitado e até rejeitado. Depois de fecundada, o jeito era gestar os nove meses ou tentar pular ao chão de cima de uma mesa ou saltar num buraco fundo para tentar expelir o indesejado. Havia quem usasse instrumentos perigosos ou remédios potentes, mas o medo era grande. E se, em vez de ferir o feto, ferisse somente a ela? E se os remédios não matassem, só aleijassem? Então as mais racionais preferiam os pulos. Ou caía o feto, ou ela iria ver a barriga crescer, os peitos aumentarem e chorar a derrota. Era assim nos anos cinquenta.

Mas já que ela foi concebida, a lógica era crescer e nascer. E a bolinha de células agarrou-se à parede uterina e cresceu. E ficou perfeita. E aos nove meses de gestação, ela nasceu. O pai, nada entusiasmado, *afinal era para ser um menino*, desapareceu por três dias. Mas vá lá! Valiam suas comemorações memoráveis. Uma combinação perfeita para orgias: dinheiro, amigos, bebidas e muitas mulheres.

O nome foi escolhido pela mãe, e a saída da maternidade foi bem solitária. Mãe e filha. *Augusta e Elisa*, sem mais ninguém. Ela bem que esperou por alguém, mas a companhia que sobrou foi uma menina de três quilos, perfeitinha.

Mãe e filha tentam se apresentar aos outros no *lar dos Vargas*. A primogênita, com seus quinze anos, olha e sente curiosidade. Nada mais. O pai, no quarto dia da chegada de Elisa, estava eufórico. Ainda resquícios das comemorações dos dias anteriores. Não era um menino, mas tudo bem, talvez ele pudesse confundi-la um pouco. Nas brincadeiras, no aprendizado de comportamentos que eram praticamente dos meninos, e na possibilidade de criá-la com muita liberdade, já que iriam começar a viver em outro lugar.

Sairiam da capital do Estado em que moravam.

Iriam desbravar novas terras, que se transformariam anos depois em uma pungente cidade do interior. Elisa chegou lá com três meses de vida. Morou na décima terceira casa construída no lugar. Começaram a compor sobrenomes importantes, uma vez que eram treze famílias donas de tudo, e que já tinham planos de transformar aquilo em “seus territórios”. E assim surgiram os treze poderosos de um lugar iniciado para ser o caminho da riqueza e do poder. Elisa começou ali a história de seus treze primeiros anos de vida. Vida emocionalmente dolorosa e marcante, mas com um chão imenso para ser percorrido e explorado.

Foram anos indelévels.

Não era um menino, mas tinha verdadeira loucura por brincadeiras masculinas. Bicicleta, bola de gude, estilingue e brincadeiras como betes, pega ladrão e caubói eram as preferidas da turma. Tudo que viveu registrou-se em seu inconsciente e compôs assim suas memórias. Mesmo que estivesse completando cem anos, tudo continuava ali, ao alcance do menor deslize de uma lembrança. Elisa viveu tudo que serviu para sua formação emocional. Com seus próprios olhos e ouvidos viu e ouviu coisas que nenhuma criança merece e precisa saber.

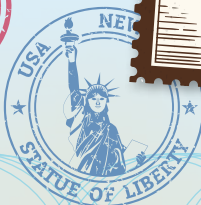
Sua única irmã não tinha nenhum espírito maternal. Ou porque não existia nela ou porque ela não queria que existisse. Não achou graça nenhuma na chegada da pequena e decidiu ignorá-la. Nunca houve possibilidade de se criar um vínculo afetivo. Talvez ela não soubesse amar ou não pudesse amar.

E assim Elisa foi crescendo.

Conviveu com um pai alcoólatra, uma mãe desinteressada e uma irmã estranha. Logo que Elisa começou a demonstrar inteligência, esperteza e popularidade, Augusta resolveu passar para ela a responsabilidade de “perseguir” seu pai. E esta passou a ser a função de Elisa: correr de bar em bar, nos finais de semana, localizá-lo, espiá-lo e fazer o relato à sua mãe. Depois disso, era só esperar a volta dele para casa, embriagado e inconveniente, além, é claro, da agressividade oferecida pelo abuso do álcool. Ela passava por esse “ato terrorista” todo final de semana. Quando ele não passava muitas horas em bares rodeado de puxa-sacos, fazia grandes almoços com amigos em sua bela casa. Mas isso também era pretexto para acabar o final do dia embriagado.

No único clube da cidade, do qual seu pai era sócio fundador, viveu momentos péssimos e amedrontadores. Ele sempre exagerando no álcool, era o “mais engraçado” de todos. Para Elisa, o verdadeiro “bobo da corte”, com a diferença de nunca ser humilhado nem servir de chacota para ninguém. Era poderoso! Nunca foi provocado sem que houvesse imediatamente agressão física, que o transformava no “dominante Vargas”. Ele mandava em tudo e em todos!

Elisa, agarrada à mão da mãe, chorava!



A pós-graduação



Valdir Furtado

Seu desejo, desde jovem, era estudar filosofia. Foi um aluno exemplar e se destacou como um estudante capaz e estudioso e um futuro profissional brilhante. No último ano do curso, chamou atenção de um dos professores, que, ao término de uma aula, chamou-o para conversar. “Meu filho”, disse o mestre, “e creio que você é um dos alunos mais inteligentes e aplicados que eu já tive e acho que você não pode parar simplesmente após o curso e sim continuar seu aprendizado com uma boa pós-graduação”. Ele agradeceu o interesse do professor, porém explicou que sua família era pobre e não poderia sustentá-lo; ele teria, portanto, que começar a trabalhar imediatamente em um jornal onde já tinha trabalho garantido. Além disso, tinha assumido o compromisso com a namorada de casarem imediatamente após a formatura. O professor insistiu: “Se você for viajar para aprimorar sua formação, tenho certeza de que ela esperará dois anos, sabendo que o futuro de ambos será mais promissor. Deixe-me tentar conseguir ajudá-lo”.

Alguns dias depois, o professor comunicou: “Entrei em contato com uma universidade em um país da Europa Oriental, tomei a liberdade de enviar seu currículo e você foi aceito para o mestrado. Você poderá então casar, porque o valor da bolsa será bom. Enquanto você estiver fazendo o mestrado, vou conseguir uma bolsa aqui pela Universidade para você fazer o doutorado”.

Tudo correu muito bem, casou e estudou com afinco a língua do país, além de aprimorar o inglês e o alemão, que já vinha estudando. Na data marcada, ele e a esposa viajaram felizes, certos de que estavam voando de encontro a um futuro brilhante. Depois de passar

dois dias conhecendo a capital, foram de trem, em um percurso de três horas, para a cidade sede da Universidade, ficando maravilhados com a paisagem, com bosques e montanhas cobertas de neve e povoados medievais encantadores.

Chegando ao destino, no apartamento previamente alugado no campus, ele telefonou para marcar entrevista com o orientador, professor Eloir Alfred, com quem já se comunicara por *email*. Na manhã seguinte, o professor o recebeu. Entrando na sala, ficou emocionado, pela solenidade do ambiente. Sala enorme, móveis antigos, uma mesa linda, com uma cadeira do mesmo estilo, ocupada por um homem de aproximadamente 60 anos, com enorme barba ruiva, óculos e um aspecto severo. “Aproxime-se, meu jovem”, disse o professor, “e sente-se para podermos conversar. Já que o seu nome é o meu sobrenome, tenho certeza de que vamos nos entender bem”.

Para Alfredo, este foi o primeiro teste da língua: compreendeu perfeitamente o que o professor falou. Sentou-se em uma linda cadeira de espaldar alto que o professor lhe indicou e por alguns segundos sentiu que era examinado.

“Já tive alunos do seu país, disse o mestre”, e confesso que me deixaram satisfeito; espero que você faça o mesmo”. O professor então fez-lhe várias perguntas: qual era seu maior interesse na filosofia, se tinha algum interesse na parapsicologia (o que deixou Alfredo intrigado), se tinha religião e se era fervoroso ou indiferente e o que lhe chamou muito a atenção e o assustou, qual era sua opção sexual. Quando o professor fez um gesto para que ele falasse, começou respondendo que era casado e que ele e a esposa eram heterossexuais. “A razão da minha pergunta”, disse o professor, “é que quero deixar bem claro que você terá colegas e professores homossexuais e bissexuais e não poderá permitir que isso interfira no seu relacionamento com eles, nem no seu aprendizado. Além disso, poderá se surpreender e até se assustar com certas práticas religiosas e até de magia a que deverá assistir e nunca criticar”.





Alfredo (ainda mais intrigado) antes de sair, ficou surpreso com a relação de nomes de ex-alunos; ficou assustado porque nenhum deles era conhecido e nunca tinha visto qualquer publicação filosófica por qualquer um deles. Durante a tarde, conheceu o aluno mais graduado que já estava com sua tese de doutorado pronta e estaria já prestes a deixar a Universidade. Era um jovem vindo da Costa Rica, formado em filosofia, que demonstrou pessimismo e que não respondeu ou respondeu laconicamente às suas perguntas, dando impressão de insegurança e medo de conversar. O costarriquense levou-o para conhecer outros professores, todos com o mesmo aspecto aterrador do mestre que conhecera pela manhã e muito lacônicos nas suas respostas. Recebeu uma pasta com a bibliografia que deveria começar a ler e foi informado de que suas atividades começariam pontualmente na manhã seguinte.

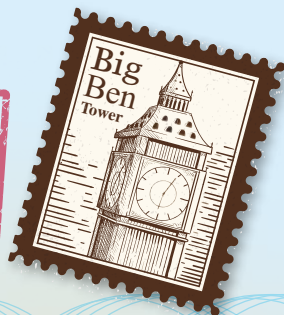
Foi incorporado a uma turma de 15 jovens, vindos de vários países da América Latina e da África. Apenas um americano, afro-descendente. Foi com este que fez mais amizade e que lhe avisou: quer um conselho? Se algum professor o convidar para ir à sua casa, não aceite. Nesse momento, um professor que os viu conversando chamou-o e disse: “Você precisa saber escolher bem suas amizades aqui, porque nem sempre as que você escolher serão as melhores”. Quis saber por quê, mas o professor se afastou rapidamente e não lhe deu oportunidade.

Fez amizade também com uma aluna, Ragnilde, fluente em alemão. Como Alfredo também falava alemão, conseguiram se entender e surgiu amizade entre eles. Alfredo então convidou Ragnilde para ir jantar em sua casa. Ao chegar, foi apresentada a Helena, esposa de Alfredo, e a achou linda, mas se assustou com o olhar estranho de Ragnilde, e mais ainda quando esta perguntou: você está grávida? Alfredo e Helena não vinham evitando, mas não sabiam ainda da gravidez dela. Alfredo perguntou à Ragnilde: “Como você sabe da gravidez de Helena?” Ragnilde respondeu: “Com o tempo, você aprenderá a usar o seu cérebro por inteiro”. Nesse momento,

um calafrio fez Alfredo se sentir enregelado, e Helena notou: “Você não está bem, meu amor? Você está muito pálido!” Ragnilde então interveio: “Com um beijo meu ele já voltará ao normal”. E sem mais delongas, deu um beijo prolongado em Alfredo, que imediatamente se sentiu bem, o que fez Helena então passar mal. Ragnilde tranquilizou Alfredo dizendo: “Não se assuste, ela já vai melhorar. Com o passar do tempo, ela vai aprender que aqui ninguém é de ninguém”. Alfredo e Ragnilde conversaram animadamente durante o jantar, em alemão, língua que Helena conseguia entender, mas na qual não era fluente.

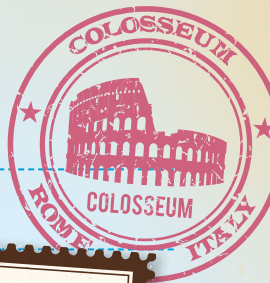
Depois que a convidada foi embora, reclamou da intimidade deles. Alguns dias depois, Ragnilde convidou-os para ir à casa dela, onde alguns professores estariam também presentes. Ragnilde tomou a palavra: “Como todos sabem, minhas experiências em parapsicologia continuam, porque com minhas técnicas especiais pretendo penetrar no além e contatar com as divindades”. E apagou as luzes. Helena sentiu um calafrio, parecendo que estava dentro de um freezer. Agarrou Alfredo pelo braço e disse: “Esta é uma seita perigosa, e a pós-graduação é apenas um chamariz para jovens. Vou fugir daqui e se você não vier, vou sozinha!”

Só quando chegou em casa, Alfredo voltou a conversar, pois estivera toda a viagem calado e parecendo um robô. Com o passar dos dias, voltou ao normal e soube que o professor que tinha lhe prometido o doutorado tinha sido encontrado morto à sua mesa de trabalho. Passados alguns dias, após o jantar, soou a campainha do portão e Helena foi atender. Olhou pela janela e o calafrio que sentiu foi igual ao que já sentira antes. . .



O grande amor

Gustavo Zoéga Salles Bueno



— Fechou a brecha mesentérica?

— Opa! Você por aqui? Fechei, sim.

Quando ele tinha entrado na sala?

— Certeza?

— Absoluta.

— Bom, bom... tá tranquilo hoje?

— Até que sim. O paciente da dois já está na recuperação pós-anestésica; na seis, a residente está fechando, e esse aqui vai ser rapidinho. Tranquilo.

A lenda senta-se numa cadeirinha junto à porta. Cruza as pernas, tira do bolso um óculos de leitura e começa a usar o celular, mexendo na tela com o dedo indicador da outra mão — sinal patognomônico daqueles que lutam para acompanhar as novas gerações. Minha mente questiona-se mais uma vez: quando é que ele tinha entrado na sala? Não faço a menor ideia. Não porque estava ocupado instrumentando a terceira cirurgia bariátrica da manhã, não... de luvas estéreis, paramentado, fico atrás do R1 na fila daqueles que querem participar. Este, por sua vez, após o término da cirurgia na sala dois, tomou meu lugar e agora comanda a mesa auxiliar que contém a parafernália medieval dessa cirurgia (dois *Deavers*, uma válvula suprapúbica, o assustador *Gosset*, Cuba-rim com soro e *Penrose*, grampeador e duas cargas). Enquanto outro interno instrumenta com a mesa principal, eu espero. Parado atrás do R1, apenas assisto à cirurgia.

Dois meses acompanhando a Geral, e o internato arremessa para o espaço meu sonho de criança.

Gastrectomias, colecistectomias, herniorrafias... o ciclo sem fim.

Sigo prestando atenção em cada movimento — cirúrgico e peris-

táltico — que acontece nessa sala. Abre, abre, abre. Procura, conta um metro. Grampeia. Sutura, sutura, sutura. Fique duas horas de pé sem uma função numa sala cirúrgica e o tédio será seu grande companheiro. Não se entedie e parabéns, és um monge! A solução é acompanhar cada passo, cada movimento, técnica, fio e instrumento que entram em cena. O tempo há de passar mais rápido para aqueles ávidos por conhecimento.

O trabalho é gratificante; o ócio, excruciante — hão de concordar comigo todos os nascidos sob o signo do bisturi.

Gostamos do campo de batalha. Do raciocínio afiado, da fisiologia dançando ao ritmo das nossas decisões, da técnica executada com maestria. Essa é a nossa sina.

Foco.

Retomo minha atenção para não perder a sanidade.

Ah, sim! O ilustre convidado. Olho para ele: já guardou o celular. Sentadinho em sua cadeira, atento feito um suricato, estende para cá e para lá o pescoço inquieto. Mais um escravo do *Não-Ócio*. Uma vida inteira de dedicação. O nome, a fama, a técnica, a tradição. De pai para filho, de filho para irmão. As aulas, as cirurgias, o reconhecimento. Tudo isso, todo isso: sentado em uma cadeira ao lado da porta, afastado do palco de sua arte por motivos médicos.

Quando foi que ele tinha entrado?

Pouco importa.

Ele se levanta. Minha atenção ao procedimento já foi para as *cucuias*. Não faço a menor ideia do que acontece debaixo do foco cirúrgico. A mente divaga, perde-se e se acha naquela sempre pacífica figura que agora perambula.

— Como está o estômago? A margem é boa? — ele pergunta, empoleirado atrás da R2 que auxilia na cirurgia.

— Tem bastante espaço aqui. Mais uma meia hora devo terminar.

— responde o jovem cirurgião sem remover os olhos da cavidade.

— Bom, bom...



A conversa acaba. Não há por que desperdiçar papo-furado. Um, ocupado. O outro, admirado. Por vinte minutos, ele observa em silêncio o palco onde por mais de vinte anos discursou. Os olhos atentos acompanham todo e qualquer movimento cirúrgico no paciente. Nada passa despercebido.

— Que saudades... — ele deixa escapar em tom de lamento.

O jovem cirurgião olha para a R2 que o auxilia e, com um rápido levantar de sobranceiras, faz menção àquele que observa de cima do estrado.

— Você não resiste, né, pai? — o jovem cirurgião satiriza o sedento espectador.

Ele não percebe o comentário de seu filho. Não responde, não muda o seu olhar. Minha liberdade poética tira férias ante a honestidade do momento: o mestre realmente não ouviu o que seu filho disse. Dentro do hospital que o educou, na sala cirúrgica onde por tanto tempo reinou, sua total e completa atenção sempre foi um privilégio concedido apenas aos seus procedimentos. O semblante brilha, sempre apaixonado.

A frase não foi dita para nenhum dos presentes. Seus olhos, encantados. Distante das pessoas ali presentes, admira sua amada. A profissão, a residência, a especialização, a escolha: esse é o procedimento de sua vida. A cirurgia para a qual todos os seus anos de formação foram dedicados. Por um deslize da mente apaixonada, o pensamento sonhado com tamanha sinceridade ganhou força e saiu assim, na forma de sussurro.

“Que saudades”.

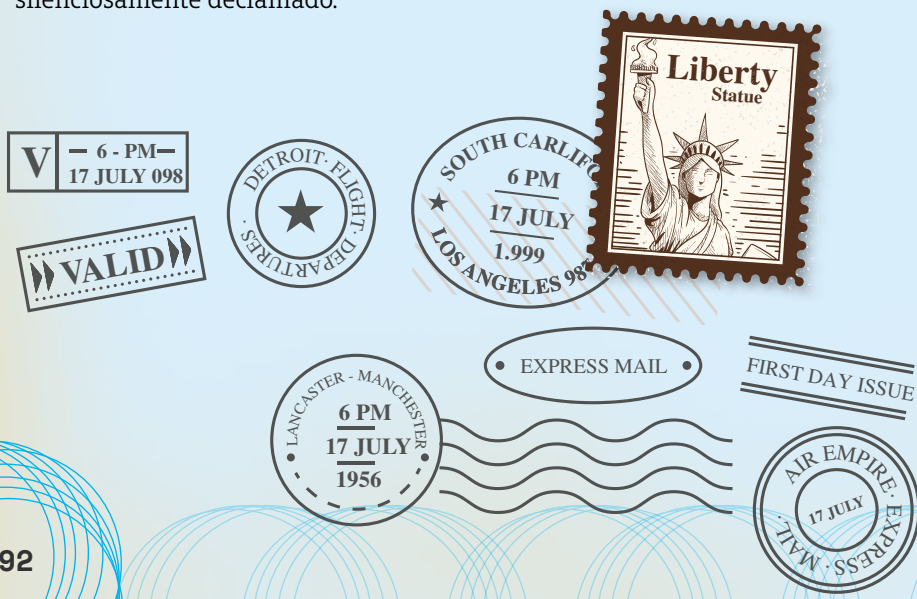
Nenhum dos presentes deixou de perceber o breve lamento do maestro incapacitado de reger. O filho olhou para o pai. Os residentes olharam para o filho e este olhou para nós. Os internos olharam entre si e então olharam para o pai. Mas o pai... os doces olhos do pai... O pai, homem de uma só paixão, por mais uma vez olhou para sua amada. Como sempre, desde sempre: os serenos olhos trocando carícias com seu grande amor. Alheio aos curiosos, declara para

a companheira de sua vida a mesma paixão do primeiro encontro. Com já disse Vinícius, *para viver um grande amor, é preciso muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso. Para viver um grande amor, é preciso ser homem de uma só mulher.*

Homem de uma só mulher, de um só ofício. De múltiplas técnicas, mas com um só objetivo. O pai, os filhos, a tradição. Amor de mais de uma paixão. A dedicação, que dedicação!

O olhar do pai nos inspira. Inspira desejos e inspira objetivos. Inspira um encontro, inspira um *ser-encontrado*. Inspira encontrar algo na vida que desperte em você o mesmo sincero amor. Um amor de dedicação, de doação sem a necessidade de retribuição.

Encontre um grande amor, alvo eterno do seu carinho e do seu sacerdócio, o qual seja para você um porto-seguro e um tesouro a ser segurado. Encontre um amor que o faça feliz ao dançarem juntos a dança de suas vidas, mas também que não se apague quando, afastados, apenas uma troca silenciosa de olhares lhe seja concedida. Um amor que o complete mesmo distante, mesmo sem toque, mesmo quando separados. Seja encontrado. Seja encontrado por alguém que o olhe com a mesma paixão com que estes olhos se declaram para esta cirurgia. Viva, cresça, apaixone-se, ame... e, com sorte, um dia os olhos de outrem cuidarão de você com o mesmo amor aqui silenciosamente declamado.



Azul e violeta

Jaqueline Doring Rodrigues



Vêm o dia e a noite, o sorriso e a lágrima. A vida e a morte. E, nessa dualidade diária, entretidos com suas variâncias, ocupamos nosso tempo com atividades para nosso sustento. Por que tanta pressa? Para onde vais, tu, que andas apressado, de olhos baixos, cortando caminhos? Para onde foram os sábios que por estas terras também caminharam, que marcas deixaram aos que ficaram?

Que me importa saber das minúcias deste DNA, das moléculas dos medicamentos, se nem sequer sabemos de onde viemos e as verdadeiras causas das doenças? Tu, que me dizes que remédio usar, mas não te embebedas do licor natural sagrado que tudo cura. Penas saber sobre a vida, mas negas a morte e repudias a eternidade. Que sabes tu, que não enxergas palmo à frente daquilo que não tem matéria, que ignoras teu plano mental como um filho renegado? E assim abres tuas frestas para as impurezas que a ti não pertencem — já que não as enxergas, não mais as sentes.

Ah, tu! Que amas a natureza, porém a consomes, a corrompes, enquanto dizes sobreviver. E, quando decides viver, viajas a quilômetros de distância, mais distante de ti. Como esperas encontrar-te no ócio de quem cronometra os segundos em 30 dias de reclusão se em todos os outros sofres por não entender essa ilusão? Como esperas fazer durar o prazer se nem mesmo sentes a água no teu corpo descer? Se mal respiras o ar, já que não o podes ver. Se pudesses enxergar onde ele todo penetra, ele, que em tudo está (e também em nada aos olhos rastos pueris).

Ah! Respeitarias o vento, tanto mais a brisa que vergas, não passarias ileso por entre as gentes, por entre o ar, por entre a água. Oceanas em mim, tu que és tudo e és nada. Que roubastes da terra um espaço de verde e agora chamas de teu. Ah! Tão humana criança

que se apodera da terra que há mais de 4 bilhões de anos aqui já estava, e ela se resigna, não se abala, pois sabes que tão logo um vendaval a sua força mostra. E não há mal que aqui perduto.

Somos um ponto azul no universo e, quanto mais tentamos ver ao longe com nossos telescópios modernos, mais nos deparamos com o incomensurável do cosmos e os processos naturais finitos dos ciclos da nossa Vida. E os entretenimentos, meras distrações do que realmente importa.

Se lá fora tudo vive independentemente de nós, seres humanos, aqui dentro tudo espera que possamos dar vida, virtude e propósito. Oh, tu que te orgulhas de ti, bebe o leite do saber, mas dá a glória do conhecimento aos deuses que a Esmeralda guardaram.

Não há acaso na ciência, nem no nascimento, nem na morte. Como podes tu, Senhor da Tua Vida, pensar que não há Inteligência Superior se carregas em ti, em cada cromossomo de 1 milésimo de milímetro de tamanho, 4 mil livros de quinhentas páginas de saber? Que matemática é a tua senão a da vida que tudo constata e em tudo se multiplica? Não me venhas falar de rodapé de livro se nem sequer consegues ver o título da tua vida. E podas a fé dos teus pacientes, que, mesmo cegos de conhecimento, têm a sabedoria da doença desvelada para si nos segredos dos mundos. Cala-te! Abre a janela da tua escuridão. Deixa o sol entrar e a humildade perdurar. Carrega, tu, os louros da existência e evolui com consciência.

Andamos lentos para sentir o chão que pisamos. Tivesse eu a velocidade da luz, voaria para dentro de mim, multiplicaria a velocidade pela consciência e dividiria pelo tempo, para assim chegar ao espaço onde nada cabe e que tudo tem.

Ó, alma! Regozija-te neste corpo, ainda que te prenda diante da tua imensidão. Sei que anseias pelo andar suave e veloz que agora nesta redoma te limita. A ti brinda a eternidade.

Para que viajas tu pelo mundo se levas contigo tuas pedras? Primeiro, tenta superar tuas trevas para depois, iluminado, tentares sobrevoar teu chão. Se tudo é Sol e Lua para quem vive neste mundo, dispo-me de azul e violeta para, então, ser Céu.

Tu es sacerdos in aeternum

Artur Palú Neto



Não se sabia se era um padre que fez Medicina ou se era um médico que se ordenou sacerdote. Trabalhava ali há mais de 25 anos e era verdadeiramente amado pela comunidade. Como sempre dizia:

— Aqui há cura para o corpo e para a alma... pacote fechado!

E se podia afirmar: era bom em ambos os campos. Dele se dizia entender desde “dor na cacunda”, passando por “dor de cotovelo”, chegando à “espinhela caída”, bem como que livrava o cristão de qualquer encosto e dele tirava o diabo do couro.

Às vezes, era procurado, pensando tratar-se de algum problema espiritual, e o “fiel/paciente” saía dali com uma receita ou com o conselho de procurar um bom especialista para tratar dos seus males nos bofes.

Como é fácil de se imaginar, evitava atender a consultas (médicas) das mulheres, especialmente das descasadas ou das mal-amadas. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, acabaria dando... e tendo encrenca. Pelo fato de atender nas duas frentes, não conseguia fazer aquele povinho simples entender que padre é padre, e médico é médico.

O caso começou com uma mal-amada que, para atazanar a vida do marido (em quem ornamentava com frequência um bom par de chifres), começou a lhe dizer que o padre (não o médico) a pusera de menos roupas para uma consulta, que ele chamou de “espiritual”.

O marido (bobão de toda sorte) não teve o bom senso de perceber que a bendita lhe estava passando um trote, sem se importar se, com isso, corresse o risco de denegrir a imagem de santo que o padre ostentava. Em vez de procurar uma solução local, numa con-

versa franca com o “médico/padre... padre/médico”, foi diretamente à Cúria Diocesana para falar com seu superior. O bispo, que havia assumido a Diocese há menos de quatro meses, ouviu-o e disse-lhe que trataria do caso.

O bispo tinha uns problemas de saúde: depressão, ansiedade... aliados a uma série de outros com efeitos colaterais... e quando estava atacado era um “Deus nos Acuda” e acabava trocando as mãos pelos pés e “que se salvasse quem tivesse de passar por seu ‘bom’ juízo, decisões e julgamentos”.

Foi ainda na mesma semana, depois de ter recebido um convite/intimação, que o padre, depois de uma conversa de mais de duas horas, disse:

— Vossa Excelência não me conhece... devia saber que não faria tal coisa.

— Sim, mas...

— Não tem nem meio “mas”... Excelência...

— Neste caso, Padre, penso que tenha de...

— Excelência, se não tiver... ou não vier a ter a sua confiança, penso que terei de adotar uma posição mais extrema.

O Superior não disse nada, mas também não se mostrava inclinado a mudar seu modo de pensar. Durante mais de dois meses, de uma forma ou de outra, cutucava o padre, chegando ao extremo de dizer que pretendia transferi-lo de paróquia.

O trabalho que o padre realizava ali não era algo que se refaria em poucos meses em outro lugar. Chegou à conclusão que ninguém, em são juízo, esperava ou desejava:

— Se não tenho a sua confiança... se prefere acreditar no que uma doida... se não quer levar em consideração tudo o que já fiz em 25 anos de serviço, encerro aqui meu expediente como sacerdote. Daqui para a frente, serei apenas o médico. Assim, poderei examinar meus clientes — homens e mulheres — até mesmo pelados e ninguém terá de falar nada. Tudo será “absolutamente normal”.

— Padre, por favor, não fale assim! O senhor está sendo desrespeitoso.

— Perdoe-me dizer-lhe isto, Excelência, mas desrespeitoso está sendo o senhor. Preferiu acreditar... Bem... a decisão está tomada... Peço-lhe a dispensa dos meus votos!

Deixou a paróquia, a casa paroquial, estabeleceu-se na cidade e, se até então era já bem visto como médico, muito mais agora o foi.

O povo não perdoou o bispo e este, apesar de, em seus bons momentos de saúde, ter achado que fora muito enérgico e insensível, não deu o bracinho a torcer para reacolher o padre em suas funções litúrgicas e pastorais.

Os anos se passaram: pastoreando aqui e clinicando ali, ambos levavam sua vidinha. Coitado do padre/médico, aparentemente levava uma vida muito estável, pacata, alegre, podia-se dizer feliz. Ocorria, no entanto, que, em momentos de intimidade, não conseguia suportar não estar com seus fiéis — suas ovelhas, como dizia — e sofria horrores por ter tido sua vocação podada sem maiores razões e justificativas.

— Continuava solteiro... solitário. Não fora talhado para a vida de família. Também não adotou uma governanta para não dar mais motivos a mexericos e falatórios.

Doze longos anos se passaram. O bispo, dentro do seu possível, se fez aceitar pela comunidade, ainda que com restrições. O médico, embora cumprisse todas as suas funções, destacou-se mesmo como um bom “médico da família”. Ninguém chegava a um especialista sem antes passar por ele. Era calmo, suave, dedicado e nunca deixava de atender alguém, caso não tivesse dinheiro para pagar a consulta. Quantas foram as vezes que acabou, em casa, recebendo um frango caipira, ou um porquinho... sem contar com o saco de laranja ou uma melancia em troca da ajuda recebida.

Foi quando, de madrugada, aconteceu aquele horrível acidente na fábrica no distrito vizinho. Alguém precisava ficar no hospital, escalaram-no. Os demais médicos deslocaram-se imediatamente para os primeiros socorros e atendimentos.

É natural e evidente que o bispo também foi chamado às pressas a tomar as providências espirituais, pois já se sabia de uns óbitos... e outros a caminho. Acordado que foi no meio da noite, atendeu o telefone ainda deitado. Ao tomar ciência, sabia das emergentes providências a tomar. Na pressa, descuidou-se e, ao descer a escada, sofreu uma violentíssima queda. O grito chamou a atenção do Irmão que o assistia.

Um novo telefonema, e a ambulância solicitada já se punha a caminho. Deu entrada no hospital, sendo levado imediatamente a um bom apartamento. O médico, que terminava uma sutura, imediatamente avisado, foi correndo ao novo paciente sem saber de quem se tratava. Ao vê-lo, a única palavra que lhe veio à boca, foi: “Excelência.”

Ao examiná-lo, teve maus presságios! Não deixou, no entanto, de usar de toda a sua ciência, esmero e esforço no sentido de resgatá-lo a saúde. Viu, todavia, que muito pouco tinha a fazer. O paciente, sentindo suas forças se esvaírem e antevendo o inevitável encontro com seu Deus e Senhor, disse ao médico:

— Quero me confessar. O senhor...

O médico, imediatamente voltou-se à enfermeira que o auxiliava e determinou:

— Chamem um padre! Rápido... é urgente! Vamos, criatura... não perca tempo!

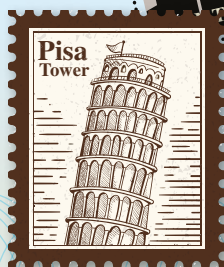
— Quero me confessar. O senhor pode me atender em confissão?
— repetiu o bispo.

— Não sou mais padre... o senhor bem sabe...

— Uma vez padre, sempre padre...

— Não posso, renunciei aos meus votos...

— TU ES SACERDOS IN AETERNUM.



O médico, abaixando os olhos, disse: “Em nome do Pai e do Filho e...”

Terminada a confissão, o bispo disse:

— Agora que tenho o perdão de Deus e, especialmente, o seu perdão, posso humildemente entregar-Lhe minha alma.

E como última frase de sua vida, disse:

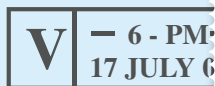
— Nunca lhe dispensei dos votos e nem encaminhei o seu pedido à Santa Sé... O senhor continua padre... A Igreja precisa do senhor.



O louco que existe em mim

Roberto Brunow Ventura

Quem é louco?
Oi? Eu o quê?
Como assim?
Fala sério aí, mano! Eu quem?
Tá. Tudo bem, tatu do bem...
Sou doido, sim!
E daí, mas quem não?
É só um acento,
Eu sou teu irmão,
Sou teu espelho!
Vem, e me dá tua mão,
Em vez de conselho!
Fica menos doído assim!
Cara, pensa bem...
Quem é que nunca
Fez uma loucura?
Vem comigo, vem...
E eu te prometo a cura!
Vem brincar um pouco
Nessa minha loucura...
Sem medo, venha comigo
Experimentar a doçura
Dessa doida aventura!



*"A jornada do Louco começa de verdade
Quando em nós desperta o desejo da Liberdade!"*

("Não, melhor não, pode ser perigoso!")
 Será que não vão pensar, então,
 Que eu sou louco de verdade?
 Sim, porque as pessoas vão falar:
 "Saiu do juízo, o idoso!",
 Anda por aí a saltitar,
 A rolar no chão e a dançar!
 A cara branca como giz,
 No chapéu uma borboleta...
 E uma bolota vermelha no lugar do nariz!
 Parece sem rumo, nem prumo!
 Coitado, depois de velho...
 "Você não acha que é meio tarde
 Pra mudar de vida e de lida?"
 Ora, pois, deixa a turma fofocar,
 Pois eles não sabem da verdade
 E das delícias da loucura
 Que é amar e brincar com liberdade!
 Vou te explicar por que não ligo!
 É porque sou muito, muito feliz,
 Pois descobri no Palhaço,
 A melhor parte de mim...
 Louco é quem me diz!
 Sabe por que me chamam assim?
 É porque falo sozinho,
 Digo coisas nada a ver,
 E vejo coisas que ninguém vê...
 Sim, até alguns amigos invisíveis!
 Até porque é preciso ser louco
 Pra acreditar em devas, guias e orixás a me proteger...
 E também porque vivo rindo à toa,
 Eu tô sempre feliz e de boa...
 Gargalhar me faz voar,
 E a barriga chega a doer!

FIRST DAY ISSUE



Acontece até, pode crer;
Da gente chorar de tanto rir...

Mas, se fico triste mesmo

E não tem outro jeito,

Eu já aprendi a chorar;

Pois é assim que alívio o meu peito!

E daí, então, eu escuto uma vizinha que me diz:-

("Vem, vamos brincar! Eu sei, foi alguém que não te quis...

Mas agora não chora, porque o espetáculo já tá na hora de começar!").

O show tem que continuar, assim diz o reclame!

Pois então, vamos em frente, porque atrás vem gente!

("Jacaré que não anda, vira bolsa de madame!")

E de verdade em verdade, eu vos digo

Para que ouçam bem o ditado antigo:-

"Muitos serão convidados à mesa do Senhor;

Porém só alguns vão se sentar!"

(o resto come de pé)

Então, pra que esse estardalhaço,

Por que tanta "fé"?

Ora, pois, para ser um Palhaço

Primeiro é preciso reconhecer a sua "loucura",

E só depois encontrar

O caminho da própria cura...!

Então venha, me dá um abraço!

E dá um beijo no nariz desse Palhaço...

Eu garanto que você

Não irá se arrepender...!



("O Louco é um coringa. Ele é livre, e pode estar em qualquer lugar que quiser. E por isso o Louco caminha em direção ao novo, ao inusitado com ousadia, por ingenuidade, pela paixão e com total desapego!").

O médico e seu monstro

Ribamar Leonildo Maroneze



Era seu primeiro ano na vida profissional. Recém-graduado, com mérito, numa prestigiada faculdade de medicina da capital, Lucas era filho de tradicional família religiosa de classe média. Sua mãe, conhecida participante dos grupos de oração e pastorais, ainda coordenava grupos de catequese dominicais. Em vez do habitual baile de festejos da formatura, Dona Regina passou aquele final de semana agradecendo, aos pés de Santo Expedito, das causas insuperáveis, o feito alcançado pelo único filho, concebido em graças após quatro abortos, sobrevivente da prematuridade pela pré-eclâmpsia, batizado com o mesmo nome do médico evangelista. Agora doutor, seu filho estava à disposição do mundo, entregue por sua mãe. A promessa havia de ser paga!

Lucas foi criado dentro dos dogmas tradicionais da igreja, comungou, crismou, até coroinha foi! Mas ao distanciar-se do convívio de casa e do olhar proibitivo do padre Celso, sua ida para o templo do saber universitário o colocou próximo às respostas exatas e conclusas: a Ciência! Não foi difícil desistir dos conceitos de essência além da existência e da divindade que tudo vê e governa. Fez dos compêndios e tratados sua nova Bíblia!

Decidiu pela pequena cidade do interior como palco do início profissional, ideal para ganhar experiência e algum dinheiro. As necessidades daquela população eram muitas, vários atendimentos e poucos recursos.

Num fim de tarde, já cansado das viroses e diarreias, aquele paciente lhe chamou a atenção. Jovem, acompanhado da mãe preocu-

pada, referia dor e fraqueza nas pernas com evolução ascendente, mal conseguia caminhar. Após minucioso exame físico, quem imaginaria que ali, no interior, estava diante da Síndrome de Guillain-Barré, somente diagnosticada em centros especializados. O caso poderia evoluir para insuficiência respiratória em pouco tempo. Grave, necessitava de breve transferência para a capital. Internou. Naquele corredor frio, assistindo ao desespero da genitora diante do diagnóstico clínico preciso, comoveu-se, amparou o jovem e sua mãe em um breve cumprimento, tímido, mas seguro:

— Você vai ficar bem.

O jovem enfermo segurou a mão de Lucas e deu um sorriso longo e sincero. Por um momento sentiu que uma diferente energia, quente, molificante, passava por ali.

No outro dia, para espanto geral, o então doente neurológico passava normalmente, saltitante, em plena força, pelo hospital. Mas como? Sem medicação, sem o tratamento adequado? “Errei o diagnóstico?” A mãe ajoelhou-se aos pés do médico, agradecendo, reconhecendo sua intercessão.

Lucas manteve sua rotina, acreditando ter sido mera coincidência, mas outras pequenas curas aconteciam diariamente, sem emulsões, elixires ou exames. Os diagnósticos eram feitos acertadamente, sim, mas a melhora acontecia antes do esperado pelo tratamento instituído. A pequena cidade vivia uma comoção geral. A notícia de um jovem médico milagreiro correu a região.

Certa tarde, Lucas foi chamado às pressas para novo atendimento. Uma mãe clamava por ajuda para sua jovem filha adolescente, com febre, vômitos e dor abdominal. Clássico, o exame não deixava dúvida: apendicite! Naquele instante, o médico viu a multidão que se aglomerava à frente do hospital, vans e ônibus chegavam com legiões de enfermos e admiradores. Hesitou, por um momento sentiu novamente aquela energia fortificante correndo por todo seu corpo, sentiu que podia, de alguma maneira, curar as pessoas. Que, apesar

de suas melhores intenções e conhecimento, algo operava por ele, através dele. Assumiria exercer a cura através do seu contato? Um poder imensurável, inelegível e sem controle? Estaria pronto para descartar toda a ciência milenar, atualizações e metanálises?

Olhou para aquela paciente, menina ainda, contorcendo-se com dor e febre. A mãe, sentada ao lado, com a marca da agonia no rosto, mas com olhos esperançosos, chorando em silêncio, esperava o sopro da cura e o toque do alívio da dor. Lucas estava estático, olhos perdidos, apático. Lá fora as pessoas se organizavam em filas, distribuíam senhas, pipoqueiros e quituteiras apareciam para entreter o povo. Escolheu a Ciência! Deu um salto, uma ruptura era necessária. Lucas olhou para a mãe e disse:

— Dê chás e um banho morno. É só uma virose...

Lucas saiu pela porta dos fundos com poucos pertences pessoais e nunca mais foi visto naquela região. A menina voltou no dia seguinte em piores condições e se recuperou após cirurgia e tratamento intensivo. A cidade voltou à sua rotina interiorana de costume e em pouco tempo o doutor Lucas foi esquecido até pelos que obtiveram a cura. Alguns poucos olhos críticos viram que a Fé complementa a Ciência e que podem ter uma convivência harmoniosa.

Mas uma lição ficou: um erro no diagnóstico, nem Deus perdoa!



Sons e tons

Laura Lúcia Martins Teixeira



Ouçá! Veja!
Eduque o ouvido às *nuances*
Repare nas cores em concerto
E na paleta de melodia em re-
lances

Harmonia degradê
Sinfonia de pigmentos
Ressonância furta-cor
Em preto e branco, um tenor

Um barítono marfim
E uma soprano carmim
Soltam um Lá Maior cintilante
Num dueto contrastante

Batuques coloridos
Tons pastel sustentidos
Dedilhados pintados
Toques saturados
Sinos dourados

À contra-luz
Um maestro conduz
Um coral coral
De vozes em metal
Num esfumado musical

Somos luz e sombra à capela
Num solo, a voz do coração
salienta

Bulhas rubras auscultadas
Num estetoscópio magenta

Existem tons pra ver e ouvir.
Sinta.

Gratidão

Jorge R. Ribas Timi

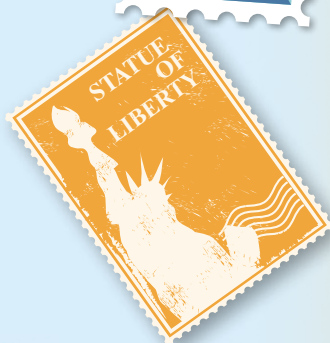
Gratidão
Agradeço à vida
Tudo que vivi
Vou continuar agradecendo
Tudo que ainda viverei

A vida é sonho
Viver é melhor que sonhar
Vivendo podemos realizar sonhos
Andando ladeados com a felicidade

A vida não é perfeita
Lágrimas misturadas com risos
Às vezes, juntos de alegria
Outras, de medo e ansiedade

Mas a via é linda
Pena não ser eterna
A cada momento vivida
Pois só o amor é eterno

Em todos os momentos da vida
Na alegria e na dor
Mesmo que ache sofrida
Viva a vida com amor



Entramos na vida sem nada
Sem levar nada sairemos
Então durante a vida
A felicidade buscamos

Seremos felizes
Vivendo com otimismo
Tendo saúde
E amando na plenitude

Se tiver amor e saúde
A felicidade deixa de ser um momento
Passa a ser um caminho longo
Percorrido por toda a vida

Portanto ame, ame muito
Torça para ser amado também
Pois só o amor é capaz
De suplantar qualquer dor

Se você for médico, lembrará
Com facilidade de uma tríade
Nesta vida só precisará
Saúde, amor e felicidade.



A janela

Gustavo Leonel Ferreira

Está sempre separando dois lados,
mas não lhe perguntaram qual queria escolher.
Mesmo o outro lado sendo revelado,
nunca lhe perguntaram o que queria ver.

Assim, vive a pobre janela
jamais escondeu nada de ninguém.
Presas em sua própria cela,
apresenta a liberdade que não tem.



A face do poeta

Márcio Fabiano Chaves Bastos

Hoje fui buscar poesia,
mas nada encontrei...
percebi no seu rosto desnudo
um espanto e um pranto...
lágrimas contidas são vertidas
e evidenciam uma opressão
sofrida, pois assim é a vida
feições amargas do descaso
parecem transformar sua face
e a expressão viva do passado
se desfez pelos vincos da agonia
agora a face virou disfarce...
e o poeta que buscava poesia
se transformou...



Encontros de veneta



Valéria Mariano Rodrigues

Estava na sala de espera do consultório do psicólogo que assiste o meu filho há dois meses. Salas de espera costumam ser frias e silenciosas, pouco acolhedoras. Afinal, todos que comigo esperavam provavelmente disfarçassem seus anseios pela identidade anônima. Como saber? O que menos me importava era saber sobre o outro. Bastava concentrar-me no meu próprio mundo, sem restrições e esperar! O fato é que nem todos se sentiam assim tão confortáveis, tal qual me apercebi.

A inquietude do silêncio, o murmúrio de alguns passos aqui e acolá ensaiavam tímidos cumprimentos e sorrisos imediatos, anunciando quem chegava ou quem saía cedendo o lugar. Cada um no seu canto! Cada um com seu celular. De preferência com a guarda da distância de alguns 20cm ou 30cm de privacidade.

Alguém se sentou ao meu lado sem pedir licença e foi de súbito abrindo conversa, com desenvoltura e intimidade, como se houvesse me escolhido para contar suas histórias. Não deveria guardar suas memórias para contar ao psicólogo? Afinal, todos que ali estavam se reservavam à espera, em comedido silêncio, sejam por si próprios ou pelos que acompanhavam. Enfim, o senso de educação e respeito me espreitava à receptividade e correspondência, então diante de tal abertura imprevisível, ela começou:

— Olá, você também está aguardando para entrar no consultório da Dra. M.? Eu me atrasei 30 minutos, acho que alguém foi chamado no meu lugar.

— Não, eu estou aguardando por meu filho que está sendo atendido pelo Dr. T.

— Ahhh sim, o T...

Pelo tom de suas palavras, ela parecia já estar habituada com a coletividade profissional. Eu retornei à tela do meu celular, a fim de que ela se apercebesse de sua inconveniência. Ela, por competência e atitude, dirigiu-se ao rapaz na poltrona de frente e fez a indagação:

— E você? Também aguardando há muito tempo? Veio para consulta com a Dra. M.?

O rapaz, meneando a cabeça, respondeu estar aguardando ser chamado pela Dra. H. Ela permaneceu inquieta à busca de outras respostas, afinal ter atrasado 30 minutos a penalizava em relação aos que aguardavam com resiliência e resignação, aparentes! Não se importando com a indiscrição, ela irrompe com mais uma pergunta à moça que freneticamente digitava palavras em seu celular, sentada na mesma poltrona:

— Você está aguardando para ser atendida pela Dra. M.?

A moça, com os dedos ligeiros, não parou de digitar e enquanto isso respondeu:

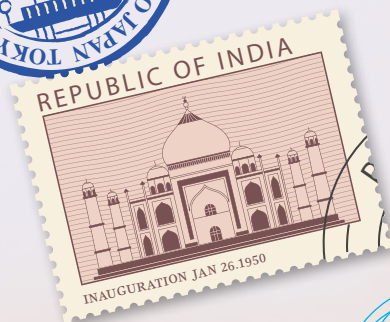
— Meu namorado acabou de entrar no consultório da Dra. C. e eu estou aguardando por ele.

Havia uma expectativa compulsiva pela resposta alheia, como se alguém, sob as mesmas condições, saciasse a ansiedade daquele momento e o seu atraso fosse minimizado pela acolhida na sala de recepção. E eu fiquei absorvendo aquelas tensões, convencendo-me de que não havia motivo para dar-lhe a atenção merecida, porque isso incluía invadir a privacidade dos demais que se mantinham silentes. Os outros? Não me pediram nada, nem mesmo o silêncio. A opção pelo recato era uma reserva intuitiva e protetiva. Mas algo me ocorreu, e já não podia mais me concentrar no meu próprio mundo, a despeito da indisposição em trocar ideias.

Mas, convenhamos, por que parece tão incômodo? Temos nos valido de celulares para não interagir, apesar de perfis e *looks* perfeitos! Virtualmente conectados, sem riscos! Quem procura por um

psicólogo procura ser ouvido, aceito e compreendido. Mas, na sala de espera, o tempo parece infinito, longo demais para suportar a possibilidade de não ser correspondido. E aquela senhora, de pouco mais de 50 anos, era a própria ansiedade em pessoa, que prorrompia em perguntas para quem chegasse e se assentasse, um após outro, motivando relacionamentos. E, num dado momento, sem se aperceber, já estavam todos se comunicando, e o silêncio da sala de espera, notório e previsível, cedeu espaço a novos amigos e furtivas risadas, tornando a desigualdade e a equivalência em pretextos para conversas e promissores encontros.

Talvez, naquele dia, os psicólogos não precisassem se esforçar tanto por ouvir seus pacientes. E, provavelmente, a Dra. M. ou a Dra. H. puderam elaborar, além de protocolos e técnicas, assertivas de bom desempenho. Talvez eu não me encontre mais com essa senhora de pouco mais de 50 anos, nem sei o seu nome, mas aprendi que pessoas curam pessoas, ainda que enfermos em sua singularidade.



Uma de amor

Carlos Augusto Sperandio Junior



Amor. Amar. Amado.

O objetivo do substantivo é atingir o adjetivo do sujeito pelo verbo.

Fácil. Difícil. Possível.

Amar sem pensar é a arte mais dicotomizada já inventada.

Como dissociar o *te amar* incontestemente dos *meus* interesses?

Aprender. Ensinar. Compartilhar.

A loucura maior do amor é que ele não existe sem o aprendizado.

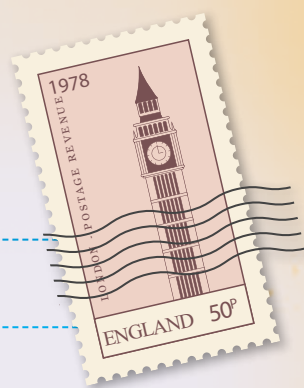
Amor incondicional vem do exemplo; de algum exemplo.

Ensinemos!



Escrita: remédio da alma

César Iria Machado



Gerar autoconhecimento é promover catarse. No sentido aristotélico, a *kátharsis* objetiva favorecer a purgação de perturbações mentais, emocionais ou morais, ocasionando o *alívio da alma*. Nesse sentido, a escrita pode estimular o leitor para a saída do marasmo e do comodismo existencial a partir do encontro consigo mesmo, tendo na função de intermediário o escritor e seus escritos. Ao mesmo tempo, pode amparar o leitor nas reflexões sobre a vida pessoal e o propósito da própria existência, baseado no autoconhecimento impulsionador de crises de crescimento. Apesar de os conteúdos escritos serem memórias do autor, a sua experimentação mediante a leitura pode propiciar *insights* transformadores e serem terapêuticos. *Os textos socorrem. Palavras iluminam caminhos. Os escritos podem promover autocura.*

A escrita e a leitura são ferramentas em benefício da cultura e do conhecimento. Quando se analisam esses instrumentos do ponto de vista histórico, nota-se que existe, desde a Antiguidade, a sua relação com o autoconhecimento e, dessa forma, com o diagnóstico e a cura das perturbações da humanidade.

No Egito Antigo, há aproximadamente 3.300 anos, o faraó Ramsés II construiu, no local que viria a ser o seu sarcófago, uma biblioteca onde posteriormente foram encontradas tabuletas escritas em pelo menos 8 idiomas diferentes. Chama a atenção uma inscrição gravada no local, a ele atribuída: *“Tesouro dos remédios da alma”*, ou



"Lugar de cura da alma". Ao que tudo indica, tal denominação para o local se devia ao fato de a inscrição estar na entrada para a *sala dos triclinios*, onde supostamente estaria enterrado o faraó e, após a morte, seria tratada a sua alma. Outra hipótese advém de a maioria dos papiros ali arquivados tratarem de temas médicos.

Entretanto, o conceito de *remédio da alma* pode ser utilizado de outra forma. Sem dúvida, a escrita e a leitura podem ser entendidas sob a ideia de medicamento. A ignorância pode ser considerada uma causa básica para as doenças da humanidade, sendo o remédio para superar tais perturbações a cultura, o conhecimento e, mais do que isso, o autoconhecimento.

Com relação ao Egito Antigo, é interessante notar a coleção de textos encontrados nas tumbas, sob a denominação de *Livro dos Mortos*. Há também, aqui, a correlação entre escrita e terapia. Esse conjunto de textos era atribuído ao deus egípcio *Thoth*, deus do saber, o *escriba dos deuses com cabeça de Íbis*, o mesmo referido por Platão em *Fedro* (em fala arrogada a Sócrates). Além de ser considerado o *Deus da Escrita*, ele tinha por objetivo ajudar a *alma dos mortos* a enfrentar os desafios nas dimensões não físicas. Seu livro era um compêndio de medicina, filosofia e magia.

Cabe citar, também no Egito Antigo, a famosa *Biblioteca de Alexandria*. Construída durante o período helenístico, tinha em um de seus pórticos a seguinte inscrição: *"Aqui, cura-se a alma"*. Tal frase também remete à cura da ignorância humana, mediante o autoconhecimento promovido pela leitura, pela cultura e pelo acesso às informações contidas nos textos.

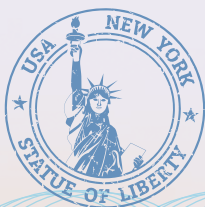
Na Grécia Antiga, importa citar a inscrição presente na entrada do *Templo de Delfos*: *"Conhece-te a ti mesmo"*. Este conceito filosófico remete à condição do autoconhecimento e foi difundida no Ocidente a partir da filosofia de Sócrates.



Ainda na Grécia Antiga, é válido mencionar o famoso *Santuário de Asclépio*, cuja construção, localizada em Epidauro, no Peloponeso, é atribuída a Ptolomeu I, no século III a.C. Asclépio é também conhecido por Esculápio, o *Deus da Medicina* ou o *Deus da Cura*. O santuário tinha por função a *nooterapia* ou a cura da mente, e a *metanoia* ou transformação dos sentimentos. De acordo com a filosofia vigente nesse santuário, as irracionalidades promoviam ideias fixas, as quais eram causadoras de doenças. Ou seja, tinha-se como causa das doenças algum processo mental, e elas só poderiam ser curadas pela ampliação da autopercepção e pela promoção de autoconhecimento. Em uma coluna de mármore, estava gravada a síntese das grandes curas da medicina de Asclépio, ressaltando a importância do autoconhecimento: *“Puro deve ser aquele que entra no Templo perfumado. E a pureza significa ter pensamentos sadios”*. Para isso, havia a união de práticas culturais e espirituais. Entre as práticas culturais, cabe enfatizar o uso da escrita, através da declamação de contos e poesias visando gerar introspecção e reflexão nos doentes, além do acesso a uma biblioteca.

As palavras proferidas, portanto, são agentes capazes de influenciar o receptor. Sejam elas escritas ou orais, ao encontrar personalidades abertas, podem agir sobre estas, modificando-as positivamente. *Ao propiciar autorreflexão, o texto favorece o autoconhecimento*. O escritor, mediante as palavras escritas, pode ajudar o leitor a se tornar uma pessoa melhor.

As argumentações anteriores nos conduzem, assim, a uma conclusão: as energias irradiadas a partir das autorreflexões e autovivências do escritor vão *transbordar as páginas do livro*, contagiando positivamente o leitor, abrindo-o para as renovações pessoais. Em outras palavras, *a escrita é remédio da alma*.



A caverna mais escura

Rodrigo Hiromu Kumagai



Se a cólera não for suficiente
Para que a injúria do flagelo ardente
Seja penitente

Se o sacrifício além da dor
Para suposto ofício de valor
Foi apenas difícil

Deves procurar onde ninguém procura
Pela luz que leva sábios à loucura
Em cada passo afundo na caverna mais escura

E que herói seria! Digno de uma canção!
Ao procurar a redenção pela travessa mais sombria
O pacto moral reforça sua resolução
Avante na aventura que trará fim à agonia

Mas se vazio foi, menos ainda sairá
Mal-aventurados são os que se submetem lá
À esperança falha, à tentação crescente
À amizade última com uma serpente



Ela oferece um pacto de saída
Ah! Quão banal é a ruína
Por valor veio e por prazer se foi
Um breve hasteio de uma bandeira sem cor

Mal titubeou nosso campeão
Em ceder tudo que lhe dava razão
Pois seu âmagô não havia certeza
De que o bem estava além da pureza

E assim caiu, mergulhou no fracasso
Lamentou pelo bem ser tão escasso
Deitou-se e fingiu que nada foi em vão
Eis o fim de uma luz sem direção



3x4

Neuton Lelis

de mim
apenas eu
poeta
quis-me Deus assim

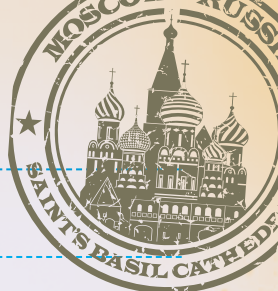
sem plantar nem colher
sem partir nem ficar
tecendo a sombra dessas palavras
no silêncio sem dor

apenas poeta
eco nessa noite ampla
entre os fios da solidão e das aves empoleiradas e quietas...



O chamado

Matheus C. S. Bruce



Vinha em ondas. Floriano não sabia o que era o impulso, mas ele vinha. Algo como o sentar na rebentação de sua antiga casa, diante do mar e do azul, deixando ondas infiéis lamberem-lhe o peito e puxarem-no para si. Era o mesmo agora.

A casa em que Floriano então morava repousava confortavelmente numa praia deserta. Um casebre antigo, porém cândido, de madeira branca descascada, que gemia como idoso e lhe sorria com janelas banguelas desde que se entendera por gente. Enquanto o jardim da maioria dos outros meninos era de grama pontuda e flores fúteis, o de Floriano era feito de areia macia, conchas misteriosas e coqueiros. A cerca era a linha que o mar tocava, logo um tanto fluída. O vento assobiava de noite mistérios do oeste, só para ele ouvir. Tudo era um sonho que esqueceu de partir quando o sol chegou.

No auge da sua sabedoria de 11 anos, Floriano sentia que, como seu lar idoso, ele também seria idoso ali um dia.

Mas não. Os Grandes são difíceis, não entendem as urgências daquilo que um dia foram. Seus pais diziam que precisavam mudar de casa, que aquela era pequena e ele estava crescendo, e logo ninguém mais caberia ali. Mas como não caberiam? Sonhos não tinham fronteiras, oras! Após a escola, Floriano passava o dia todo na praia e seus pais quase sempre trabalhando. O velho casebre só tinha companhia à noite.

Mas apelar foi em vão. Eles se mudaram. Colocaram uma nefasta placa de “vende-se” e depois uma nefanda placa de “vendido” na frente da porta, disseram seu último adeus — não tão emocionados da parte de seus insensíveis pais — entraram no carro e foram. Que tristeza olhar aquela casa amada, acenar-lhe adeus, senil de-

mais para entender que nunca mais se veriam... E agora Floriano se amargurava numa casa maior, também de madeira, também branca, mas não descascando, que não gemia e com carinha de nova. Longe do azul infinito. Diante dele agora só havia verde. Um verde intrometido, que não respeitava espaço.

Os Grandes disseram, enquanto dirigiam com seus sorrisos incorrigíveis, que compraram a casa nova diante da floresta para que ele ainda pudesse estar junto da natureza. Floriano apenas os olhou e abraçou os joelhos. Mordeu a língua. Que mané natureza! Floresta nenhuma é mar! Por ele, Nóe podia trazer o dilúvio inteiro em cima daquelas árvores, presenteando-lhe com um oceano novinho, com arca e tudo. Mas Deus não devia achá-lo tão bom menino, já que as plantas perduraram, zombeteiras. Por semanas, sua única amizade foi Delfim, o vira-lata com *pedigree* que decidira recepcioná-los na nova moradia. Os dois tinham cabelos e pelos do mesmo loiro pálido. Eram irmãos separados no berço, só podiam ser, só que um usava calças e o outro era sempre feliz.

E então elas vieram. De noite, uma a uma. Chamando, querendo. Era algo no ar, na forma com que as folhas vibravam. Floriano sabia que estavam vindo, que continuariam vindo, e sabia que eram ondas. O que mais poderia ser tão vasto e largo, tão intenso e breve? Dentro do azul, ele as sentia todo o tempo. Mas essas vinham do verde, cheias de sortilégios. Como?

Outra onda. Dragando. Puxando. Chamando. Floriano abraçou Delfim, sentado diante da janela, observando as árvores misteriosas. Há muito o medo passara, já que a promessa do segredo nunca chegava. Tudo o que tinha agora era uma imensa curiosidade de gato vivo. O vira-lata lambia-lhe conselhos: o mar enganava, chamava para dentro e para longe e não devolvia mais. Seu pai o havia ensinado a não confiar. Mas azul não é verde. Florestas também seriam tão sorrateiras?

E então, revolta: o que seu pai sabia? Ele lhe tirara o mar. Nova onda ribombou, sino de catedral perdida. Pois muito bem. Floriano pulou a janela num rompante bravio. Na sua cabeça, a cena toda era digna de cinema: o pulo, a raiva, a casa, o verde. Ele só precisava da melhor bravata que poderia pensar para dar início à sua jornada. Que pena que Delfim não tivesse coragem de pular a janela, e Floriano então teve de voltar para abrir-lhe a porta. Cena arruinada, mas o chamado ainda havia. Os dois se embrenharam no verde.

As ervas logo o engoliram, escondendo-lhe a casa nova. Não que quisesse voltar, de qualquer modo, não tinha medo. E, se por acaso quisesse, Delfim poderia guiá-los, deveria ser um ótimo guia. Seus passos não faziam som, abafados pelas folhas caídas em carpete úmido. Não havia tantos animais como esperava, em sua maioria insetos. O azul sempre lhe presenteava com peixinhos e caranguejos, borboletas não eram uma troca justa. Subiu em pedras estuporadas, agasalhadas de musgo. Foi bom, mas não melhor que nadar.

Nova onda, mais forte agora. Algo em Floriano sabia que era um chamado. De repente sempre soube. Algo o chamava no mosaico esverdeado da floresta, sem voz, com muita ânsia. Alguém queria muito conhecê-lo. Toda aquela vontade o assustou e acariciou Delfim em busca de consolo. O abanar de cauda lhe disse que tudo estava bem.

Floriano não sabia, mas saberia em breve que o verde nada mais é do que o azul sob disfarce. O que veria, enrolado nas raízes da figueira, não teria fim e mal teria começo, exatamente como a visão infinita de seu antigo jardim de areia. O hálito que sopraria em seu rosto, seria cheio de segredos que só as montanhas mudas sabiam. Seria tão antigo que poderia ter — e teria — visto a madeira de sua casa anciã ainda dormir dentro de suas sementes.

Entenderia por fim por que se mudara. E descobriria também o mais maravilhoso segredo que aquela floresta guardava.



Jardinagem dos encontros

Elis Cristine Bevia Graf



Era começo de vivência em ambiente médico e de equipe multidisciplinar. Experienciando o dia a dia de atendimentos que antes eram descritos em livros e figurados por ilustrações que, por mais que tentassem e continuem a tentar, nunca hão de atingir o que de fato é o real. Porque a doença não é só o que elucida o exame clínico, laboratorial e de imagem; é também o que é o humano. E sendo assim, façamos sim anamnese clínica, mas ousemos dizer, também emocional e espiritual... Até porque é de importância que relembremos corriqueiramente que o ser sendo está imerso em um ambiente social, englobando a fala, o toque, o amparo, a atenção. Fatos que se juntam microscopicamente em um organismo biológico durante dias, anos, décadas; bloqueando ou afrouxando descargas energéticas tais — necessárias ou desastuosas — resultando em um tempo de prevalência de (des)equilíbrio de um ínfimo de fatores. A soma disso tudo que aconteceu antes é o que de fato se vê hoje. Será saúde? Será doença?

O ambiente hospitalar não é dos mais agradáveis possíveis. Para isso, basta pensar que ninguém acorda pela manhã e quer, por livre e espontânea vontade, fazer uma visita ou dar uma volta no Hospital. Quem o faz é, à primeira vista, tachado de louco. Mas daí nos questionemos: o que é ser louco? Mas sim, lá há muita tristeza, dor, mágoa, lágrimas. Porém é também um ambiente de aprendizado. Doação. O paciente doa, o profissional doa. Nem que seja o tempo



um do outro. Ah, o tempo... Quando se tem idade nova, o anseio de ser mais velho — *quanto tempo falta para eu poder ir à escola sozinho? Para eu poder sair à noite sozinho? Para eu poder morar sozinho?* É, a gente quer que ele passe tão, mas tão rápido a ponto de desmanchar. Ser grande! Nesse tempo, o tempo é apenas empecilho de supostos planos. A prova da mudança de noção de tempo durante a vida é também a da transformação do que é ser.

De tantas oportunidades e bens que o ser médico proporciona, o que mais me traz razão para sê-lo são as relações humanas. A confiança na troca tida, seja por uma conversa, seja por um longo período de acompanhamento. E nesse misto de diálogos e sentimentos, parece sombrio, mas o sofrimento é presente e ensina. O ditado já diz: aprende-se no amor ou na dor. Pois bem, será que talvez não nos dois?

A vida é mesmo tecido frágil, um amontoado de entrelaços costurados com esmero. Depois do nascimento, a certeza da morte. E, por mais que certo, a fuga desse fato consumado. Haja pernas para correr! E então, nesse meio de reflexão constante, atendi um paciente. Homem, mais de 70 anos, câncer metastático. Doses de opioides sempre altas. Sem isso, impossível suportar o que era naquele momento tido como vida. Entre momentos de sonho constante, alguns de lucidez. A família sendo preparada para a passagem. A senhora da morte já estava pronta na porta do leito, por mais que estivesse a aguardar há dias, meio impaciente.

Chego para examiná-lo e me deparo com um momento de consciência (e nesses, sempre de bom humor). Examino, converso, rio — porque sim, mesmo que em constante sofrimento, ainda há intervalos com momentos de felicidade —, agradeço e sigo para evoluir o paciente. Já estava a sair da sala quando me chama. Volto. Escuto. A vida, doutora, pode ser dura... mas é melhor levar ela com bom-hu-



mor. Bum! Uma mente, quando expande, nunca mais volta a ser a do mesmo tamanho que antes.

Os quartos dos hospitais estão cheios de vivências, de histórias, de vida. Relacionamento humano é também presença e tato. Ensinaamentos que necessitam de atenção, pois um descuido faz com que passem despercebidos. As conversas com o universo. À espera pelo incerto. As energias de cura. O autoperdão doído. Os últimos suspiros silenciosos. E também as múltiplas cores da vida. Porque para morrer não se necessita apenas da ausência de sinais vitais; para morrer, só é preciso estar vivo. O mistério é a graça. Fiquemos atentos e não nos deixemos morrer em vida. Mantenhamos as trocas gasosas conscientes, o laço e não esqueçamos: presente é. E nada mais.



Resistência/resiliência

Vanessa Canossa



Diante do mundo, de todo o caos
Eu resisto
Diante do percurso, de todos os degraus
Eu insisto

Não me esquecerei da minha essência
Das minhas inspirações e motivações
Os fracassos fazem parte da existência
E não deixarei de aprender todas as lições

Quando o desânimo vier,
Sei que tudo passa
Tenho todo o apoio que puder
E resiliência que basta

Mesmo com as dificuldades,
Eu permaneço
Diante da vida e suas imprevisibilidades,
Eu floresço



FIRST DAY ISSUE



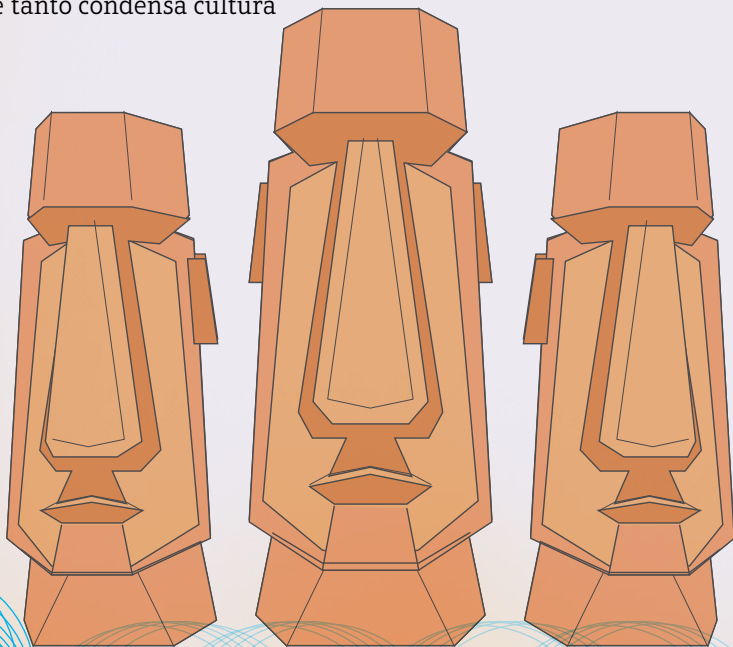
Paraná é o meu estado

Denner Sampaio

O alvorecer ergue-se úmido
A pujante bruma se aloca
Em passos largos pelas marquises
Curitiba, cidade histórica

Araucária tão imponente
Dos braços desabrochados
Que de tão cativa
Abençoa esse Estado

Paraná que esbanja bravura
Pinhão cozido em noite escura
De gente muito sutil
Que tanto condensa cultura



Índice remissivo

Affonso Antoniuk	69
Alexandra Pires Grossi	151
Aline Pagliosa	172
Ana Larissa Terujo Arimori	160
André Busato da Costa	67
Andréa Vianna Carvalho	171
Antônio Caetano de Paula	129
Artur Palú Neto	195
Augusto Boshammer Piazero	116
Aurélio Marcos Ribeiro	58
Bárbara Okabaiasse Luizeti	120
Beatriz Reinhardt de Araujo	121
Bruno Henrique Ribeiro Valério	46
Caio César Silva de Castro	19
Caio Murilo de Almeida	30
Carlos Augusto Sperandio Junior	214
Carlos Homero Giacomini	177
Carlos Magno Guimarães	106
César Antônio Caldart	38
César Iria Machado	215
Cláudio Luciano Franck	86
Daniel de Barros Franco	22
Daniel Pereira	42
Deise de Abreu e Silva Tuppan Mattos	40
Denner Sampaio	228
Diego Arcanjo	32
Edgardo Fernando Estrada Araneda	112
Edmilson Mario Fabbri	163
Eduardo Giacomini	161
Eduardo Mischiatti	122
Élio Luiz Mauer	166
Elis Cristine Bevia Graf	224
Fabricia Daniela Martins Almeida	71
Felício de Freitas Netto	74
Felipe Pinheiro de Figueiredo	100

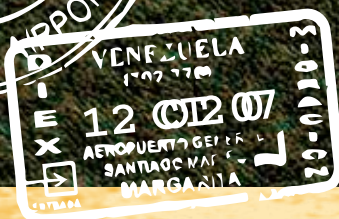
Fernanda Musse	20
Gilberto Carlos Macedo	79
Gilmar Calixto	133
Glendha de Sousa Kemer	101
Gustavo Abud Priedols	125
Gustavo Leonel Ferreira	209
Gustavo Zoéga Salles Bueno	189
Hélcio Giffhorn	37
Heloisa de Carvalho Mota Menezes	108
Isabeli Lopes Kruk	45
Jacemar Cristina Rocha da Costa	18
Jaqueline Doring Rodrigues	193
Jaqueline Roberta Barbosa	179
Jeanine Berbel	17
Jeferson Puppi Wanderley	92
João Batista Neiva	137
João Bosco Strozzi	53
João Carlos Simões	73
João Gabriel Vicentini Karvat	164
João Victor Vecchi Ferri	64
Jorge R. Ribas Timi	207
José Jacyr Leal Jr.	123
José Luiz Pinto Pereira	103
Júlia de Cerqueira Leite Hexsel	145
Júlia Feldmann Uhrý	149
Juliana Fronchetti	140
Juliane Nery	62
Juliano da Silva Ferreira	157
Junia Smal Staehler	107
Laoane Guimarães Martins	78
Laura Lúcia Martins Teixeira	206
Leandro Ribas	25
Ligia Renuncio	88
Lorivaldo Minelli	47
Loyse Bhon	84
Luiz Antônio Sá	158
Lutfalla Farah	95
Manuela de Quadros	66

Márcio Fabiano Chaves Bastos	210
Marcos Antônio da Silva Cristovam	131
Marcos Antonio Tosi Junior	27
Maria Isabel Ghilhem	142
Maria Ofélia Fatuch	169
Mariana Puppi	77
Marilene Madsen	127
Matheus C. S. Bruce	221
Matheus Jürgen Riepenhoff	98
Mayara de Matos Avila	115
Nayara Bazo Ferreira	180
Neuton Lelis	220
Olindio Vaz Primo	110
Paola Figueiredo Mylla Todeschini Alves	76
Patrícia Maria Pessoa Vinhas	165
Patrick Kobayashi Rodrigues	35
Pedro Henrique Bonifácio Shiino	90
Petr Soares	65
Phillipe Abreu	96
Priscila Luzia Pereira Nunes	156
Rafaela Andrade Rocha	175
Raquel Lautenschlager Santana Proença	33
Reginaldo Werneck Lopes	49
Ribamar Leonildo Maroneze	203
Richard Handerson Mendes Duarte	136
Roberto Brunow Ventura	200
Roberto Pirajá Moritz De Araújo	154
Rodrigo Castello Branco Manhães Boechat	147
Rodrigo Hiromu Kumagai	218
Sérgio Luiz Azambuja	75
Silvia Yumi Yamamoto Miashiro	57
Tania Hegler	182
Thiago Magalhães de Souza	50
Úrsula Bueno do Prado Guirro	28
Valdir Furtado	185
Valéria Cristina Scavazine	114
Valéria Mariano Rodrigues	211
Vanessa Canossa	227

Victória Ribeiro de Medeiros	51
Wesley Elizandro Luciano	153
Wu Feng Chung	139
Yuki Rezende Shibata	43
Zuraida Tiago Neves Pytlovanciv	143



17 FEB
DEPARTED
AUSTRALIA
LANGGATTA AIRPORT 318G



Mundialmente famoso por suas histórias sobre o detetive Sherlock Holmes, o médico e escritor inglês Arthur Conan Doyle e, em nosso país, o também médico João Guimarães Rosa, imortal da Academia Brasileira de Letras e considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX, são dois exemplos, entre tantos outros, da profícua relação entre a Medicina e a literatura. O encontro entre a ciência e a arte confere, ao olhar do escritor, o sentido prático e de realidade e, ao olhar do médico, a sensibilidade e a generosidade, gerando um perfeito equilíbrio. Ambas as atividades conhecem e lidam com a condição humana, e a atenção a essa inter-relação da razão e da subjetividade é um dos aspectos principais das chamadas Humanidades Médicas, que já vêm sendo introduzidas nos currículos de várias escolas de Medicina e também são um dos três pilares de conteúdo da plataforma EduMedica, o braço *online* da Universidade Corporativa da AMP.

O apoio da Ucamp ao Concurso Literário, desde sua primeira edição é, portanto, também o seu olhar a todos os colegas que nos brindam com suas experiências e emoções, e um incentivo a que, cada vez mais, se fortaleçam esse diálogo e a construção de saberes.

BY AIR MAIL
PAR AVION

09 07 00 47

WICK SCHNEIDER
F 2004



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ



Associação
Médica do
Paraná



Dr. José Fernando Macedo
Presidente da Ucamp

Um passaporte para
a literatura

